



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO ESPÍRITO SANTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

SAYONARA DE ANDRADE DUTRA

CÍRCULOS DE CULTURA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE UMA
EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO ENSINO MÉDIO

VITÓRIA 2025



*Programa de Pós-Graduação
Profissional em Educação - Ufes*

SAYONARA DE ANDRADE DUTRA

**CÍRCULOS DE CULTURA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE UMA
EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO ENSINO MÉDIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Gomes Rufino Andrade

VITÓRIA

2025

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

D978c Dutra, Sayonara de Andrade, 1976-
CÍRCULOS DE CULTURA NO PROCESSO DE
CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO
ENSINO MÉDIO / Sayonara de Andrade Dutra. - 2025.
118 p. : il.

Orientadora: Patrícia Gomes Rufino Andrade.
Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) -
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação.

1. Círculos de Cultura. 2. Prática Pedagógica Antirracista. 3. Educação Escolar Quilombola. 4. Ensino Médio. 5. Marataízes/ES. I. Andrade, Patrícia Gomes Rufino. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação. III. Título.

CDU: 37

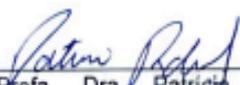
SAYONARA DE ANDRADE DUTRA

**CÍRCULOS DE CULTURA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE UMA
EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO ENSINO MÉDIO**

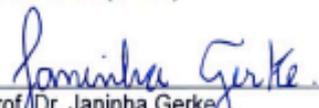
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em: 14/04/2025

Comissão Examinadora



Prof. Dra. Patrícia Gomes Rufino
Andrade
Orientadora (UFES)



Prof. Dr. Janinha Gerke
Examinador Interno PPGPE/(UFES)



Prof. Dr. Olindina Cirilo Nascimento
Serafim
Examinador Externo Secretaria Municipal
de Educação de São Mateus

*Deus, pelos teus grandes feitos:
por cada dia em que me vi desorientada,
por tanto cuidado e zelo em cada dificuldade,
por me encontrar todas as vezes
que me vi perdida,
por me consolar
a cada vez que me desesperei,
por me sustentar
quando sem forças, quis parar.
E assim, em cada detalhe e tão silenciosamente, me disse:
Filha, eu te sustento e te guardo, continue.
Estou contigo.*

AGRADECIMENTOS

Marido, por cada momento de acolhimento, quando me desesperei, você sempre esteve presente e se fez presente, nas horas difíceis e de muito choro e angústia, gratidão pelas palavras de incentivo e fortalecimento.

Filhos, **Gabriel e Arthur**, por tanto em tamanha distância, por todas as conversas e desabafos, que foram muitas.

Minha nora **Fernanda** e minha primeira neta, **Ana Gabriela**, por cada troca de carinho e cuidado que tiveram comigo. Para vocês mulheres, meu recomeço por um mundo mais justo e igualitário, que respeite a diversidade cultural.

Mãe, **Maria de Fátima**, por cada oração, por cada abraço acolhedor em dias complicados. Por você mulher, realização de um sonho, de uma conquista.

Pai, **Silvano Antônio de Andrade**(em memória), por sua forma simples e espontânea de me ensinar a música, a literatura, a natureza, enfim, a vida. Saudades, até breve.

Professora Doutora **Patrícia Gomes Rufino Andrade** com os ensinamentos que marcaram, significativamente, minha trajetória acadêmica em uma Universidade Federal.

Turma Jurema de Oliveira, por todas as gargalhadas e lágrimas. Por cada auxílio e palavra amiga. Sigamos e não perecemos.

RESUMO

A presente dissertação teve como objetivo analisar o círculo de cultura como prática pedagógica antirracista no ensino médio na disciplina de Língua Portuguesa na EEEFM Domingos José Martins, escola que recebe estudantes da comunidade quilombola Graúna. As inquietações emergidas logo no início da pesquisa nos conduziram para a realização de uma prática antirracista, pensando em uma metodologia que promovesse o respeito ao outro a partir de narrativas confessionais, reconhecendo e valorizando o grupo étnico presente no ambiente escolar. Nesse sentido, adotamos uma abordagem de pesquisa qualitativa, com questionário diagnóstico e captura de narrativas em rodas de conversa, cujo desenho metodológico conduziu à pesquisa-ação exploratória e também à análise do discurso. Como resultado, exploramos as narrativas confessionais dos estudantes da EEEFM Domingos José Martins e criamos uma sequência didática no formato digital de círculo de cultura e também um *podcast* com as narrativas compartilhadas nos círculos. A partir disso, a pesquisa revelou a eficácia do círculo de cultura na promoção da identidade quilombola e não quilombola, especialmente na redução de preconceitos raciais entre os alunos.

Palavras-chave: círculos de cultura; prática pedagógica antirracista; educação escolar quilombola.

ABSTRACT

This dissertation aimed to analyze the culture circle as an anti-racist pedagogical practice in high school in the Portuguese Language discipline at EEEFM Domingos José Martins, a school that receives students from the Graúna quilombola community. The concerns that emerged early in the research led us to carry out an anti-racist practice, thinking of a methodology that would promote respect for others based on confessional narratives, recognizing and valuing the ethnic group present in the school environment. In this sense, we adopted a qualitative research approach, with a diagnostic questionnaire and capture of narratives in conversation circles, whose methodological design led to exploratory action research and also to discourse analysis. As a result, we explored the confessional narratives of students at EEEFM Domingos José Martins and created a didactic sequence in the digital format of a culture circle and also a podcast with the narratives shared in the circles. From this, the research revealed the effectiveness of the culture circle in promoting quilombola and non-quilombola identity, especially in reducing racial prejudices among students.

Keywords: culture circles; anti-racist pedagogical practice; quilombola school education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Município de Marataízes e localidades identificadas no trajeto percorrido pelos estudantes da comunidade quilombola	20
Figura 2 – Comunidade quilombola Graúna em 3D	36
Figura 3 – Grupo de dança “Raízes Quilombolas” em apresentação na EEEF Graúna, Graúna/Itapemirim	40
Figura 4 – Atividade desenvolvida pela professora Raylane com os estudantes da turma no ano de 2024	42
Figura 5 – Apresentação do Jongo Mestre Bento	43
Figura 6 – Distância percorrida pelo estudante da comunidade quilombola Graúna/Itapemirim para a EEEFM Domingos José Martins, Marataízes	46
Figura 7 – Município de Marataízes, onde está localizada a EEEFM Domingos José Martins	47
Figura 8 – Festas das Canoas no município de Marataízes	49
Figura 9 – Área externa da escola, com acesso à avenida central do município	50
Figura 10 – Estudantes no primeiro encontro realizando a leitura do termo de consentimento livre	67
Figura 11 – Aplicação da Dinâmica “O peso do preconceito”, após sensibilização	68
Figura 12 – Estudante realizando a leitura do texto descritivo sobre os personagens do Sítio do Pica Pau Amarelo	70
Figura 13 – Estudantes folheando o alfabeto antirracista e tirando foto enquanto outros estavam lendo os textos propostos	74
Figura 14 – Estudante realizando a leitura da linha do tempo enquanto outros continuaram folheando o alfabeto móvel e interagindo com seus colegas	75
Figura 15 – Participantes assistindo ao documentário sobre a receita de Dona Elza, moradora da comunidade quilombola Graúna	77
Figura 16 – Último encontro com a apresentação de obras da literatura afro-brasileira	79
Figura 17 – Autoavaliação utilizada após aplicação do último círculo-rubrica	81
Figura 18 - Capa da sequência didática e QR Code de acesso ao Podcast	82

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Demonstrativo de produções sobre educação escolar quilombola	31
Quadro 2 – Etapas da pesquisa	57

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMOGRAU	Associação Moradores Graúna
BDTD	Banco Digital de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEFOPE	Centro Formação Professor Estadual
CEP	Comitê de Ética e Pesquisa
CNE	Conselho Nacional de Educação
EEEF	Escola Estadual de Ensino Fundamental
EEEFM	Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ES	Espírito Santo
IFES	Instituto Federal do Espírito Santo
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Km	Quilômetro
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação e Cultura
NEAB	Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros
PPGMPE	Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação
PROERER	Programa de Educação das Relações Étnico-Raciais
SECAD	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade
SEDU	Secretaria de Educação
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo

SUMÁRIO

MEMORIAL: TOMANDO CONHECIMENTO	14
1 INTRODUÇÃO	16
1.1 APRESENTANDO A PESQUISA	17
1.2 METODOLOGIA DO CÍRCULO DE CULTURA	21
2 REFERENCIAL TEÓRICO	23
2.1 PESQUISAS EM EDUCAÇÃO DA RELAÇÃO ÉTNICO-RACIAL QUE FUNDAMENTAM A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA	30
3 TERRITÓRIO QUILOMBOLA GRAÚNA	37
3.1 COMUNIDADE QUILOMBOLA GRAÚNA- TERRITÓRIO	38
3.2 IDENTIDADE CULTURAL: JONGO EM ITAPEMIRIM	42
3.3 ENFRENTAMENTOS VIVIDOS	44
4 EEEFM DOMINGOS JOSÉ MARTINS	48
4.1 APRESENTANDO MARATAÍZES: BALNEÁRIO CAPIXABA	48
4.2 A ESCOLA: FOCO DA PESQUISA	49
4.3 DIRETRIZES DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO	52
5 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA: ABORDAGEM DE NATUREZA QUALITATIVA-ANÁLISE DOS DADOS	53
5.1 PESQUISA-AÇÃO EXPLORATÓRIA	54
5.2 CÍRCULOS DE CULTURA NA EEEFM DOMINGOS JOSÉ MARTINS	56
5.3 DIAGNÓSTICO INICIAL NA EEEFM DOMINGOS JOSÉ MARTINS	59
5.3.1 Diagnóstico dos docentes	59
5.3.2 Diagnóstico inicial dos estudantes participantes e a garantia das ações	63
5.4 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA PARA OS PARTICIPANTES	66
5.4.1 Primeiro encontro: Sensibilização e palavras geradoras	68
5.4.2 Segundo encontro: Palavra geradora “Estereótipos”	70
5.4.3 Terceiro encontro: Políticas e ações – Linha do tempo	73
5.4.4 Quarto encontro: Direitos humanos	77
6 (IN) CONCLUSÕES	82
REFERÊNCIAS	85
APÊNDICES	89

APÊNDICE A – INFOGRÁFICO UTILIZADO NA APRESENTAÇÃO DA PESQUISA	89
APÊNDICE B – TEXTO DESCRITIVO DOS PERSONAGENS DO SÍTIO DO PICA PAU AMARELO	91
APÊNDICE C – TERCEIRO ENCONTRO: POLÍTICAS E AÇÕES	94
APÊNDICE D – QUARTO ENCONTRO: DIREITOS HUMANOS	97
APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DE NARRATIVAS COMPARTILHADAS NO PRIMEIRO CÍRCULO DE CULTURA	102
APÊNDICE F – SEGUNDO ENCONTRO: APLICAÇÃO DA PALAVRA GERADORA “ESTEREÓTIPOS”	108
APÊNDICE G – TERCEIRO ENCONTRO: POLÍTICAS E AÇÕES	112
APÊNDICE H – QUARTO ENCONTRO: DIREITOS HUMANOS	117

MEMORIAL: TOMANDO CONHECIMENTO

Ao longo da minha trajetória como educadora, tive a oportunidade de refletir e amadurecer minha compreensão sobre as questões étnico-raciais, um tema que atravessa a educação e a sociedade de forma crucial. Esta reflexão busca compartilhar as experiências, os desafios e as aprendizagens que marcaram este percurso.

Ao iniciar minha formação, percebi que questões relacionadas à diversidade étnico-racial raramente eram tratadas de forma aprofundada. Durante a graduação, questionamentos fizeram com que as discussões fossem pontuais e, muitas vezes, limitadas ao campo teórico-literário, quando, em 2008, a escrita do artigo -“O negro no discurso Machadiano”, publicado na Revista Camiliana de Iniciação Científica-2009, foi legitimador para delinear o enfrentamento interseccional, enfrentamento que foi percebido, quando atuando em sala de aula, vi a urgência de abordar essas questões de forma prática e significativa.

Adequando o currículo à nova proposta de questionamentos sobre a história afro-brasileira e levando os alunos a compreender a cidadania, posicionando-se de forma crítica e construtiva. Conhecendo as histórias e vivências dos meus alunos, possibilitando o desenvolvimento de si, a confiança em suas capacidades, utilizando diferentes linguagens, percebi que a atuação como professora de Língua Portuguesa, utilizando a linguagem como manifestação da cultura, promovendo o respeito às diferenças culturais na formação do sujeito e promovendo o reconhecimento dos diferentes grupos étnicos brasileiros.

Nos primeiros anos de trabalho, a insegurança ao tratar de temas étnico-raciais era imensa ao temer em dizer algo inadequado ou não atender às expectativas de estudantes e suas famílias. Com o tempo, entendi que o silêncio perpetua desigualdades, e a falta de diálogo inviabilizava as questões enfrentadas por estudantes negros.

Rompendo o silêncio, em 2015, participei de um curso de Aperfeiçoamento em Gênero e Diversidade na escola, Instituto Federal do Espírito Santo (IFES) Cachoeiro de Itapemirim. Foi uma capacitação fundamental para aprimoramento de leituras e diálogos diversos com outros profissionais e especialistas da área, que abordaram a obrigatoriedade da Lei nº 10.639 (Brasil, 2003). Essa formação foi um marco profissional que motivou a revisão de práticas pedagógicas e inclusão, de

forma consistente, de conteúdos que valorizassem a pluralidade cultural do Brasil desempenhando o papel de combate ao racismo percebido nos modos de falar sobre o tema.

A desconstrução dos estereótipos racistas normalizados no cotidiano escolar, como: “tinha que ser preto” e “aquele menino do morro vai ser como pai, daqui uns dias vai estar preso”, bem como a valorização étnico-plural passaram ser mais presente em sala de aula, utilizando a literatura, músicas e obras de arte de autores negros para ampliação do repertório cultural dos alunos realizando projetos interdisciplinares e buscando apresentar de forma categórica as contribuições das culturas africanas e afro-brasileiras na formação do nosso país. As contribuições culturais e sociais promovidas em rodas de conversa ao compartilhar histórias e percepções do cotidiano do estudante com estratégia de superação ao racismo escolar.

Compreendendo a escola como lugar de resistência e abrigo contra a violência racial, busquei a capacitação na temática diversidade e prática inclusiva, participando do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB), sob coordenação da Profa. Dra. Patrícia Gomes Rufino Andrade. As contribuições promoveram reflexões críticas sobre o racismo e valorização dos diversos saberes que constituem nossa sociedade. Ampliando a compreensão desse processo de construção de uma prática pedagógica antirracista como contínuo e exigente de constante reflexão e aprimoramento, entendo que o papel como educadora vai além do conteúdo acadêmico, sendo também de uma agente de transformação social.

1 INTRODUÇÃO

A questão de pesquisa que norteia o trabalho é: Como o círculo de cultura pode ser um instrumento articulador para a promoção de práticas pedagógicas antirracistas no ensino médio com enfoque na disciplina de Língua Portuguesa? Essa temática se justifica pela importância de desenvolver práticas pedagógicas antirracistas em uma escola de educação escolar quilombola Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Domingos José Martins.

Além disso, essa questão relaciona-se com o objetivo geral desta pesquisa que é: Analisar o círculo de cultura como prática pedagógica antirracista no ensino médio na disciplina de Língua Portuguesa na EEEFM Domingos José Martins, que recebe estudantes da comunidade quilombola Graúna. E os objetivos específicos que são: I) Analisar o círculo de cultura como estratégia pedagógica para o enfrentamento ao racismo; II) Analisar os processos de autoconscientização dos estudantes durante as atividades desenvolvidas; e III) Criar um produto digital sequência didática: círculo de cultura- prática pedagógica antirracista para a educação escolar quilombola.

Seguiremos os caminhos metodológicos delineados por Thiollent (2011, p. 22), que propõe a pesquisa-ação exploratória “[...] com a pesquisa-ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados”. Apresentamos os capítulos estruturados da seguinte forma.

No Capítulo 1, iniciamos com a apresentação da pesquisa, seguidamente, realizamos a descrição da metodologia do círculo de cultura conceituando essa pedagogia aplicada asseverando as ideias do autor Paulo Freire e abordando a pedagogia desenvolvida pelo autor como prática educativa antirracista.

No Capítulo 2, o referencial teórico e a revisão de literatura abordam pesquisas e teóricos que aprofundam a temática de nossa investigação fortalecendo os diferentes grupos sociais que formam a sociedade, mas também, produções científicas fundamentando a educação escolar quilombola.

No Capítulo 3, apresentamos o território quilombola Graúna, a sua história e origem do nome da comunidade, mas também a identidade cultural do município

Itapemirim - o jongo, destacamos os enfrentamentos vividos pelos estudantes da comunidade com a saída do ensino fundamental.

No Capítulo 4, neste capítulo o município de Marataízes e a EEEFM Domingos José Martins são apresentados de maneira revelando a localidade que recebe os estudantes da comunidade quilombola. Relatamos sobre as diretrizes utilizadas pela Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo sobre a educação escolar quilombola.

No Capítulo 5, apresentação dos procedimentos da pesquisa utilizando a abordagem de natureza qualitativa, bem como a organização metodológica dos Círculos de Cultura. Definimos a Pesquisa-Ação Exploratória e os resultados do diagnóstico inicial aplicado aos professores e aos participantes da pesquisa, estudantes da turma 1v1. As análises dos dados da pesquisa são evidenciados por meio do gênero narrativas confessionais¹ utilizadas nos círculos em cada encontro.

Seguidamente o Capítulo 6 pontua as inconclusões de nossa pesquisa e o quanto precisamos da efetivação de uma educação antirracista. É importante enfatizar que esta pesquisa não é o fim, considerando as confluências de Nêgo Bispo (2023) mas o começo de outras investigações. As inconclusões apresentadas são confluentes para outros compartilhamentos futuros e aprofundamentos em outras inquietações sobre a prática pedagógica antirracista da educação escolar quilombola.

1.1 APRESENTANDO A PESQUISA

Um ano letivo novo se inicia, e as inquietações sobre uma educação de qualidade e a angústia de garantir o sucesso escolar para todos vão assombrando o fazer pedagógico. Como professores, escutamos os murmúrios pelos corredores, a diversidade sociocultural percebida pelas presenças ou pelos gritos silenciados. E quando em sala de aula, as apresentações vão apontando para as necessidades de

¹ O gênero de narrativa confessional, segundo bell hooks(2019), é uma forma de expressão pessoal que busca explorar e compartilhar experiências íntimas, frequentemente centradas em questões de identidade, opressão e resistência. Hooks enfatiza a importância de contar histórias pessoais como um meio de conectar-se com os outros e promover a empatia. A narrativa confessional não apenas revela vulnerabilidades, mas também desafia normas sociais e culturais, permitindo uma reflexão crítica sobre as experiências vividas e as estruturas de poder.

promoção à inclusão a partir do reconhecimento da história e cultura dos diferentes sujeitos iniciantes naquele espaço.

Sentido a escola e ouvindo as diferentes vozes nela presente, percebemos a realidade através dos discursos, e ao longo da experiência na educação, entendemos a necessidade de ter uma escuta ativa das narrativas endossadas por um cotidiano de invisibilidade e até mesmo de negação. Por diversas vezes, questionamos a contribuição do fazer pedagógico na formação humana, a mediação nesse processo de conscientização do ser contribuindo para uma educação mais igualitária, incluindo e valorizando a diversidade étnico-racial. Elucida-nos Rufino (2018, p. 181) que “precisamos entender a escola como ambiente de contribuição de propostas reais adequadas às possibilidades do local no qual está inserida”. Pensando na escola com a contribuição de ações pedagógicas, contemplando realidades quilombolas e não quilombolas em diálogo com a sociedade inserida e promovendo a dignidade dos sujeitos são inquietações que precisam ser adequadas às condições iguais para o desenvolvimento social resgatando histórias e memórias coletivas.

Início de ano letivo e uma ação pedagógica, durante uma roda de conversa, com a finalidade de conhecer os estudantes, afinal era o primeiro ano de uma turma no ensino médio, quando um estudante sentado no fundo da sala de aula, sozinho dos demais colegas, não disse de onde veio. Seguidamente, um outro colega aponta para ele e diz em voz alta: “Ele é de Graúna, levanta a mão aí. Ele tem vergonha de dizer que mora em Graúna, professora” (Estudante, 11/2024).

A narrativa acima traz evidências de nossa pesquisa sobre os preconceitos que permeiam o cotidiano das relações sociais dos sujeitos. Para Patto (1996, p. 89), “[...] maneira preconceituosa e estereotipada como vê os integrantes [...]”. Os preconceitos introjetados nos estudantes, apresentando situações flagrantes relacionadas ao seu território revelam que a escola ainda é “palco de desencontro cultural” (Patto, 1996). O desencontro cultural dá-se pelo fato de ainda algumas práticas pedagógicas não estabelecerem diálogo com o reconhecimento e valorização dos diferentes grupos étnico-raciais mostrando a diversidade humana.

Reiteramos a importância do diálogo entre o reconhecimento e valorização dos grupos étnico-raciais nos currículos sendo necessário para a garantia de ações que reconheçam as histórias e culturas de diferentes contribuições para construção

de nossa sociedade. Entendemos que a construção de um currículo diverso e plural é relevantemente destacado pela SEDU “[...] Enfatiza a história dos movimentos sociais camponeses e suas lutas pela terra, valorizando nos conteúdos os povos tradicionais da terra, seus territórios e saberes; estuda culturas e identidades dos sujeitos camponeses [...]” (Espírito Santo, 2009b, p. 40).

A valorização dos conteúdos diversos apontados pelo documento norteador vai de encontro com o Currículo Básico Estadual (Espírito Santo, 2009b, p. 42) “um currículo que contemple a questão étnico-racial deve ser capaz de responder às demandas advindas das especialidades, das pluralidades e da identidade brasileira, pois o Brasil é um país pluriétnico e multicultural”. Assevera a contemplação de um currículo destacando a diversidade cultural, social e racial brasileira. Retomando as ideias de Patto (1996) a escola, enquanto “palco cultural”, promove a educação de todos e compromete a relação entre as pessoas no dia a dia de atividades pedagógicas, a inclusão, assim exercitando o direito à educação de qualidade.

Para Cavalleiro (2012, p. 20), “a despreocupação com a questão da convivência multiétnica, quer na família, quer na escola pode colaborar para a formação de indivíduos preconceituosos e discriminadores”. A convivência no ensino médio, por vezes, pode ser conflituosa para o estudante quilombola e não quilombola por desvelar não a cor de sua pele, mas por negar a existência de sua cultura. Entre outros problemas, a falta de consciência histórica, política, e, conseqüentemente, a inferiorização do sujeito pode estar gerando evasões, abandonos e reprovações. Narrativa de uma estudante sobre outra que mora na comunidade quilombola de Graúna, durante a chamada: “Professora, ela está faltando porque mora na roça de Graúna e a moto que ela utiliza para ir até o ponto de ônibus quebrou” (Estudante, 11/2024).

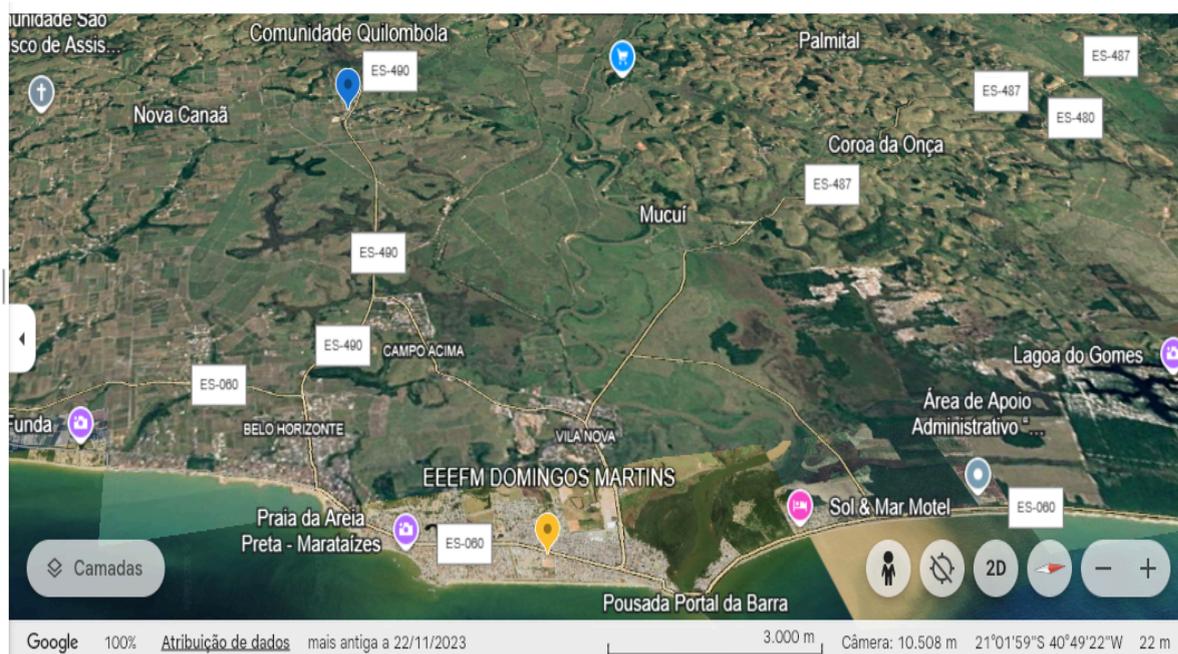
A estudante faltosa era devido ao que estava passando, apontando para outra situação vivenciada por alguns estudantes de outras localidades distantes da escola de ensino médio, os enfrentamentos cotidianos que atravessam suas trajetórias. O ir e vir vivido todos os dias, a espera no ponto de ônibus, o cansaço do trajeto, tudo torna a frequência na escola mais difícil, principalmente, a respeito de sua permanência e o sucesso na trajetória escolar, ficando comprometido e conseqüentemente, aumentando as desigualdades.

A Figura 1 apresenta o percurso de aproximadamente 13 km percorrido pelos estudantes concluintes do Ensino Fundamental de Graúna (balão na cor azul escuro) para a EEEFM Domingos José Martins (balão na cor amarelo). Observamos que os estudantes que estão mais distantes de onde está localizada a escola de ensino médio de destino, sentem-se desvalorizados pela distância, com afirmação de Milton Santos

“[...] o valor do indivíduo depende do lugar em que está e que, desse modo, a igualdade dos cidadãos supõe, para todos, uma acessibilidade semelhante aos bens e serviços, sem os quais a vida não será vivida com aquele mínimo de dignidade que se impõe(SANTOS: 2011,p.196)

A dificuldade de adaptação por estar em um lugar diferente leva ao isolamento, como vimos na narrativa acima e até mesmo à necessidade de estabelecer conexões culturais.

Figura 1 – Município de Marataízes e localidades identificadas no trajeto percorrido pelos estudantes da comunidade quilombola



Fonte: Elaborado pela autora utilizando o *Google Earth* (/2025).

Trouxemos a imagem do mapa acima, porque apresenta o trajeto percorrido pelos estudantes, nos fazendo questionar sobre o fato de deixar um lugar carregado de significados pessoais e profundos e tendo que recriar novos significados em outros lugares. Refletimos então: Por que não dar continuidade à educação básica

em seu próprio território? Será que escolas de ensino médio localizadas fora do território dos estudantes da comunidade de Graúna contemplam em seu currículo a oferta de uma educação escolar quilombola?

As inquietações nos conduziram para realização de uma prática antirracista pensando em uma metodologia que promova o respeito ao outro a partir de narrativas confessionais, reconhecendo e valorizando o grupo étnico presente no ambiente escolar. No próximo subtítulo apresentamos a metodologia círculo de cultura elucidando um pouco mais a respeito dessa pedagogia fundamentada nos ideais de Paulo Freire.

1.2 METODOLOGIA DO CÍRCULO DE CULTURA

Pensar na formação de indivíduos a partir da convivência multiétnica reforça o que queremos com a aplicação do círculo de cultura. Freire (1987, p. 9) “[...] Em diálogo circular, intersubjetivando-se mais e mais, vai assumindo, criticamente, o dinamismo de sua subjetividade criadora”. O círculo de cultura é importante para a interação entre os jovens, enquanto sujeitos políticos, que discutem temáticas em sua profundidade, emergindo a partir de suas vivências e trajetórias como ação libertadora, dispendo uma discussão sobre o mundo e problematizando-o. A problematização apontada por Freire (1987) discorre sobre a colaboração do professor pela dinamicidade criadora, não podendo ser compreendido para ensinar, mas aquele que aprende com todos de maneira consciente por meio do escutar o outro.

Nessa criação de escuta do outro, Freire (1967, p. 51) destaca ainda a respeito no círculo de cultura: “[...] Viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objeto da reflexão crítica, deveria fazer parte da aventura docente”. Essa reflexão crítica assevera a respeito da diversidade presente no ambiente escolar e os desafios enfrentados pelos professores a partir de suas experiências, conhecimentos, habilidades e perspectivas. A aventura do poder da escuta sensível

no círculo onde o professor é o coordenador apenas permite que os participantes se reconheçam no grupo em debate.

[...] O círculo de cultura se constitui assim em um grupo de trabalho e de debate. Seu interesse central é o debate da linguagem no contexto de uma prática social e crítica. Liberdade e crítica que não podem se limitar às relações internas do grupo mas que necessariamente se apresentam na tomada de consciência que este realiza de sua situação social (Freire, 2008).

Freire (2008) reitera sobre o entendimento do diálogo como ponto de partida para reflexões, considerando a realidade social e cultural em que está inserida a unidade escolar, respeitando a ação realizada no cotidiano abordando conhecimentos afro-brasileiros. A escola entendida como espaço de fazer coletivo, promovendo a consciência política e histórica da diversidade, ou seja, “[...] ter a compreensão de que a sociedade é formada por pessoas que pertencem a grupos étnico-raciais distintos, com cultura e histórias próprias” (Brasil, 2006).

Gomes (2017) nos conduz para um caminho de insistência e resistência das práticas antirracistas, a fim de que possamos dar visibilidade a diversidade social e cultural presente no ambiente escolar. Sendo assim, acreditamos que o círculo de cultura é uma ferramenta que valoriza as narrativas dos estudantes partindo de suas vivências e saberes construídos de forma coletiva em seus territórios.

Ilustrando esta percepção, após aplicação do diagnóstico, em uma escuta ativa das narrativas, uma estudante fez um breve relato de sua experiência vivenciada na Escola Estadual de Ensino Fundamental (EEEF) Graúna: “Ainda tenho em minha memória o dia em que o primeiro diretor contou uma história para minha turma sobre Graúna, ele fez uma roda no pátio da escola e falou sobre a comunidade. E eu achei isso muito legal” (Estudante, 11/2024). Essa memória gera um sentimento de nostalgia e perda e podendo influenciar a maneira como o estudante quilombola se relaciona com o lugar, além de ilustrar o quanto estamos como escola, distantes das práticas construídas no território dos estudantes da comunidade quilombola Graúna.

É a partir desta compreensão que trazemos a importância do círculo de cultura, quando apliquei essa metodologia, fui capaz de perceber a relação que passa pelo outro ao compartilhar as diferenças. Nisto, conhecemos a possibilidade

de resgatar as diferentes expressões e experiências vivenciadas pelos jovens envolvidos num processo de construção da conscientização em outros lugares, também para o exercício da cidadania. A partir dessa perspectiva, o próximo capítulo aborda sobre a fundamentação teórica que subsidiou esta pesquisa, bem como outras produções, abordando temáticas que fortalecem os diferentes grupos sociais que formam a sociedade, mas também, produções científicas que fundamentam a educação escolar quilombola.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo do referencial teórico, trazemos diálogos com diferentes autores para delinear e aprofundar os conceitos-chave que fundamentam nossa pesquisa. Desse modo, apresentamos Gomes (2017) que dispõe sobre o fortalecimento da luta contra o racismo. Freire (1967, 1987, 2008) para pensarmos sobre a autonomia como algo libertador e hooks (2017) a respeito de uma pedagogia engajada. Por fim, Rufino (2018) nos conduz pelos conceitos de educação escolar quilombola e os saberes que permeiam o ambiente educacional para o exercício da cidadania. Esses autores fundamentam nosso aporte teórico trazendo possibilidades para compreensão de produções sobre a temática.

Gomes (2017) aborda a respeito do movimento de diferentes saberes, afirmando que isso é educador, uma vez que gera o conhecimento. Em “Movimento Negro Educador” nos convida para refletirmos o efeito das lutas contribuindo para a formação da sociedade. De acordo com Gomes (2017, p. 21) “No Brasil, o Movimento Negro ressignifica e politiza afirmativamente a raça, entendendo-a como potência de emancipação, e não como uma regulação conservadora; explicita como ela opera na construção de identidades étnico-raciais”. Dessa maneira, compreendemos o compromisso de práticas pedagógicas que viabilizem a representatividade da população afro-brasileira. Pensamos nas diversas metodologias que desenvolvem competências emocionais, sociais e políticas positivas dos diversos saberes, quando jovens agem em prol de suas comunidades e reivindicam seus direitos.

Outrossim, Gomes (2017, p. 45) afirma: “[...] Diante do direito à diversidade, a

teoria educacional é desafiada a conhecer e destacar aquilo que nos une sem perder de vista o que nos diferencia”. O fortalecimento da ideia de que as metodologias antirracistas precisam estar alicerçadas nos diversos saberes existentes no ambiente escolar como fortalecimento dos diversos grupos étnico-raciais.

Ainda pontuamos o direcionamento sobre o fortalecimento dos diversos grupos étnicos amparados nas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais (Brasil, 2004), norteando o currículo do professor ao abordar princípios que evidenciam um ensino próprio do modo de viver da população afro-brasileira com a inclusão dos estudos étnico-raciais sendo integrada nos currículos e espaços escolares com destaque a singularidade das comunidades e assim impactando em atitudes sutis do racismo presente no ambiente educacional.

A discussão empreendida por Gomes (2017) reforça o compromisso da linguagem em discussões que envolvam diversas trajetórias problematizando situações, e principalmente, em uma escola de educação escolar quilombola. O compromisso com essa educação fortalecida nas rodas de conversa realizadas em sala de aula, fica mais evidente, enquanto professora de Língua Portuguesa, utilizando a metodologia círculo de cultura quando há a valorização de diversas narrativas dos estudantes, onde muitas vezes são percebidas as ausências dessas vozes mas também as presenças de denúncias das realidades ignoradas e até demonizadas.

Continuando nosso percurso teórico, hooks (2017, p. 271) destaca sobre o envolvimento dos estudantes: “Quando os alunos se veem mutuamente responsáveis pelo desenvolvimento de uma comunidade de aprendizado, oferecem contribuições construtivas”. Com isso acreditamos que as contribuições dos estudantes fortalecem o aprendizado e a politização da raça. O acolhimento das diferentes narrativas contribui para a efetivação dos princípios da educação escolar quilombola, descobrindo e compreendendo as vivências e experiências dos estudantes da comunidade de Graúna, garantindo igual direito às histórias e culturas que fazem parte da nação brasileira, proporcionando a continuidade de conhecimentos para o seu desenvolvimento.

Como professora sempre reconheci as muitas vozes em sala de aula, mas foi como pesquisadora que me tornei uma insurgente ao pensar sobre as práticas

pedagógicas como um jeito diferente de ensinar, em uma circularidade de pensamentos a respeito dos processos de luta de cada estudante, de suas histórias, de seus sonhos, de suas particularidades, como afirma hooks(2019,p.107) “[...] Como Literatura de resistência, narrativas confessionais de pessoas negras são didáticas”. Dessa maneira, acreditamos que essas narrativas confessionais ultrapassam a barreira de um conteúdo, valorizando os saberes como conhecimento acumulado.

Reiteramos que a escola,

Enquanto espaço de formação humana e pelo qual passam as mais diferentes gerações, grupos étnico-raciais, pessoas de origens socioeconômicas diferentes, credos e religiões, é possível refletir que tantos os processos institucionais de educação(escolas de educação básica e universidades) quanto as experiências de educação popular, social, de jovens e adultos, diferenciada e antirracista, construídas no cotidiano e nos processos de lutas sociais, são repletos, ao mesmo tempo, de dinamismo incrível e de uma tensão conservadora (Gomes, 2017, p. 25).

Essa tensão conservadora evidenciada por Gomes (2017) nos conduz para reflexões sobre o currículo vivido articulado com a Lei nº 10.639/03 para a construção da formação humana. No ambiente escolar, sabemos da riqueza da diversidade e experiências sociais que apontam um caminho para a valorização de diferentes gerações e grupos. A produção desses conhecimentos precisam ser conduzidos pelo viés de uma educação para a pluralidade cultural, caminhando para o privilégio das vozes presentes, conectando para o exercício da cidadania.

Em apoio a essa argumentação, Rufino (2018) apresenta a ideia da constituição de um currículo escolar fundamentado na construção de saberes nas narrativas dos sujeitos. A constituição do currículo contribui para a continuidade de proposições delineadas à realidade do educando carregado de significado. Essa significação delinea a produção de saberes e a construção de diálogos conectados com outras relações heterogêneas de experiência que vão além do território.

[...] Essa heterogeneidade de experiências e constituição de novos territórios passa a ser importante instrumento para o autoconhecimento que levará à emancipação. Portanto, na compreensão do outro, em sua visualização, no respeito às experiências vividas, entendo que todo conhecimento e emancipação tenham uma via multicultural. Assim, o conhecimento multicultural tem duas dificuldades: o silêncio e a diferença (Rufino, 2018, p. 182).

Rufino (2018) direciona para a compreensão do outro partindo das vivências e níveis de conhecimento. Como professores precisamos estar atentos às dificuldades enfrentadas no espaço escolar pelo estudante, compreendendo as experiências como efeito emancipador e desenvolvendo posicionamento crítico. Em apoio a essa argumentação, hooks (2017) aponta para mudança de paradigma, quando o professor reconhece os diferentes saberes já trilhados pelos estudantes. Refletimos a respeito dessa experiência vivenciada em sala de aula, enquanto professora e sobre os métodos trabalhados nos cotidianos educacionais, saberes estudados possibilitando processos de construção para o reconhecimento de diferentes narrativas. Para tanto, é importante a criação de um espaço na sala de aula respeitando as vozes individuais e proporcionando liberdade para o aluno falar e responder a fim de que seja partilhado conhecimentos para o coletivo.

Com base no que dispõe hooks (2017) a partilha de narrativa significa que a voz do professor não é a única em sala de aula. Outrossim, hooks (2017, p. 34) ainda afirma: “A pedagogia engajada necessariamente valoriza a expressão do aluno”. Desse modo, entendemos que o espaço da sala de aula é o lugar de crescimento, encorajamos o estudante a compartilhar suas narrativas e assim, enquanto educadores, ligamos as narrativas confessionais às discussões acadêmicas.

O cerne da discussão aqui empreendida é a prática pedagógica círculo de cultura podendo ser entendida como metodologia antirracista no ensino médio, evidenciando a linguagem como o centro do debate. Freire (2008) elucida-nos essa metodologia enfatizando o estudante a se reconhecer na discussão. No círculo de cultura, em debate, o aluno ao expressar algo próprio, abre a discussão, iniciando a conscientização a respeito de sua realidade, e o professor, como coordenador nesse contexto, adiciona as palavras geradoras com referência às situações reais do cotidiano do estudante. O autor acrescenta: “A compreensão desta pedagogia em sua dimensão prática, política ou social, requer, portanto, clareza quanto a este aspecto fundamental: a ideia da liberdade só adquire plena significação quando comunga com a luta concreta dos homens por libertar-se” (Freire, 2008, p. 17).

A luta concreta na libertação dos estudantes associa-se às práticas pedagógicas desempenhando um papel significativo na formação do sujeito. A

liberdade no círculo de cultura impacta positivamente no processo de conscientização dos estudantes, constituindo movimentos em várias direções e efetivando o currículo escolar. Rufino (2018, p. 181) acrescenta:

Dessa forma, a necessidade anunciada de estudar o currículo vivido na comunidade quilombola, tanto na escola como para além dela, ganha visibilidade à medida que exploramos as narrativas dos sujeitos, fazendo parte das relações dialógicas que se estabelecem nela, compreendendo como essas relações são produzidas e, a partir delas, como constroem conhecimentos e esses, por sua vez, se inserem na luta pela emancipação.

A autora vem destacando a respeito da visibilidade do currículo da educação escolar quilombola explorando as narrativas dos sujeitos. Enxergamos os outros quando respeitamos as suas subjetividades, as suas crenças e seus valores, assim, o círculo de cultura, enquanto metodologia que explora as narrativas dos estudantes, compreendendo o outro, respeitando suas vivências, entende a criação do conhecimento nesse momento.

hooks (2017, p. 271) destaca que “Quando os alunos se veem mutuamente responsáveis pelo desenvolvimento de uma comunidade de aprendizado, oferecem contribuições construtivas”. No círculo de cultura, o acolhimento de diversas narrativas confessionais e suas contribuições asseguram os princípios da educação escolar quilombola (CNE, Res.nº8, 20/11/2012), descobrindo e compreendendo as vivências e experiências dos diferentes sujeitos, garantindo igual direito às histórias e culturas que fazem parte da nação brasileira, proporcionando a continuidade de conhecimentos para o seu desenvolvimento.

Para Gomes (2017, p. 68) “a raça é vista como uma dimensão estruturante da sociedade brasileira e do processo colonial das américas”. O compromisso na discussão das relações étnico-raciais contemplando no currículo escolar a educação escolar quilombola vem contribuindo nas mais diversas perspectivas positivas e de resistência na oferta da Educação Básica, percebendo seu desenvolvimento para permanência do estudante no ambiente escolar, diminuindo assim o processo de evasão e abandono ao chegar em outros espaços enfrentando os desafios de adaptação.

Nessa perspectiva, vale ressaltar que a linguagem é um instrumento poderoso e que dominar seus usos orienta práticas sociais nas quais se envolvem os sujeitos em suas trajetórias de vida. Sobretudo quanto às possibilidades de problematizar, vivenciar e entender o domínio da

linguagem como um dos canais para mudanças que possam tornar as relações mais igualitárias e democráticas, do ponto de vista econômico, político e cultural (Brasil, 2006, p. 193).

O excerto acima, extraído da Resolução Nº8 da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), vem reforçando o compromisso da linguagem em discussões que envolvam diversas trajetórias problematizando situações. O debate no círculo de cultura desenvolve habilidades linguísticas, valorizando expressão cultural, próprias das comunidades que estão inseridos os estudantes do ensino médio para o exercício da autonomia.

Em consonância Rufino (2018) destaca a constituição de um currículo escolar fundamentado na construção de saberes nas narrativas dos sujeitos. Contribuindo com a continuidade de proposições delineadas à realidade do educando carregado de significado. Essa significação delinea a produção de saberes e a construção de diálogos conectados com outras relações heterogêneas de experiência que vão além do território.

[...] Essa heterogeneidade de experiências e constituição de novos territórios passa a ser importante instrumento para o autoconhecimento que levará à emancipação. Portanto, na compreensão do outro, em sua visualização, no respeito às experiências vividas, entendo que todo conhecimento e emancipação tenham uma via multicultural. Assim, o conhecimento multicultural tem duas dificuldades: o silêncio e a diferença (Rufino, 2018, p. 182).

A autora vem destacando o autoconhecimento e viabilizando as diferentes formações, vivências e níveis de conhecimento ao compreender o outro. É importante também pensarmos a respeito das dificuldades enfrentadas no espaço escolar, quando este não tem um efeito emancipador. A escola precisa estar atenta ao processo de reeducação das relações étnico-raciais, estimulando metodologias antirracistas.

Freire (1987, p. 9) afirma que “[...] Em diálogo circular, intersubjetivando-se mais e mais, vai assumindo, criticamente, o dinamismo de sua subjetividade criadora”. Entendemos a interação como ato político dispendo uma discussão sobre o mundo e problematizando-o. A problematização envolvendo a colaboração do professor pela dinamicidade criadora não pode ser compreendida para ensinar, mas aquele que aprende com todos de maneira consciente por meio do escutar o outro.

Ainda segundo Freire (1967, p. 51) “[...] Viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objeto da reflexão crítica, deveria fazer parte da aventura docente.” Enfatizamos a necessidade de repensar nosso papel enquanto formadores, proporcionando momentos democráticos com abordagens que fortalecem a emancipação política e social do educando engajando todos na construção do conhecimento.

hooks (2017, p. 269) “a pedagogia engajada, em alguma de suas versões, é o único tipo de ensino que realmente gera entusiasmo na sala de aula, que habilitam os alunos e os professores a sentir a alegria de aprender”. A valorização da emancipação dos estudantes em questões sociais, políticas e comunitárias são a base da construção de uma fertilização da aprendizagem, mas no sentido de reconhecimento no envolvimento dos diversos saberes constituídos a partir da dinâmica de sujeitos corresponsáveis pela fundamentação de uma escola para todas as pessoas.

Munanga (2008) expressa a respeito do percurso histórico combinado por fatores construídos nos territórios que moldam as resistências de comunidades. A trajetória de resistência das comunidades quilombolas como sendo o elemento central de sua herança cultural percebida na linguagem das formas do pensamento, histórias e memórias, bem como, a herança cultural sendo transmitida por meio da interação em troca de experiência. Ainda reitera Munanga (2008, p. 102) “Aceitando-se o negro afirma-se cultural, moral, física e psiquicamente”. Acreditamos que o processo de conscientização visibiliza o respeito e a valorização da herança, percebendo a singularidade e desenvolvendo o pensamento crítico, capacitando o jovem estudante a refletir sobre sua realidade e lutar pelos seus direitos, a fim de que atue como agente de transformação social, conferindo-lhe poder.

Almeida (2019, p. 48) conceitua: “[...] O racismo constitui todo um complexo imaginário social que a todo momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional”. A construção imaginária revela ideias preconcebidas sobre a etnia dos estudantes influenciando a forma como são tratados e reforçando a ideia de que determinadas raças são inferiores.

O próximo subtítulo assevera a respeito de uma revisão de pesquisas produzidas e fundamentais para o compartilhamento de afetos com a educação

afro-brasileira. As pesquisas evidenciam as formas de cuidado com o ensino aprendizagem em diferentes espaços tempo, escolares e não escolares, compartilhando experiências e envolvendo a comunidade em diálogos sobre raça e identidade.

2.1 PESQUISAS EM EDUCAÇÃO DA RELAÇÃO ÉTNICO-RACIAL QUE FUNDAMENTAM A EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA

A Resolução Nº8, 20/11/2012, traz a definição das diretrizes curriculares nacionais para a educação escolar quilombola na educação básica, estabelecendo a população negra enquanto sujeito repleto de histórias. Em consonância, Rufino (2007) aborda as temáticas relacionadas com história de comunidades quilombolas, sua cultura e seu cotidiano como instrumentos necessários no currículo escolar. Esse currículo entrelaça práticas cotidianas escolares com vivências e experiências de comunidades quilombolas. Rufino (2013) ao interligar o fazer pedagógico com uma relação intercultural e territorial traz a relação da visibilidade dos quilombolas para as políticas culturais e outras produções de identidades de comunidades reconstruindo narrativas e as memórias da população negra.

Com o propósito de conhecermos produções no campo da pesquisa sobre a educação escolar quilombola, examinamos dissertações e teses referentes a essa temática. Nossa pesquisa foi conduzida a partir de estudos acadêmicos realizados no Brasil, disponíveis no banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES), mas também, Banco Digital de Teses e Dissertações (BDTD).

A partir deste levantamento, selecionamos os descritores: educação antirracista, educação das relações étnico-raciais e ensino médio, dos quais foram identificadas, após resultado da busca pelas palavras chaves no site BDTD, 11 produções; e CAPES, sendo 84 publicações. Contudo, entendemos como primordiais as pesquisas de pesquisadores da UFES, mas, principalmente, àquelas que pertencem ao grupo Núcleo de Educação Afro-Brasileiro da UFES (NEAB/UFES), que agrega um quantitativo de profissionais pesquisadores atuantes na área.

Ainda assim, ao retornarmos aos pesquisadores que se debruçaram sobre a temática, cabe-nos enfatizar que os encontros coordenados, pela Profa. A Dra. Patrícia Gomes Rufino Andrade, permitiu-nos descortinar, por meio de leituras diversas de autores de referências, sobre educação étnico-racial desconstruções e reflexões a partir de um olhar crítico sobre as metodologias, que fundamentam essas e outras questões complexas a respeito das identidades negras construídas historicamente no Brasil. Por conseguinte, após as leituras realizadas, consideramos como critério de afinidades produções de pesquisas que foram desenvolvidas por docentes e discentes da UFES.

Essas pesquisas correlatas tiveram início com uma sondagem sobre o que os outros pesquisadores já haviam escrito sobre educação escolar quilombola. Portanto, a presente revisão de literatura se constitui com peso muito importante sobre pesquisas e estudos, principalmente, reitero, as pesquisas produzidas entre os pesquisadores da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), dentre eles, dissertações e teses, conforme explicitados no Quadro 1. Desta forma, nossa opção também é reforçar o campo de conhecimento sobre metodologias para educação escolar quilombola produzidas no Espírito Santo.

Quadro 1 – Demonstrativo de produções sobre educação escolar quilombola(continua)

Nº	Ano	Autor	Pub	Título	Instituição	Região
1	2005	Oswaldo Martins de Oliveira	T	O projeto político do território negro de Retiro e suas lutas pela titulação das terras	Universidade Federal Santa Catarina	Santa Catarina
2	2011	Olindina Serafim Nascimento	D	Educação escolar quilombola: memória, vivência e saberes das comunidades quilombolas do Sapê do Norte, Escola de São Jorge	Universidade Federal do Espírito Santo	Vitória
3	2013	Patrícia Rufino Gomes Andrade	T	Olhares sobre jongos e caxambus: processos educativos nas práticas religiosas afro-brasileiras	Universidade Federal do Espírito Santo	Vitória
4	2019	Francisco de Assis Xavier	D	Processos educativos na comunidade jongueira de Anchieta: práticas de enfrentamento ao racismo na educação de jovens e adultos	Universidade Federal do Espírito Santo	Vitória
5	2019	Thaynara Silva Oliveira	D	Relações étnico-raciais e educação: políticas antirracistas no município de Cariacica	Universidade Federal do Espírito Santo	Vitória
6	2020	Márcia Araújo Souza Beloti	D	Tecendo rede antirracista para o ensino de história e culturas africana e afro-brasileira na educação básica do município da serra(es)	Universidade Federal do Espírito Santo	Vitória
7	2020	Noélia da	D	Entrelaçando saberes e narrativas:	Universidade Federal	Vitória

		Silva Miranda de Araújo		formação de professores e lideranças quilombolas em Conceição da Barra/es	do Espírito Santo	
8	2020	Paula Aristeu Alves		Quilombolas e trajetórias de escolarização: um estudo a partir de Retiro, Santa Leopoldina-ES	Universidade Federal do Espírito Santo	Vitória
9	2021	Marilene Aparecida Pereira	D	Interseccionalidades mulheres quilombolas e possibilidades que emergem da participação solidária	Universidade Federal do Espírito Santo	Vitória

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Nessa direção, a tese de doutorado “*O projeto político do território negro de retiro e suas lutas pela titulação das terras*”, realizada por Oliveira (2005), analisou o processo de construção do território negro como forma e espaço de resistência, luta e organização política, o qual afirma que “considerou o território enquanto espaço apropriado culturalmente e reconhecido coletivamente”. Tal elucidação nos propõe pensar sobre os saberes construídos pelos jovens quilombolas, baseados em organizações políticas de diferenças. Entendemos que sua pesquisa contribui para dar visibilidade às diferenças étnicas e culturais nas comunidades quilombolas, nos conduzindo para o caminho de experiências construídas no ambiente escolar desenvolvendo a consciência negra territorial.

A dissertação da pesquisadora Olindina Serafim Nascimento, 2011, intitulada “*Educação escolar quilombola: memória, vivência e saberes das comunidades quilombolas do Sapê do Norte, Escola São Jorge*”, aponta a continuidade da implementação da Lei 10.639/03, ressaltando os fazeres/saberes dos mais velhos da comunidade quilombola Sapê do Norte incorporados na realidade da escola como forma de manutenção da memória daquele território e fortalecimento da auto-estima dos jovens estudantes. Essa pesquisa discute a construção da memória e da identidade social como marcos para compreensão e reconhecimento de diversas maneiras de saber partindo da memória dos quilombolas. Dessa maneira, nos direcionou para uma pesquisa respeitando as narrativas dos estudantes ao compartilhar os saberes construídos em seus territórios.

Ainda em consonância, temos a tese de doutorado intitulada “*Olhares sobre jongos e caxambus: processos educativos nas práticas religiosas afro-brasileiras com proposta de ampliar e constituir a Lei 10.639/03*”, realizada por Rufino (2013), teve como objetivo o redimensionamento dos currículos numa visão intercultural. Pesquisa pertinente que nos conduziu para o caminho, outrora traçados pelos

educadores, no sentido de envolver-se com a Lei nº 10.639/03, mas também nos apontou fragilidades na discussão de conhecer as realidades múltiplas presentes na escola e o reconhecimento dessas diferenças. Isso nos fez debruçar sobre as metodologias escolares e o quanto precisam versar sobre uma educação antirracista partindo da realidade do jovem estudante quilombola, compreendendo a necessidade de desenvolver práticas educativas que contemplem as diversidades étnico culturais no ambiente educacional. A partir daí, concebemos que esta pesquisa prioriza o envolvimento de todos os sujeitos presentes na comunidade escolar, entendendo o movimento perseverante sobre a educação étnico-racial nas metodologias dos educadores.

Seguindo a mesma lógica de envolvimento nas práticas pedagógicas, Xavier (2019), em sua dissertação de mestrado, cujo título *“Processos educativos na comunidade jongueira de Anchieta: práticas de enfrentamento ao racismo na educação de jovens e adultos”*, teve como objetivo descortinar os elementos constitutivos do patrimônio cultural imaterial na comunidade jongueira de Anchieta e as possíveis conexões com as práticas pedagógicas na rede de ensino. Esta pesquisa contribui para identificarmos nos ambientes escolares as experiências sociais de docentes e de discentes como fator de mediação dos saberes. Tal contribuição, permitiu-nos entender a necessidade de envolvimento de metodologias que promovam a igualdade das relações sociais e étnico-raciais dos jovens estudantes como proposta para superação do racismo no ambiente escolar, território de aprender a conhecer, respeitar e valorizar os diferentes sujeitos presentes nela.

Nesse sentido, a pesquisadora Beloti (2020), em sua dissertação de mestrado, intitulada *“Tecendo rede antirracista para o ensino de história e culturas Africanas e Afro Brasileira na educação básica da Serra/ES”*, destacou sobre a relevância das abordagens didáticos pedagógicos serem mais contundentes. Para tanto, viu uma necessidade de potencializar os processos educacionais no ambiente escolar a fim de que sejam capazes de diminuir a desigualdade social construída a partir da cor da pele. Assim, destacou a importância de construir uma rede antirracista baseada no reconhecimento do outro e sua formação social. Logo, entendemos que o envolvimento de práticas, que promovam a igualdade dos diversos atores presentes no ambiente escolar, cujo território deve ser considerado enquanto sua pluralidade cultural, faz-se necessário para a valorização dos

diferentes corpos que compõem esse universo, respeitando sua pluralidade cultural e contribuição social.

Outrossim, Araújo (2020), em sua dissertação de mestrado cujo título *“Entrelaçando saberes e narrativas: formação de professores e lideranças quilombolas em Conceição da Barra/ES”* teve como objetivo estudar as possibilidades emancipatórias para a formação de professoras/es e lideranças quilombolas. As análises de seus resultados apontaram para a necessidade de valorizar as narrativas e os saberes dos quilombolas para além de seus territórios, que não apenas demarcadas no campo. Sua pesquisa nos convida para reflexões para buscar alternativas que possam valorizar os saberes de comunidade quilombola numa perspectiva de inserção e permanência de jovens estudantes quilombolas em escola urbana, como afirma “Desse modo, as análises dos resultados deste trabalho apontam para a necessidade de valorização das narrativas e saberes quilombolas nas escolas quilombolas e também nas escolas que recebem estudantes quilombolas”. Dessa maneira, nos direcionou para uma pesquisa que envolveu um instrumento fundamentado a partir da realidade cotidiana dos jovens estudantes quilombolas como forma de compartilhamento.

Outrossim, Alves (2020) em sua pesquisa de mestrado com o título *“Quilombolas e trajetórias de escolarização: um estudo a partir de Retiro, Santa Leopoldina - ES”*, analisou as trajetórias de escolarização narradas por quilombolas da comunidade de Retiro, Santa Leopoldina. O contexto de sua pesquisa apresentou narrativas de estudantes universitários da comunidade quilombola e os enfrentamentos de barreiras sociais vivenciadas. Este estudo delineando o cotidiano de quilombolas universitários concluiu a partir das narrativas a invisibilidade ao qual as pessoas negras foram submetidas ao longo do processo sócio histórico brasileiro entre outros pontos, destacando trajetórias de negros e quilombolas que reivindicam o acesso à educação abordando os desafios referentes à permanência e continuidade de seus estudos. “[...] Os resultados da pesquisa apontaram que os universitários quilombolas elegem a escola e a educação como elementos que podem proporcionar os processos de consciência étnica”. A contribuição desta pesquisa nos direcionou para a compreensão dos processos que envolvem os percursos escolares de estudantes de comunidade quilombola.

Sobre as narrativas, a pesquisadora Pereira (2021), em sua pesquisa de mestrado, cuja dissertação intitulada *“Interseccionalidades, mulheres quilombolas e possibilidades que emergem da participação solidária”*, analisou as experiências contidas na própria relação de geração de renda desenvolvida por mulheres de comunidade quilombola via associação. A partir desse contexto, sua pesquisa denunciou a invisibilidade de alguns grupos sociais, endossando a luta pela preservação da história e cultura negra. Este estudo teve um desdobramento pelo caminho de denúncia e da mobilização social, contribuindo para aumentar o conhecimento sobre as comunidades quilombolas, servindo de referência para práticas educativas antirracistas, conduzido pelo viés reflexivo da invisibilidade desses grupos sociais, como afirma a pesquisadora: “Desse modo, nos territórios colonizados, prevalecem os privilégios para alguns grupos, invisibilizando narrativas, modos, costumes e até mesmo a presença dos negros na localidade”. Tal afirmativa, nos direcionou para a visibilidade aos diversos saberes presentes no cotidiano escolar, compartilhando suas realidades sociais.

Nessa perspectiva de visibilidade dos diferentes saberes, a pesquisadora de mestrado Oliveira (2019), em sua dissertação *“Relações étnico-raciais e educação: políticas antirracistas no município de Cariacica”*, buscou compreender como a valorização das relações étnico-raciais, cultura e história africana e afro-brasileira materializa-se em políticas públicas no município. Sua pesquisa muito contribuiu para compreendermos o processo de promoção ao acesso às informações sobre igualdade racial enquanto política pública, como afirma no seguinte excerto: “Entendemos que a inclusão do debate acerca de uma legislação antirracista é o reconhecimento de uma dívida histórica que só será reparada através de luta”.

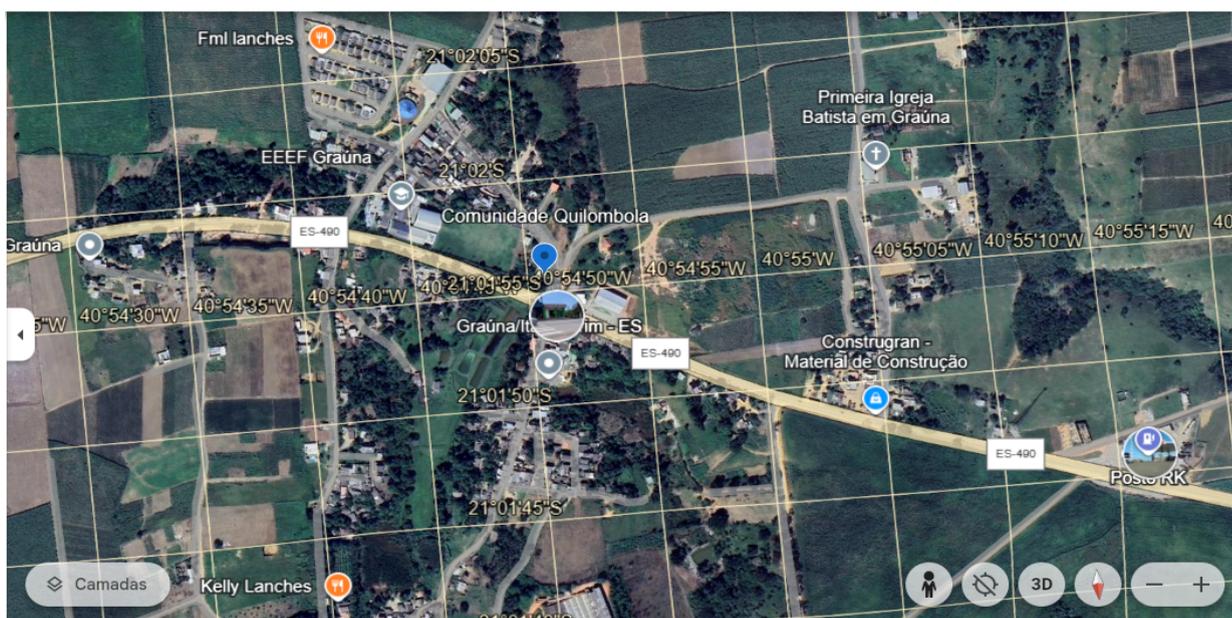
As pesquisas analisadas evidenciaram dados a respeito da abordagem didático-pedagógica, completando o aprofundamento do tema desta pesquisa. Evidenciamos a compreensão de abordagem dos profissionais de educação sobre a educação escolar quilombola. As pesquisas produzidas versaram sobre questionamentos e construções de metodologias que proporcionam continuidade de narrativas de saberes construídos em uma educação escolar quilombola.

Houve a necessidade de estar in loco e conhecer tal realidade para compreender esse território responsável em diminuir as desigualdades étnico-raciais e a superação de atitudes preconceituosas. Como afirma Santos (2023, p. 22, grifo

nosso), “[...] Chegamos como habitantes, em qualquer ambiente, e nos transformando em **compartilhantes**”. Dito isto, entendemos a importância do envolvimento abordado na metodologia pesquisa ação exploratória, suas técnicas e processamento de dados, cuja proposta identificou os problemas reais vividos pelos sujeitos, como afirma Thiollent (2011, p. 22) “[...] com a pesquisa-ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados”.

A fim de desempenharmos um papel ativo na compreensão da realidade dos estudantes da comunidade quilombola Graúna (Figura 2), no próximo capítulo compartilhamos informações do território, conhecendo um pouco da formação da comunidade, a única EEEF e memórias para compreensão desses sujeitos da pesquisa.

Figura 2 – Comunidade quilombola Graúna em 3D



Fonte: Elaborado pela autora utilizando o *Google Earth* (2025).

3 TERRITÓRIO QUILOMBOLA GRAÚNA

Iniciamos este capítulo apresentando um relato de “Seu Nonô”² narrando suas memórias sobre a origem do nome da comunidade quilombola - Graúna. A narrativa traz informação que foi compartilhada pela sua avó, quando na época dela tinha uma árvore “braúna”³ típica da Mata Atlântica, atualmente em extinção, foi muito utilizada para cabos de ferramentas e como mourão e também para a construção de cerca de pastos e currais por ter um tronco de tempo longo para se decompor.

[...] então porque o nome é Graúna? Então, eles acharam uma madeira e essa sempre passava para mim. Meu filho e a Graúna colocaram o nome braúna por causa de uma madeira e essa madeira é Braúna. Aí ela disse: Vamos colocar um nome desse lugar, Braúna? Assim como se diz, era tudo pegado ao “laço”, aquele povo não tinha estudo, não tinha nada. Só vivia ali para trabalhar e fazer para comer, mas aí botou a Braúna. Hoje eles falam Graúna mas é Braúna mas ele fala uma braúna por ter vindo daquela madeira. Então, aquilo ali cresceu então antigamente aqui simbolizava uma raça negra (Seu Nonô, 02/2025).

Seu Nonô em seu relato acima vem abordando a troca do nome da comunidade. De acordo com essa narrativa, a presença de pessoas negras naquele território vem evidenciando a relação dos sujeitos organizados naquele lugar. A alteração do termo “Braúna” para “Graúna” afirma a identidade cultural, tratando a mudança na pronúncia como reflexo na interação social e das identidades dos falantes, apresentando uma adaptação local, sofrendo a mudança fonética⁴ como representação do grupo étnico. Brandão (2004, p. 114) “[...] Partindo da compreensão de que a linguagem é uma instituição social [...] mantém vínculos peculiares com as condições sócio-históricas de produção”. A respeito da troca de fonema considerando as dimensões sociais e culturais ocorridas na comunidade, refletimos: Seria devido a chegada da indústria Usina Paineiras?

² Leonor Ventura, 75 anos, membro quilombola com forte influência na comunidade.

³ Braúna: a madeira é muito pesada e de alta resistência.

⁴ Fonema é um som distintivo em uma língua. Na prática, isso quer dizer que, se esse som for trocado por outro em uma palavra, tem-se uma nova palavra, de sentido diferente.

3.1 COMUNIDADE QUILOMBOLA GRAÚNA- TERRITÓRIO

A comunidade quilombola de Graúna está localizada na zona rural do município de Itapemirim, litoral sul do Espírito Santo, há 122 km da capital do estado, Vitória. É neste território que Seu Nonô lembra sobre antigamente, onde não tinha nada e era tudo roça. Uma parte dessa localidade pertenceu à antiga Fazenda de Santo Antônio de Muqui, onde existiam pessoas descendentes direto de ex-escravizados, trazidos da África para trabalho nas lavouras de café da região, como a sua avó materna Maria Joaquina Paulo Ventura, falecida aos 105 anos que sempre ensinou para o seu neto:

Nome da minha avó Maria Joaquina Paulo Ventura. Minha avó morreu com 105 anos então, então a então a minha bisavó veio mesmo lá do cativeiro. A minha bisavó veio dos cativos. Então ela falava o primeiro descendente do quilombola, eu fiquei de boca aberta assim aí vem a segunda descendência aí vem a terceira descendência aí vem a quarta descendência. A primeira descendência quilombola foi a minha bisavó. Que veio lá da Raça Negra então eu sou quilombola porque fui criado nisso aí. E aí o que que acontece, a primeira descendência foi ela minha bisavó. A primeira descendia quilombola, filho da Graúna. Isso daqui não era nada, isso daqui era tudo mato. A descendência era só lá para fora. Era um lugar que todo mundo trabalhava, ali só vivia, ali ia para roça, ali plantava, ali comia, na época dela ali só comprava o sal. Era tudo da roça que nós comia (Seu Nonô, 02/2025).

Seu Nonô vem recordando os tempos simples vividos antigamente, a agricultura de subsistência. A formação da comunidade quilombola Graúna, o seu desenvolvimento econômico, populacional e social deu-se com a chegada da Usina Paineiras passando por transformações significativas. Oportunidades de trabalho para os moradores da comunidade, principalmente no corte de cana e em atividades agrícolas associadas, como afirmou Seu Nonô, dependendo a partir de então mais do setor canavieiro.

A Usina Paineira na época Doutor Taliba, quando comprou do Estado, era aquele negócio, não tinha renda porque o povo trabalhava não via salário. Era aquele negócio que tinha que conviver com aquilo que se plantava, então depois quando a Usina Paineiras assumiu, tomou a direção e fez divisão com a raça negra. Aí o que que aconteceu, a renda começou a se multiplicar. Aí começou a ver dinheiro, tinha gente que não tinha visto o dinheiro. Aí a gente vendia o produto que a gente plantava e passava o dinheiro para ela. E ali ela fazia açúcar, fazia álcool. Então começou a

produção, a render o dinheiro porque o mercado o nosso produto que a gente fazia aqui era uma cana, uma coisa vendia para ela e aí você começou a ser um produtor e fornecedor de cana para a Usina Paineira (Seu Nonô, 02/2025).

A narrativa acima vem reforçando a dependência dos moradores da comunidade quilombola Graúna nas atividades desenvolvidas pela Usina Paineiras. Reduzindo a diversidade das atividades econômicas, alterando o cotidiano e a organização social e influenciando na transmissão dos saberes tradicionais, a comunidade foi buscando estratégias para garantir seus direitos e preservação de sua identidade cultural.

A certidão de autorreconhecimento de Graúna como quilombola foi entregue em fevereiro de 2011 pela Fundação Cultural Palmares⁵, legitimando o acesso aos direitos e programas. Assim, com a criação da Associação dos Moradores de Graúna (AMOGRAU) ocorreu o fortalecimento da identidade local por meio de práticas culturais e reuniões coletivas. Outrossim, a professora de Arte, Raylane membra da comunidade e atuante nos eventos culturais, relata sobre a importância da associação de moradores:

Então, também, é uma coisa que é mais recente. Não tinha tanto conhecimento. Hoje, ela é mais ativa, funciona num espaço onde o presidente trouxe a comunidade para a associação, que antes era, a associação está lá, tá bom. Agora, não, a gente consegue acessar, consegue ter diálogo, tem reuniões regulares, por conta de curso, de benefício. Isso depois da titulação da terra (Raylane, 02/2025).

A sua narrativa vem revelando a interação dos moradores na associação discutindo assuntos pertinentes ao desenvolvimento da comunidade. Nela a história da comunidade acontece, o espaço onde a identidade é fortalecida, o abrigo das ações, o território dos moradores, assim definido por Milton Santos(1999) “[...]Território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência”. Dessa maneira, entendemos que a associação é o espaço apropriado para as relações sociais,

⁵ Mais informações estão disponíveis em: <https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/es-comunidade-de-grauna-luta-para-ser-reconhecida-como-quilombola-junto-a-fundacao-cultural-palmares-enquanto-os-servicos-de-saude-e-saneamento-continuam-precarios/>. Acesso:05/03/2025.

políticas e econômicas, o território que integra culturalmente a tradição quilombola na comunidade por meio da integração de diversas ações. Ações que a professora Raylane desenvolve, como a administração de um grupo de dança “Raízes Quilombolas”, que possui umas 20 crianças. Elas se reúnem na associação e mantêm parceria na manutenção e participação em eventos e viagens do grupo. A formação do grupo de dança foi primordial para o fortalecimento da manutenção de tradições e práticas culturais no território, reforçando a identidade local.

Temos o jongo, maculelê, tem grupo de dança- Raízes Quilombolas, que tenta resgatar essa cultura afro, também o jongo, que o grupo foi ficando mais velho, estou tentando resgatar. Funciona dentro e fora da escola, parceria escola/comunidade (Raylane, 02/2025).

O envolvimento da professora Raylane vem reforçando resistência nos costumes da comunidade, fortalecendo as tradições quilombolas e dando continuidade aos saberes ancestrais, o que vai afirmando cada vez mais o território quilombola. Abaixo, a Figura 3 ilustra o grupo de dança em uma apresentação realizada na escola da comunidade.

Figura 3 – Grupo de dança “Raízes Quilombolas” em apresentação na EEEF Graúna, Graúna/Itapemirim



Fonte: Fotografia cedida pela professora Raylane (2025).

A foto é o registro do grupo Raízes Quilombolas no território quilombola trabalhando a perspectiva da prática cultural do maculelê como reavivamento ancestral, as apresentações acontecem na comunidade e em diversos lugares, mas também na escola EEEF Graúna. De acordo com os relatos da professora, essa parceria é essencial para a valorização e propagação da cultura afro-brasileira, fortalecendo a identidade cultural, o combate ao racismo e a promoção da inclusão social.

A EEEF Graúna é a única escola de ensino fundamental mantida pelo Governo Estadual do Espírito Santo no território quilombola. O acesso da comunidade na escola é aberto conduzindo o morador para o estacionamento enquanto visualiza pinturas com imagens afro-brasileiras. No portão de entrada uma campainha avisa que um visitante está chegando, a secretaria vem acolhendo o visitante imergindo-o naquele território. Já dentro do pátio, imagens de iconografias negras vêm nos recebendo com o anúncio de um bem-vindo. A educação escolar quilombola sendo revelada nos folders afixados: Projeto cor da cultura, imagem de jogadores do território e outros nacionais, anunciando a identidade da comunidade, com afirma Santos(1999) “A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence”.

Neste sentido, a escola como território usado, a professora Raylane tem desenvolvido prática pedagógica de memória e identidade no projeto “Raízes Quilombola”, promovendo o reconhecimento e a valorização da cultura quilombola. Nesse exercício da vida, os estudantes realizam, durante o ano letivo, uma pesquisa resgatando a cultura e a ancestralidade sobre o seu território e produzindo desenhos. Os desenhos foram para uma moldura de um quadro, cuja proposta será de afixar no ambiente escolar fortalecendo evidências de uma Educação Quilombola. A imagem, (Figura 4), evidencia a atividade de inra em tecido realizada pelos estudantes durante as aulas de artes desenvolvidas pela professora Raylane.

Figura 4 – Atividade desenvolvida pela professora Raylane com os estudantes da turma no ano de 2024



Fonte: Fotografia cedida pela professora Raylane (2025).

3.2 IDENTIDADE CULTURAL: JONGO EM ITAPEMIRIM

Santos e Silveira (2006) afirmam que a territorialidade vinculada à identidade das pessoas torna evidente a manifestação cultural. O grupo de jongo é uma dança de expressão afro-brasileira presente há décadas no Município de Itapemirim. A proposta do grupo é o resgate das tradições culturais deixadas por seus antepassados. Em 2008, o grupo de jongo “Mestre Bento” foi reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) com o título de Patrimônio Cultural do Brasil (Figura 5).

Figura 5 – Apresentação do Jongo Mestre Bento



Fonte: Espírito Santo (2009a, p.105).

A imagem acima pode ser descrita por Guimarães e Oliveira (2017, p. 105):

O grupo do mestre Wilson Bento promove as rodas de acordo com as lembranças dos mais velhos, do período em que tais rodas eram organizadas pelo antigo mestre e contavam com a presença de jongueiros velhos, [...]. A principal característica do grupo é o acompanhamento do ritmo dos tambores (que se totalizam em dois) e das palmas dos participantes. A dança é realizada individualmente e a inserção dos pontos é realizada na medida em que o cantante, com as duas mãos, toca de uma vez nos dois tambores.[...].

A descrição do grupo de jongo Mestre Bento apresenta a manifestação da existência dos moradores da comunidade quilombola Graúna registrada na obra “Jongos e caxambus: culturas afro-brasileiras no Espírito Santo”. Guimarães e Oliveira (2017) reforçam que “de acordo com as lembranças dos mais velhos”. As recordações são fundamentais para valorização da cultura afro-brasileira e da preservação das tradições ancestrais.

Outrossim, Guimarães e Oliveira (2017, p. 33) afirmam que “[...] Os jongueiros são velhos habilidosos contadores de histórias, tornando-se assim guardiões de uma tradição oral. Além disso, eles são músicos e poetas que se inspiram nas crenças,

nos costumes e práticas de seus ancestrais africanos e afro-brasileiros.[...]”. O resgate das tradições locais e a divulgação de atividades atuam como fortalecedoras da identidade no território quilombola. A inspiração nessas tradições fortalecem os saberes ancestrais envolvendo os diferentes sujeitos presentes no município.

Ainda Guimarães e Oliveira (2017, p. 333) “[...] A participação das crianças nas rodas de jongos e caxambus pode ser entendida como uma estratégia de atualização adotada pelos mestres dos grupos na contemporaneidade”. A continuidade do grupo de jongo mirim vem mantendo viva a tradição e reforçando a preservação dessa prática e criando espaços de socialização entre os jovens e os mais velhos fortalecendo laços sociais. A prática do jongo vem trazendo a resistência cultural reafirmando a diversidade presente no município de Itapemirim, valorizando a identidade cultural da comunidade quilombola Graúna.

3.3 ENFRENTAMENTOS VIVIDOS

Outros enfrentamentos são vividos pelos estudantes quando saem de seu território. Enquanto o acesso para a escola EEEF Graúna pode ser realizado a pé, sozinho ou acompanhado por um amigo ou com algum familiar ou ainda apenas atravessando uma rua ou a rodovia, a terminalidade do ensino fundamental vai delineando outras preocupações. A valorização com a cultura local, o espaço com a convivência e o diálogo vão denunciando as angústias, conforme o relato abaixo vem apresentando.

Essa coisa de sair da comunidade, tivemos casos aqui ano passado. Quando a gente fala que eles vão sair daqui e vão para outra escola, outro lugar, eles não querem sair da escola, fecham a cara. Não sei se é por conta do ambiente, da comunidade estar dentro da escola, eles têm um pouco de resistência de sair. Tem uns que dizem: “Não quero passar de ano, não quero sair da escola” (Raylane, 02/2025).

Os enfrentamentos vividos pelos estudantes da comunidade quilombola Graúna que vão cursar o ensino médio em outras localidades apontam os afastamentos desse território. Anseios envolvem questões emocionais, culturais, sociais e estruturais e os desafios de adaptação e identidade, muitas vezes, são percebidos em outros ambientes escolares onde às vezes não encontram a

valorização de sua cultura e conseqüentemente gerando dificuldades de pertencimento. Com isso, o contato com realidades diferentes podem expor esses estudantes à discriminação racial e social, afetando sua autoestima e rendimento escolar. Perguntamos: O estudante que teve a fala reproduzida pela professora seria irmão de um estudante que viu essa história acontecer repetidas vezes? Seria aquele que conhece alguém que desistiu de seus estudos? Muitas são as inquietações, e a professora vai prosseguindo com seu relato: “Eu acho que é porque a comunidade é muito presente na escola, muito mesmo, está aqui dentro. Quando saem é muito diferente, a educação é diferente. O ambiente é diferente. Eu penso que seja por isso, que eles não querem sair daqui” (Raylane, 02/2025). A afirmativa da professora nos faz retomar as ideias de Santos(1999) “O território usado é o chão mais a identidade”. Acreditamos que a continuidade dos estudos em seu território vai afirmar a construção da identidade do estudante, a sua resistência.

A escola de ensino médio é um cenário desafiador, afinal é outro ambiente. Para Patto (1996, p. 98) o desafio é quando o estudante quilombola “[...] sai do ambiente familiar e passa a frequentar uma escola que possui padrões culturais bem diversos [...]”. Assim, a transição de modalidade de educação, a saída do território quilombola vem apresentando enfrentamentos cotidianos que podem ser obstáculos para a continuidade dos estudos. As escolas fora da comunidade que não abordam o currículo da educação escolar quilombola e não atendem às necessidades específicas do estudante acabam por desencadear desconforto ou insegurança em um espaço que não tem refletido a sua identidade.

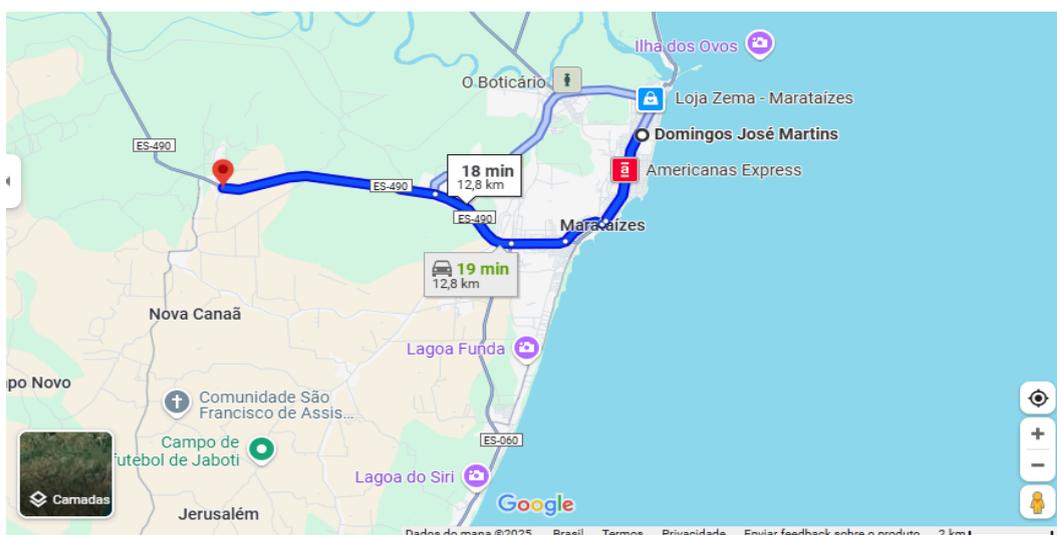
Com isso, a transição para um outro ambiente escolar pode apresentar outro grande desafio, a acessibilidade e a permanência, pois o estudante dependerá de transporte escolar, transporte público ou particular. Esse deslocamento diário é longo e cansativo, e pode comprometer o desempenho escolar, pois com a falta de apoio financeiro, às vezes, o estudante demanda de recursos ou suportes necessários para o dia a dia, e por vezes não são suficientes para a permanência no ensino médio.

Uma estudante de lá deixou de frequentar a escola no início do ano por causa do ônibus e essa outra não tem vindo à escola, porque acha que já está reprovada por falta, por causa do ônibus também. [...] Ela não tem tanta dificuldade assim, é que ela mora na roça de Graúna, a moto dela quebrou e ela precisa da moto para ir até o ponto de ônibus, onde deixa a

moto e pega o transporte público coletivo para poder vir para a escola. E como a moto dela quebrou, ela não consegue fazer isso. Aí, ela desistiu de estudar por causa das faltas. Mas a professora falou que ela tinha condições de passar (Estudante, 11/2024).

O relato acima tem evidenciado questões que afetam diretamente o estudante. O deslocamento dessa estudante até a outra escola exigindo de custos com o transporte vai desencadeando falta às aulas (Figura 6). Na imagem a seguir, vimos a distância percorrida pelos estudantes, o que pode ocasionar a dificuldade no acompanhamento das aulas e empate quanto ao desempenho escolar desencadeia insegurança conduzindo à desistência dos estudos.

Figura 6 – Distância percorrida pelo estudante da comunidade quilombola Graúna/Itapemirim para a EEEFM Domingos José Martins, Marataízes



Fonte: Elaborado pela autora utilizando o *Google Maps* (2025).

A figura acima expõe a realidade enfrentada pelos jovens estudantes quilombolas que escolhem a escola que desejam cursar o ensino médio. Podemos observar que essa escolha gera custos e desgaste por ser uma unidade de ensino localizada em outro município.

No próximo capítulo, apresentaremos a escola receptora desses jovens estudantes quilombolas. A unidade escolar é o nosso lugar de pesquisa, apresentaremos o município a que pertence, como apresentado na imagem a seguir (Figura 7), mas também abordaremos sobre a instituição e o currículo estadual (Espírito Santo, 2009).

4 EEEFM DOMINGOS JOSÉ MARTINS

Para compreensão sobre a transição de espaços, subdividimos o capítulo a fim conhecermos o novo lugar que vai receber os jovens estudantes quilombolas da comunidade Graúna em diálogo com o mundo fora de seu território. A EEEFM Domingos José Martins (Figura 7) está localizada na Barra de Itapemirim, centro de Marataízes, um dos balneários mais destacados da região sul do estado do Espírito Santo, distante 127 km da capital do estado, Vitória. O município faz fronteira ao norte e a oeste com a cidade de Itapemirim, a sul com Presidente Kennedy e a leste com o Oceano Atlântico. Apresentamos o balneário e o seu desenvolvimento econômico, bem como as tradições e culturas nele presentes a realidade local que vai afetando diretamente os estudantes e tornando a educação mais relevante quando vai compartilhando as experiências.

4.1 APRESENTANDO MARATAÍZES: BALNEÁRIO CAPIXABA

A cidade de Marataízes onde está situada a unidade escolar de desenvolvimento da pesquisa é o balneário do litoral sul considerado “Pérola Capixaba” por ser um destino turístico de grande beleza natural e lazer. Nas altas temporadas do verão há uma grande circulação de turistas em suas praias, falésias e lagoas. Essa intensa circulação pela cidade vai apresentando a diversidade na oferta de serviços e alterando a rotina do município, bem como o comércio vem proporcionando uma significativa movimentação na economia local.

Esse grande fluxo na economia movimenta os diversos setores gerando renda para os moradores. Com isso, o cultivo de abacaxi, há décadas de realização dessa agricultura, promove uma grande geração de emprego durante a colheita e de serviços necessitando de mão-de-obra constantemente do plantio à colheita. Ainda, ressaltamos a pesca artesanal e oceânica que são atrativos para o município, bem como, a geração de serviços para os munícipes.

A respeito do turismo, temos na imagem a seguir, a Festa das Canoas, outro atrativo turístico retratando a tradição dos pescadores em celebrações religiosas (Figura 8). Essa cultura traz grande movimentação para a cidade e gera renda para os moradores durante as festas e comemorações.

Figura 8 – Festas das Canoas no município de Marataízes



Fonte: Festa das Canoas (2025).

4.2 A ESCOLA: FOCO DA PESQUISA

A EEEFM Domingos José Martins (Figura 9), também conhecida como “Polivalente de Marataízes” desde 1971, quando teve como proposta de ensino a oferta de várias oficinas específicas e como mantenedora o governo do estado. Ainda hoje, a sua estrutura ainda preserva algumas características dessa época com bancadas e pias em algumas salas e mantendo em evidência os seus longos muros, chamando a atenção dos transeuntes que vão atravessando a principal avenida da cidade.

Uma estudante trouxe o seguinte relato: “Minha mãe estudou nessa escola e ela disse que naquela época tinha uma cozinha onde ela aprendia culinária, mas que tinham outras oficinas que eu não lembro” (Estudante, 11/2024). Tal narrativa reforça o motivo pelo qual ainda hoje a escola é assim denominada “Polivalente de Marataízes”. Questionamos se não seria esse imaginário social que vai fazendo com que os estudantes da comunidade quilombola Graúna e outras localidades tenham

procurado a unidade de ensino buscando a formação técnica para a inserção imediata ao mercado de trabalho?

A imagem abaixo, apresenta a área externa da escola, o portão principal que pode ser acessado pelos estudantes e demais moradores da comunidade e visitantes, sempre aberto em período de funcionamento da instituição.

Figura 9 – Área externa da escola, com acesso à avenida central do município



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A imagem acima apresenta o portão de acesso da escola (Figura 9) e o seu redor é cercado por uma variedade de comércio, lojas, bares e restaurantes, essa entrada recebe estudantes de diversas localidades e do município vizinho, Itapemirim. No ano de 1977, a escola passou a fazer parte do sistema de ensino administrado pelo governo estadual do Espírito Santo. Com isso, passou a ofertar as etapas ensino fundamental anos finais e ensino médio no diurno e no noturno, com as modalidades educação de jovens e adultos e turmas na unidade prisional do município sempre atendendo uma diversidade pluriétnico cultural.

A infraestrutura dessa instituição parte ainda é antiga, construída desde 1971, quando foi inaugurada, tem passado por diversas reformas após ter como mantenedora a SEDU. Um pátio coberto rodeado pela cozinha, sala dos professores, sala da direção e coordenação e a secretaria abrigam longas mesas

onde os estudantes vão recebendo a merenda e confluindo com outros compartilhantes. Um *hall* de entrada dá acesso ao longo corredor onde estão as salas de aulas e os laboratórios, todos sendo reformados. A biblioteca escolar possui um variado acervo com exemplares atuais e outros mais antigos, aguardando a nova reforma.

A “Polivalente de Marataízes” é muito procurada pelos jovens estudantes desejando terminar o ensino médio para inserção no mercado de trabalho. A exigência do certificado associado à oferta de ensino nos 2 turnos de 50 minutos: matutino- ensino médio de 7:00 até 12:20, funcionando com capacidade lotada e vespertino- ensino fundamental e ensino médio: 12:40 até 18:00. O ensino noturno atende a educação de jovens e adultos de 18:10 até 22:20.

O corpo docente é composto em sua maioria por profissionais em designação temporária sendo a maioria moradores do município ou de localidades próximas. A unidade de ensino possui capacidade de atendimento para 1.100 matrículas e sua oferta tem sido um grande atrativo para os que almejam a certificação para o mercado de trabalho ou aqueles que já estão nele inseridos de forma autônoma ou na informalidade⁶ regularizando a sua vida escolar.

Os portões de entrada ao grande pátio externo evidenciam a movimentação entre entrada e saída de estudantes que vão chegando a pé, de bicicleta, de transporte escolar, transporte público, de carro ou de moto, revelando a formação social diversa presente neste espaço. Um grande portão gradeado limita a entrada na escola e sob os cuidados dos vigilantes que permitem o acesso a área interna apenas após autorização.

A integração comunidade e escola pode ser percebida por meio de realizações de eventos e ações. O programa “Qualificar ES”⁷ está presente na escola e tem ofertado formação para a comunidade com foco no empreendedorismo e assim promovendo a qualificação dos moradores. Essa integração vem produzindo aproveitamento ao máximo da unidade de ensino, proporcionando a participação da comunidade e contribuindo para a formação humana e exercício da cidadania.

⁶ Informação cedida pelo coordenador pedagógico, no período da pesquisa, baseado no Projeto Político Pedagógico da EEEFM Domingos José Martins.

⁷ Educação profissional ofertada pelo governo estadual, disponível em: <https://qualificar.es.gov.br/institucional>.

4.3 DIRETRIZES DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

O Projeto Político Pedagógico da escola tem como prática pedagógica institucional, o projeto “Café Filosófico” com a proposta de discutir a identidade escolar para uma vivência igualitária na comunidade. As diretrizes do currículo da educação escolar quilombola, conforme a SEDU dispõe nos Princípios da educação escolar quilombola em seu art. 7, (incisos I, II, III, IV, V, VI e XI), art. 18, art.19 (incisos III e IV) e art.20 (inciso I) (Brasil, 2012, p. 5):

Art. 7 A educação escolar quilombola rege-se nas suas práticas e ações político-pedagógicas pelos seguintes princípios:

I - direito à igualdade, liberdade, diversidade e pluralidade;

II - direito à educação pública, gratuita e de qualidade;

III - respeito e reconhecimento da história e da cultura afro-brasileira como elementos estruturantes do processo civilizatório nacional;

IV - proteção das manifestações da cultura afro-brasileira;

V - valorização da diversidade étnico-racial;

VI - promoção do bem de todos, sem preconceitos de origem, sexo, cor, credo, idade e quaisquer outras formas de discriminação;

[...]

XI - superação do racismo - institucional, ambiental, alimentar, entre outros - e a eliminação de toda e qualquer forma de preconceito e discriminação racial;

[...]

Art. 18. O Ensino Médio é um direito social e dever do Estado na sua oferta pública e garantia a todos, nos termos da Resolução CNE/CEB nº2/2012.

Art. 19. As unidades escolares que ministram esta etapa da Educação Básica na educação escolar quilombola devem estruturar seus projetos político-pedagógicos considerando as finalidades previstas na Lei nº 9.394/96, visando:

[...]

III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática.

Art. 20 O Ensino Médio na educação escolar quilombola deverá proporcionar aos estudantes:

I - participação em projetos de estudo e de trabalho e atividades pedagógicas que visem o conhecimento das dimensões do trabalho, da ciência, da tecnologia e da cultura próprios das comunidades quilombolas, bem como da sociedade mais ampla.

A educação escolar quilombola busca, entre outros aspectos, o enfrentamento ao racismo e suas diversas formas -ambiental, territorial, identitário-correspondências em práticas de enfrentamento locais e globais. Os princípios

reconhecendo e assegurando o direito ao acesso a uma educação que respeite e promova as identidades culturais dos estudantes aborda sobre a inclusão de metodologias antirracistas que respeitem e integrem saberes do educando no processo de ensino-aprendizagem tornando constituinte de uma educação mais inclusiva promovendo a justiça social.

A Lei nº 10.639⁸ em conformidade com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN)⁹ vem reiterando sobre a obrigatoriedade dos estudos afro-brasileiros e africanos nas escolas (Brasil, 2003). A formação humana e cidadã dos sujeitos que compõem o contexto escolar é uma meta da instituição efetivando o processo legal como sujeitos responsáveis pela sustentação de práticas promovendo o exercício da cidadania.

Dando continuidade ao compartilhamento da pesquisa, no próximo capítulo, apresentamos os procedimentos utilizados na realização, com a proposta de detalhar os passos para a coleta de dados evidenciando nosso foco.

5 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA: ABORDAGEM DE NATUREZA QUALITATIVA-ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentamos o estudo adotado como base teórico-metodológica os autores: Michel Thiollent(2011, p. 56), que traz a seguinte definição para pesquisa-ação exploratória: “[...] consiste em descobrir o campo de pesquisa, os interessados e suas expectativas e estabelecer um primeiro levantamento da situação, dos problemas prioritários e de eventuais ações”. Outrossim, apoiamos no autor Antônio Carlos Gil(2002, p.55) que descreve: “[...]A pesquisa participante(...) caracteriza-se pela interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas”.

Entendemos a combinação da investigação teórica com a prática, de forma colaborativa e participativa, visando a compreensão do círculo de cultura como

⁸ Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências.

⁹ Art.26 § 4º O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e europeia.

instrumento articulador para o enfrentamento ao racismo aplicado na disciplina de Língua Portuguesa buscando a promoção de transformação no campo de pesquisa, reforçam as ideias de Carlos Rodrigues Brandão(2007)sobre a pesquisa participante

Deve-se partir da realidade concreta da vida cotidiana dos próprios participantes individuais e coletivos do processo, em suas diferentes dimensões e interações - a vida real, as experiências reais, as interpretações dadas a estas vidas e experiências tais como são vividas e pensadas pelas pessoas com quem inter-atuamos(BRANDÃO, 2007, p.54)

Para Brandão(2007) a pesquisa participante aprofunda-se nos valores da escuta e o respeito ao saber que os estudantes já possuem. Essa postura diante dos conhecimentos dos envolvidos na pesquisa permite a construção do conhecimento em diálogo com os jovens quilombolas. Esse método aponta o círculo de cultura como a valorização da horizontalidade das relações e o compromisso com a transformação social.

5.1 PESQUISA-AÇÃO EXPLORATÓRIA

Segundo Thiollent (2011, p. 22), “[...] com a pesquisa-ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados”. A atribuição de significados às narrativas dos estudantes, compreendendo as diferentes situações vivenciadas na caminhada investigativa, se faz necessária para a construção de conhecimentos sobre os enfrentamentos a partir de seus cotidianos.

Em consonância Gil acrescenta:

“A descoberta do universo vivido pela população implica compreender, numa perspectiva interna, o ponto de vista dos indivíduos e dos grupos acerca das situações que vivem. Para tanto, os pesquisadores devem adotar preferencialmente técnicas qualitativas de coleta de dados e também uma atitude positiva de escuta e de empatia(GIL,2002, 150)

Essa descoberta é possível por ser parte integrante da pesquisa professor/pesquisador e estudantes, os sujeitos da pesquisa. A compreensão da pesquisa a partir de percepção interna, ou seja, sendo professora na escola, permite uma atuação clara e assumida no campo de pesquisa como reitera Brandão(1999,p.55) sendo “praticada como um ato de compromisso de presença.”

Ainda afirma Thiollent (2011, p. 21) “[...] uma pesquisa pode ser qualificada de pesquisa-ação quando houver realmente uma ação por parte das pessoas ou grupos

implicados no problema sob observação”. O envolvimento na pesquisa vem delineando práticas pedagógicas, apresentando a educação étnico-racial à medida que exploramos o espaço escolar em conformidade com a contribuição dos sujeitos na pesquisa. Na pesquisa-ação exploratória temos a identificação de problemas, formulação de questões, coleta de dados e interpretação de resultados. Esse levantamento se faz necessário para produção de conhecimentos de ações pedagógicas antirracistas.

Com a orientação metodológica da pesquisa-ação, os pesquisadores em educação estariam em condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais afetivo, inclusive ao nível pedagógico. Tal orientação contribuiria para o esclarecimento das microssituações escolares e para a definição de objetivos de ação pedagógica e de transformações mais abrangentes. [...] A pesquisa-ação promove a **participação** dos usuários do sistema escolar na busca de soluções aos seus problemas, este processo supõe que os pesquisadores adotem uma linguagem apropriada. Os objetivos teóricos da pesquisa são constantemente afirmados e afinados no contato com as situações abertas ao diálogo com os interessados, na sua linguagem popular (Thiollent, 2011, p. 85, grifo nosso).

Com a preocupação de adotar uma linguagem mais simples, entendemos como primordial a aplicação de um pré-teste de diagnóstico do campo, isto é, pegamos uma pequena amostra de participantes do público-alvo do universo de nossa pesquisa para elucidar microssituações na escola e com o objetivo de identificarmos a existência do racismo e sua gravidade, estabelecendo um diálogo aberto com os participantes.

Depois de redigido o questionário, mas antes de aplicado definitivamente, deverá passar por uma prova preliminar. A finalidade desta prova, geralmente designada como pré-teste, é evidenciar possíveis falhas na redação do questionário, tais como: complexidade das questões, imprecisão na redação, desnecessidade das questões, constrangimentos ao informante, exaustão etc. (Gil, 2008, p. 134).

De modo semelhante, Thiollent (2011, p. 75) acrescenta “[...] Antes de ser aplicado em grande escala às pessoas selecionadas na amostra ou intencionalmente, o questionário foi testado em nível de um pequeno número de pessoas representativas, o que permitiu melhorar a formulação e tirar algumas ambiguidades de linguagem. Escolhemos como respondentes dos pré-testes do diagnóstico da pesquisa uma professora e três estudantes. Para os estudantes, os questionários testes foram impressos e aplicados na biblioteca da escola, enquanto

para uma professora foi disponibilizado o link do questionário via *WhatsApp*. Os respondentes foram orientados para responderem às perguntas, apontando erros e registrando sugestões, dificuldades ou fragilidades constatadas nas questões.

Continuando a proposta metodológica, de acordo com Gil (2008, p. 75) “[...] depois de responderem ao questionário, os respondentes deverão ser entrevistados a fim de obtermos informações acerca das dificuldades encontradas”. Assim feito, durante a entrevista, compreendemos que cada questão avaliada foi compreendida, não apresentando nenhuma dificuldade e nem necessidade de ajustes ou inclusão de novas questões estando adequada à temática da pesquisa, bem como, uso de linguagem objetiva e boa diagramação.

5.2 CÍRCULOS DE CULTURA NA EEEFM DOMINGOS JOSÉ MARTINS

Neste capítulo, discorreremos sobre os passos de nossa pesquisa. Dando início ao processo investigativo, estruturamos um cronograma com as propostas do processo metodológico que nos conduziu para a compreensão das práticas pedagógicas (Quadro 2). A finalidade alcançou os objetivos da pesquisa e assim, foi possível obtermos dados para estruturar o nosso produto educacional. De acordo com hooks (2017, p. 21), “[...] por isso, uma das responsabilidades do professor é criar um ambiente onde os alunos aprendam que, além de falar, é importante ouvir os outros com respeito”. Dessa maneira, iniciamos as ações, com muito respeito e cada fase da investigação, para isso, apresentamos a tabela abaixo a fim de elucidar melhor a nossa trajetória investigativa.

Quadro 2 – Etapas da pesquisa

Ação	Mês de 2024
Contato com a SEDU	Julho
Apresentação da pesquisa à escola	Novembro
Solicitação de acesso aos dados dos estudantes na secretaria	Novembro
Assinatura dos termos de autorização	Novembro
Aplicação do questionário diagnóstico	Novembro
Aplicação dos Círculos de cultura	Novembro
Observações em sala de aula	Novembro
Análise dos dados coletados	Dezembro

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A tabela acima evidencia nossas ações durante a investigação integrando as responsabilidades. Logo, realizamos o contato com a Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo (SEDU) e obtivemos a autorização para a realização da pesquisa. Segundo a orientação do Centro de Formação dos Professores da Educação do Espírito Santo (CEFOPE), a documentação necessária foi estruturada e, seguidamente, foi enviada via *E-docs* para o secretário de educação, obtendo a carta de autorização.

Em contínuo, na Plataforma Brasil lançamos nosso projeto de pesquisa para submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) realizada para confluência dos envolvidos nessa caminhada, cujo projeto obteve aprovação do Parecer Consubstanciado do CEP/UFES. Seguidamente, procuramos a direção da escola, e em contato com a coordenação de turno, identificamos o fluxo dos alunos da comunidade quilombola Graúna para a EEEFM Domingos José Martins.

Entramos em contato com o auxiliar de secretaria para a identificação dos 13 estudantes concluintes do ensino fundamental da EEEF Graúna, Itapemirim, ano 2023. Identificamos a matrícula de 10 estudantes, em 2024, na EEEFM Domingos José Martins, sendo que seis estudantes foram matriculados no turno matutino, distribuídos em quatro turmas de primeira série e três estudantes com matrículas efetivadas na mesma turma da primeira série no turno vespertino.

Essa distribuição aleatória dos estudantes da comunidade quilombola, nos faz levantar algumas hipóteses: Os estudantes não ficaram juntos no mesmo turno por interesse da família? O sistema de gestão foi o responsável por gerenciar a distribuição aleatória? Isso nos traz inferências sobre a continuidade desse estudante no ensino médio, pois no coletivo, com os seus pares é mais fácil obter

sucesso em seus estudos e nas realizações das demandas escolares exigidas, como grupo de trabalhos e estudos, além de sua permanência.

Dando continuidade aos passos da pesquisa, delimitamos a turma envolvida nesse percurso, jovens estudantes da primeira série do Ensino Médio, turma 1v1, na disciplina de Língua Portuguesa, por ser minha disciplina de formação, também por onde conseguimos conexão mais ativa fazendo parte do quadro de professores, como afirma Thiollent (2011, p. 70), “[...] A solução do problema deve levar também em consideração a facilidade de acesso às pessoas da população e suas condições de participação”.

Observamos a seguinte questão: Como o racismo se manifesta na escola, bem como as percepções compartilhadas durante o círculo de cultura. Neste percurso, nossa intenção foi que esse instrumento fosse um articulador para semear palavras geradoras e registrar as narrativas confessionais que foram surgindo. Atentos às diferentes vozes que nem sempre são verbalizadas mas ficando subentendidas por meio de gestos, expressões ou ainda silêncio. Para hooks (2017, p. 199), “[...] achar a própria voz para também poder falar livremente sobre outros assuntos”. Entendemos que é necessário observar todas as formas de expressão, como a da líder de turma, abaixando do meu lado, disse: “Precisamos falar sobre o racismo, vai ser muito bom, pois os colegas que são de Graúna não gostam de falar que moram lá” (Estudante, 11/2024).

Esta narrativa nos apontou indícios de racismo institucional ao atentarmos para a cultura do silêncio. A falta de projetos que contemplem a diversidade escolar reforçando a materialização da estrutura cultural privilegiada na educação. Almeida (2023, p. 26) afirma que “[...] se há instituições cujos padrões de funcionamento redundam em regras que privilegiam determinados grupos raciais, é porque o racismo é parte da ordem social”. Pensando na desarticulação dessa ordem social, prosseguimos com a organização da metodologia círculo de cultura, realizamos um planejamento com a professora regente, da turma pesquisada, de língua portuguesa, alinhando a organização dos momentos: dia, aula e o espaço para aplicação dos instrumentos de pesquisa. Isto posto, nossa confluência foi necessária na exploração da situação investigada, bem como no espaço da pesquisa. Thiollent (2011, p. 56) afirma: “A fase exploratória consiste em descobrir o campo de pesquisa, os interessados e suas expectativas e estabelecer um primeiro

levantamento (ou diagnóstico) da situação, dos problemas prioritários e de eventuais ações”.Partindo dessa descoberta do campo, ou seja, da escola, entendemos nosso compromisso social, como reforça Brandão(1999,p.55) “O compromisso social, político e ideológico do/a investigador(a) é com a comunidade, é com pessoas e grupos humanos populares, com as suas causas sociais.” Assim, preocupados com a realidade dos estudantes, entendemos a necessidade do diagnóstico inicial, como apresentamos no próximo item.

5.3 DIAGNÓSTICO INICIAL NA EEEFM DOMINGOS JOSÉ MARTINS

Identificando as percepções mediante aprofundamento na análise das narrativas coletadas nas rodas de conversas, aplicamos o diagnóstico inicial que permitiu a compreensão de práticas pedagógicas antirracistas desenvolvidas na unidade de ensino e o currículo sobre educação escolar quilombola presente nas metodologias aplicadas, mas também, percebidas pelos jovens estudantes participantes de nossa pesquisa. Com essa finalidade, mapeamos a realidade escolar dos participantes identificando os caminhos percorridos na instituição como reitera Thiollent (2011, p. 33) “um diagnóstico da situação”.

5.3.1 Diagnóstico dos docentes

Neste item, delineamos o questionário respondido pelos professores e optamos por estruturar 15 perguntas fechadas e objetivas. As respostas possíveis abrangeram várias alternativas do mesmo assunto, podendo assinalar uma única alternativa ou até mais de uma dependendo da questão abordado. O diagnóstico foi disponibilizado aos docentes da turma investigada, via *link*, no grupo de *WhatsApp* da escola.

Na composição dessa pesquisa participaram oito professores, dos quais cinco responderam residir no centro do município, ou seja, um território privilegiado que difere da maioria dos jovens estudantes participantes da pesquisa. Analisando a possibilidade de dificuldade na compreensão da realidade dos estudantes que moram em outras regiões, entendemos que as vivências podem ser diferentes, por

influência de diversos fatores como: acesso a recursos, infraestrutura, segurança, transporte e outros mais.

Se auto declaram como pardos cinco professores e três brancos. Por meio da percepção social, identificamos a existência de professor preto nessa comunidade escolar. Questionamos: o professor preto se autodeclara pardo? O professor preto não dá aula para o ensino médio? O professor preto não respondeu o questionário?

Quanto ao gênero, cinco são mulheres e três homens. Refletimos sobre as transformações históricas no acesso à educação. Com o processo de escolarização, a mulher está sendo maioria na docência, o que representa as lutas feministas e mudanças sociais, esse coletivo foi responsável pelo fortalecimento do empoderamento feminino (Berth, 2023). Destacamos ainda a afirmativa de hooks(2017,p.147) “[...] Muita coisa depende da força do nosso compromisso com o processo e o movimento feminista[...].” Suas ideias denunciam o envolvimento ativo e contínuo gerando mudanças significativas.

Quatro professores pertencem à área de Ciências da Natureza, dois são da área de Linguagem e Códigos e dois de Ciências Humanas e suas Tecnologias. Chamamos a atenção pelo fato de não ter a participação de nenhum professor de Matemática. Questionamos: O professor não teve tempo para responder a pesquisa? Ou isso denuncia os desafios enfrentados pelos profissionais sobre a temática?

Na questão sobre o conhecimento da Lei nº 10.639/2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da presença da temática “História e Cultura Afro-brasileira e Africana”, seis professores marcaram ter conhecimento da legislação e dois responderam que não conheciam (Brasil, 2003). Apesar de 20 anos da promulgação, o desconhecimento da lei ainda é uma fragilidade para a inclusão da temática da história e da cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar.

Vamos destacar que a SEDU, por meio do CEFOPe, oferta a formação de “Raízes: educação das relações étnico-raciais”. Esta formação, *on-line*, é um curso autoinstrucional que visa capacitar os profissionais da rede de ensino em conformidade com o Decreto nº 5389/2023¹⁰, o qual instituiu o Programa de

¹⁰ Art.6º São atribuições da escola: I desenvolver ações e projetos de forma contínua e interdisciplinar, voltados para a educação das relações étnico-raciais - EREER, que envolvam

Educação das Relações Étnico-Raciais (PROERER) no âmbito da rede escolar pública estadual (Espírito Santo, 2023).

Dando continuidade ao diagnóstico inicial, cinco professores responderam que não presenciaram casos de racismo na escola e três afirmaram que presenciaram o racismo na escola. Acreditamos que o número pode ser maior, se, porventura, considerarmos a naturalização de brincadeiras racistas no cotidiano escolar, bem como manifestações preconceituosas a respeito do lugar onde o estudante mora e o seu modo de vestir, andar e falar.

Quando questionados sobre as razões para trabalhar com conteúdo das relações étnico-raciais na escola, sete professores assinaram promover a reeducação das relações étnico-raciais, enquanto a alternativa para educar para o antirracismo foi indicada por quatro, outros três marcaram entender a história do Brasil e dois assinalaram valorizar a cultura africana e mais dois querem entender a história da humanidade. Percebemos que os docentes compreendem sobre o papel transformador da escola para a promoção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A questão: Pensando sobre educação antirracista, tivemos uma questão mais pontuada: “datas comemorativas” com cinco indicações, enquanto dois afirmaram que o currículo escolar não dialoga com a perspectiva antirracista. As respostas direcionam para uma reflexão a respeito da qualidade das formações sobre ERER e os impactos destas no processo emancipatório do estudante.

A pergunta: Diante de seu processo formativo, como você compreende a obrigatoriedade da Lei nº 10. 639/2003?”, quatro professores assinalaram que precisam se aprofundar nessa temática, dois necessitam de formação, um tem dificuldade de abordar o tema na área de atuação e um reconhece que necessita de mais informação. Os dados vão sinalizando a fragilidade existente na formação do professor, nos levando a refletir sobre a efetividade da lei no cotidiano escolar.

Sobre o uso de materiais didáticos que abordam a diversidade cultural e racial na escola, sendo uma questão de múltipla escolha, todos responderam que utilizam o material da SEDU e apenas um já fez uso do material “a cor da cultura”, e dois fazem uso de material impresso. Considerando a utilização desses materiais pelos professores, refletimos: Já que os professores marcaram na questão anterior

estudantes, professores, famílias e a equipe gestora; II- garantir a inclusão da temática “História e Cultura Afro-brasileira, Africana e Indígena” nos conteúdos de todas as áreas de conhecimento.

dificuldade ou necessidade de trabalhar a temática, nos questionamos se o uso dessas estratégias, realmente, têm promovido a diversidade e a inclusão?

Sobre a existência de livros que abordam a questão do enfrentamento ao racismo é percebida por cinco profissionais, enquanto três não reconhecem o livro na escola. Reiteramos que a SEDU disponibilizou exemplares, nas unidades escolares, de um Caderno Orientador para Educação das Relações Étnico-raciais nos formatos impresso e *on-line*, de modo que os exemplares ficam disponibilizados para estudo e consulta na sala de planejamento de livre acesso (Pereira; Silva; Angelo, 2023).

Outra questão: A participação no curso de formação/palestra que tenha abordado a questão de enfrentamento antirracismo e ampliação desse conhecimento foi marcada por apenas quatro professores. Refletimos sobre a implementação da formação raízes, ofertada pelo CEFOPE¹¹ para todos os profissionais da rede estadual, bem como a consolidação dessa capacitação em estratégias pedagógicas antirracistas.

Uma outra questão de múltipla escolha apontou os fatores que reforçam ainda mais os contextos da desigualdade educacional dos estudantes e quatro afirmaram a raça e gênero como condicionantes para reforçar a desigualdade na escola, enquanto dois apontaram a região geográfica, outros territórios. Refletimos: A escola, em seu fazer coletivo fortalecendo as identidades e direitos, compreende a formação a partir da sua pluralidade e diversidade como forma de subverter a estrutura presente neste ambiente?

A questão “Se você presenciou/identificou alguma situação de racismo nesta escola, quais foram os tipos de violência racial, cujas ações promoveram, direta ou indiretamente, a segregação ou o preconceito racial?” Obtivemos as seguintes respostas: dois docentes assinalaram “tratando estudantes com nomes pejorativos”; dois marcaram a opção “fazendo comparativos de estudantes com outros tipos de animais (macaco)”; um assinalou “desconfiar da índole de alguém pela cor de sua pele”; quatro marcaram, “realizar piadas que associam negros a situações vexatórias, degradantes ou criminosas”; três assinalaram “adoção de eufemismos

¹¹ Disponível no *site*:
<https://formacoes.sedu.es.gov.br/formacao-raizes-educacao-das-relacoes-etnico-raciais>.

para fazer referência a negros ou pretos com as palavras “moreno” e “ pessoa de cor”; e cinco destacaram “realização de comentários sobre o cabelo, modos de vestir ou comportamentos que fazem referência a negros ou pretos”. com isso, refletimos sobre a necessidade de ambiente que reflita a diversidade, bem como, a organização de eventos que celebrem outras culturas.

Outra questão: A partir do momento de ter presenciado uma situação de racismo na escola, quais foram as providências encaminhadas pela escola. Um professor afirmou que a oferta de capacitação continuada para professores e demais funcionários; nenhum professor respondeu sobre a necessidade de inclusão de conteúdos que valorizam a cultura e a história afro-brasileira no currículo escolar. Ressaltamos sobre a necessidade de promoção de um ambiente mais inclusivo com ações educativas sobre a diversidade e o respeito.

Sobre a necessidade de estabelecer política de combate ao racismo com regras e diretrizes que promovam o respeito à diversidade foram três professores respondentes; enquanto nenhum professor respondeu à criação de canais seguros e confidenciais para que alunos, pais e funcionários que possam denunciar situações de racismo; dois percebem a oferta de suporte psicológico para vítimas ao racismo com acompanhamento adequado e quatro a realização de rodas de conversa e atividades que promovam o diálogo sobre questões raciais. Três consideram a promoção de atividades que incentivam a empatia e a valorização das diferenças (projetos, debates e eventos); a garantia da representatividade em materiais didáticos apenas um marcou, enquanto cinco responderam que a escola age de forma direta, investigando o ocorrido e aplicando medidas disciplinares cabíveis. Nenhum professor respondeu sobre o trabalho e as organizações em defesa aos direitos humanos. Essas respostas nos conduzem para reflexões sobre ações educativas de forma adequada e eficaz, oferecendo suporte e escuta para o combate à qualquer expressão do racismo no cotidiano escolar.

5.3.2 Diagnóstico inicial dos estudantes participantes e a garantia das ações

Neste tópico, abordamos o diagnóstico estruturado para os estudantes com 10 questões fechadas e objetivas, sendo impresso e aplicado presencialmente para os estudantes da primeira série do ensino médio no turno vespertino. A turma

participante- 1v1, onde estão matriculados estudantes da comunidade quilombola Graúna. No início do ano letivo foram matriculados 34 estudantes, 20 feminino e 14 masculino. Sendo que no universo de nossa pesquisa foram 19 estudantes participantes, com a seguinte faixa etária: 2 alunos entre 14-15 anos, 15 estudantes com idade entre 16-17 e dois acima dos 18 anos. Estes últimos estudantes nos fazem refletir sobre a dificuldade de escolarização muito presente na realidade de comunidade menos privilegiada.

Dois participantes responderam morar em Graúna, quatro estão no centro de Marataízes, 12 em outros bairros de Marataízes e um na sede do município Itapemirim. Os dados revelam como é desafiador o acesso à escola para os estudantes que dependem de transporte público. O enfrentamento de longas viagens podem desestimular a frequência escolar, bem como o custo de transporte podendo ser uma barreira para muitas famílias. *Refletimos*: Há garantia de condições de acessibilidade na escola?

Com relação ao gênero, foram 11 mulheres autodeclaradas, seis homens e dois homossexuais. Há presença significativa da figura feminina, bem como a pluralidade seja um marco no enfrentamento às desigualdades ao afirmar sua identidade, carregando resistência e luta por direitos. Gomes (2017, p. 84) afirma que “os saberes estéticos-corpóreos carregam resistência e luta por direitos políticos e acadêmicos”. Durante nossa caminhada na escola, apenas um estudante se autodeclarou homossexual. *Refletimos*: Há na escola superação de toda e qualquer prática de sexismo, machismo, homofobia, lesbofobia e transfobia?

Declararam-se como brancos sete alunos, além de 11 pardos, um indígena e nenhum preto. Considerando a autodeclaração pela maioria como branco e pardo, identificamos uma divergência com a ficha de matrícula dos estudantes, onde não há registro de estudante indígena e há identificação de um estudante preto. *Refletimos*: Há valorização da diversidade étnico-racial? Gomes (2017, p. 98) afirma: “[...] O racismo constitui-se um sistema de dominação e opressão estrutural pautado numa racionalidade que hierarquiza grupos e povos baseada na crença da superioridade e inferioridade racial”.

Sobre os problemas: Apresentam a realidade enfrentada em sua comunidade, marcaram: a- áreas poluídas (n=8); b- falta de acesso à água potável (n=2); constante falta de água (n=4); d- saneamento adequado (n=2); e- coleta de lixo

frequente (n=4); f- limpeza urbana (n=3); g- restrição aos recursos naturais (n=0); h- participação em decisões da comunidade (n=5); e i- representação em processos de decisões (n=2). Observamos a existência de algumas barreiras evidenciando os enfrentamentos vivenciados no cotidiano do jovem estudante. *Refletimos*: Há garantia do protagonismo do estudante nos processos políticos-pedagógicos?

A respeito da cultura afro-brasileira e africana na escola, 12 estudantes marcaram que é trabalhado na escola, enquanto sete não identificaram que seja trabalhado essa temática. Ainda analisando como é trabalhado a educação das relações étnico raciais na escola, eles podiam marcar mais de uma opção, assim, cinco estudantes afirmaram que não é trabalhada, enquanto três identificaram apenas em datas comemorativas e apenas um sinalizou o trabalho com patrimônio material (visitas a igrejas, museus, fazenda, gruta e objeto de decoração e outros) e outros nove destacaram o trabalho com patrimônio imaterial (modo de vida, cultura, saberes, costumes, cultural e práticas da região). Já em atividade cotidiana: teatro, dança, música, poesia, apenas um estudante assinalou. *Refletimos*: Há na escola a implementação de um projeto político-pedagógico que considere as especificidades históricas, culturais, sociais, políticas, econômicas e identitárias das comunidades?

Sobre as razões de achar importante estudar a história e a cultura afro-brasileira e africana na escola, nessa questão, os participantes podiam marcar mais de uma opção, de modo tal que a opção “valoriza a cultura africana” foi assinalada 14 vezes, enquanto 10 buscaram entender a história do Brasil, 8 acharam importante a promoção de reeducação das relações raciais e 5 compreendem a formação da identidade nacional, mas um marcou não saber responder. *Refletimos*: Há implementação de um currículo escolar aberto, flexível e de caráter interdisciplinar?

Na questão “quais as temáticas abaixo você gostaria de aprender na escola?”, os estudantes puderam responder mais de uma alternativa. A cultura da África foi assinalada oito vezes, enquanto modo de vida na África hoje foi marcada 10. O processo de escravização foi três vezes marcada, enquanto a organização social foi registrada por cinco, assim como o tema preconceito/discriminação. A temática Ciência foi registrada sete vezes, enquanto o tema sobre racismo por seis e oito identificaram a consciência/resistência e outros nenhum. *Refletimos*: Há ação

pedagógica que respeite e reconheça a história e a cultura afro-brasileira como elementos estruturantes do processo civilizatório nacional?

A última pergunta abordou sobre os materiais de cultura africana e afro-brasileira necessários para serem trabalhados na escola, na qual os estudantes puderam marcar mais de uma opção. A opção que abordou sobre visitas a museus, igreja, fazenda e outros foi marcada por 14 alunos, enquanto festividades identificadas por 10 participantes, assim como obras de arte. Vídeo, dança e jogos foram alternativas sinalizadas sete vezes, enquanto livros nove indicações. *Refletimos*: Há realização de processo educativo escolar que respeite as tradições e o patrimônio cultural dos povos quilombolas?

Os dados acima, nos faz retomar as ideias do educador Freire (1967), ele afirma que ouvindo o estudante trazemos segurança à prática educativa no círculo de cultura. E foi criando um ambiente horizontal onde todas as vozes ouvidas são respeitadas, permitindo questionamentos críticos a respeito de racismo estrutural, privilégios e violências históricas, dessa maneira, eles se reconheçam como agentes de mudança, estimulando a empatia e a conscientização fundamentais para a construção de práticas antirracistas. Nesse sentido, prosseguimos com nossa investigação, aplicando o círculo de cultura, dando continuidade a coleta dos dados e sua análise, como apresentamos no próximo tópico.

5.4 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA PARA OS PARTICIPANTES

Os círculos de cultura foram aplicados na disciplina de Língua Portuguesa em quatro encontros semanais, permitindo aos estudantes discutirem as temáticas elaboradas a partir das palavras geradoras. As discussões são importantes, uma vez que por meio da linguagem percebemos a interpretação da realidade vivida pelo educando:

Como elemento de mediação necessária entre o homem e sua realidade e como forma de engajá-lo na própria realidade, a linguagem é lugar de conflito, de confronto ideológico, não podendo ser estudada fora da sociedade, uma vez que os processos que a constituem são histórico-sociais (Brandão, 2004, p. 11).

O engajamento na própria realidade promove uma construção coletiva valorizando as experiências dos participantes, a transformação do espaço possibilita a desconstrução de preconceitos, a problematização de questões raciais e a construção de uma sociedade mais equitativa.

Nesse sentido, a apresentação da pesquisa aconteceu no primeiro dia, momento em que participaram 19 estudantes sentados em círculo (Figura 10). Com a leitura de um infográfico (Apêndice A), explicando a proposta do círculo de cultura, o objetivo e o funcionamento de cada atividade e como seriam os encontros.

Pontuamos regras básicas de respeito, escuta ativa e participação igualitária. Após a leitura dos termos, os estudantes aceitaram a sugestão de um *podcast* como produto educacional, acrescentando que as discussões dos encontros servissem de subsídio para composição do episódio.

Observamos que os estudantes interagiram entre eles, com seus pares, a respeito de alguma dúvida que encontravam, enquanto outros em silêncio, observavam o que acontecia. Assim como neste primeiro encontro a professora regente participou e se fez presente em todos outros encontros seguintes.

Figura 10 – Estudantes no primeiro encontro realizando a leitura do termo de consentimento livre



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Nesse momento da foto, registramos a entrega dos termos para assinatura da autorização. Os encontros foram combinados para serem realizados às segundas-feiras, pois às sextas-feiras, os estudantes faltam às aulas, sendo baixa a frequência escolar, um costume naturalizado pelos estudantes. Sugestão feita por todos os estudantes, acreditando que na segunda-feira tem maior frequência e conseqüentemente, a participação seria maior.

5.4.1 Primeiro encontro: Sensibilização e palavras geradoras

Iniciamos com a dinâmica sensibilizadora “O peso do preconceito” (Apêndice A) estimulando a reflexão, empatia e conscientização, promovendo o respeito e a valorização da diversidade (Figura 11). Nosso objetivo foi a sensibilização dos estudantes sobre os impactos do racismo e a importância de uma postura antirracista. A dinâmica constitui-se em apresentação de duas folhas de ofício em branco, mas que representam papéis com diferentes situações de discriminação racial, realizando provocações.

Figura 11 – Aplicação da Dinâmica “O peso do preconceito”, após sensibilização



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A foto acima evidencia o registro da realização da dinâmica sensibilizadora, que cumpriu seu papel quando estudantes compartilharam algumas inquietações. As angústias apontadas deram origem às palavras geradoras: brincadeiras entre amigos, estereótipos, leis, movimentos de luta, consciência negra, ações afirmativas, resistências, insegurança do jovem, diferença entre bullying e racismo, aceitação de brincadeiras racistas. A experiência de expressar-se na sala de aula não é vista por alguns com algo apropriado como assevera hooks (2017) reiterando que poderiam ser consideradas como ações inaceitáveis. O círculo de cultura como prática da liberdade nos fez ouvir diferentes narrativas.

Brincadeira boba, depois acha normal e não sabe como é que tá o psicológico da pessoa hoje e continua fazendo. Outra é ver também os parentes fazendo uma piada, tipo avô falando alguma coisa assim, e a criança também repetindo. Tipo assim, a pessoa acha que é normal, porque começa na família. Aí a gente leva pra outro lugar e também acha normal, sabe como é? Acaba trazendo pra escola e... Acontece muita violência, né? (Estudante, primeiro círculo, 11/2024).

A influência do racismo vem dentro de casa. Se é criança é racista é porque a mãe e o pai são. A mãe e o pai ensinam. Ah, eu sou branco, meu filho é branco. Ah você não pode encostar no coleguinha que é preto porque você vai pegar doença. A influência de mãe e pai (Estudante, primeiro círculo, 11/2024).

É ridículo quando tem um policial negro Às vezes para até para abordar O pior é quando o policial é negro e ele faz racismo com a raça dele. Simplesmente ele se acha no direito de fazer o preconceito, assim ele se acha Pardo. Não sei se existem pardos de verdade porque para mim pardo não é cor (Estudante, primeiro círculo, 11/2024).

Sim, a pessoa fica mal. Igual eu vou dar o exemplo de mim .Exemplo eu sou negro, eu tenho cabelo afro e todo dia é um dia de luta para mim, é um dia de luta .Eu saio de casa e a mesma trajetória que eu faço todo dia .Eu saio de casa, eu passo naquela rua ali no centro onde o ônibus passa, eu passo ali todo dia. Um carro passa uma moto quase quebra o pescoço me olha eu passo ali e me olha. Aí cara você fica assim pensando... Por que será que ficam me olhando? Por que eu sou negro? Por que eu tenho cabelo afro? Por que será ? Passa na rua e não tem a segurança Nunca sei se eu estou seguro de passar na rua nunca sei. Aí eu fico sem segurança (Estudante, primeiro círculo, 11/2024).

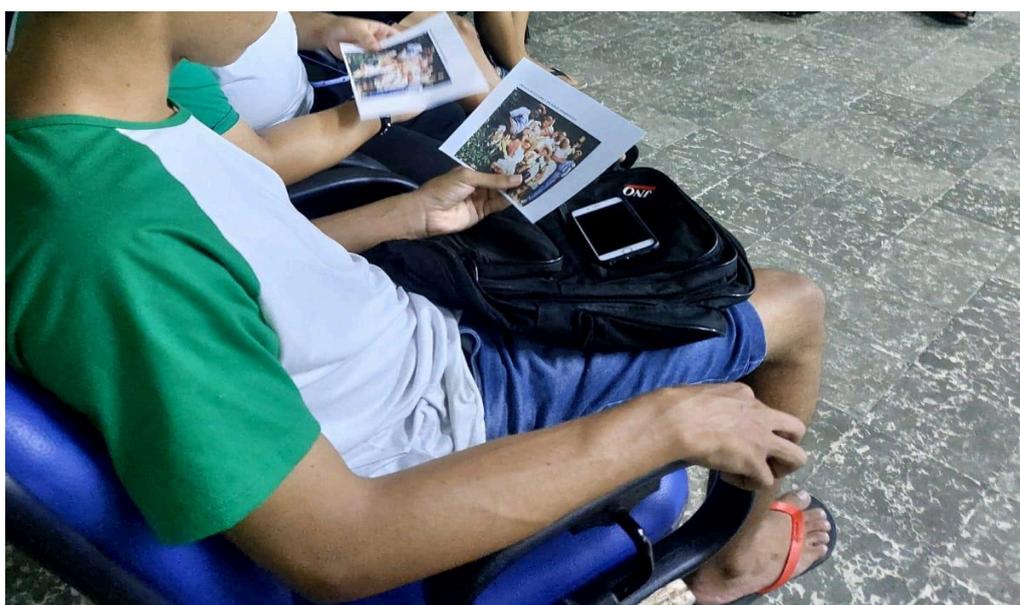
As narrativas compartilhadas no primeiro encontro apontam para a liberdade na comunicação. Brandão (2004) reforça sobre a análise do discurso para compreensão dos significados existentes na comunicação. As relações de poder evidenciadas nos discursos dos sujeitos ao compartilharem suas experiências e

realidades influenciadas pelos valores e comportamentos percebidos na sociedade. hooks (2017) vem dialogando sobre o espaço democrático que a escola vai se formando ao reconhecer os diversos discursos nela presente. O círculo de cultura é o momento que os sujeitos têm a compreensão de que as suas vozes são ampliadas e respeitadas. A emancipação política decorrente da liberdade de se expressar, de respeitar seus valores e culturas por meio da linguagem, buscando o reconhecimento de seus saberes compartilhados.

5.4.2 Segundo encontro: Palavra geradora “Estereótipos”

Aprofundamos a reflexão, problematizando a palavra geradora “estereótipo” gerada no primeiro encontro relacionando o tema com a realidade social dos estudantes de acordo com os compartilhamentos. Entregamos aos estudantes um texto descritivo de cada personagem do programa Sítio do Pica-Pau Amarelo (Apêndice B). Realizando uma leitura silenciosa, cada estudante foi identificando as características do personagem e compartilhando suas percepções e o coletivo contribuindo (Figura 12).

Figura 12 – Estudante realizando a leitura do texto descritivo sobre os personagens do Sítio do Pica Pau Amarelo



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Na foto acima, registramos a leitura do texto e ressaltamos que neste dia, os estudantes fizeram poucas contribuições. Os participantes do encontro anterior não queriam falar e ficavam provocando outros colegas para falarem: “Da outra vez nós falamos muito, agora, são vocês que vão falar. Eu não vou falar nada” (Estudante, 11/2024). A temática do círculo de cultura foi muito provocativa, buscando confrontos com a realidade do estudante até então dita como normal. O posicionamento sobre estereótipo e não concordar com as atitudes racistas dos colegas faziam alguns se silenciar, como afirma hooks (2017) ao afirmar sobre o silêncio ser visto como obediente e se posicionar de forma crítica ser considerado como atitude inaceitável. A adoção de valores burgueses na sala super determina os comportamentos dos estudantes.

Uma participante foi destacando sobre as características do “Tio Barnabé”. A figura desse personagem sempre caracterizado com roupas humildes, fala simples e ao mesmo tempo o responsável com os cuidados do sítio. A representatividade da população negra sempre buscando uma forma de inferiorizar a raça nas mídias e isso sendo reproduzido por diversas gerações.

Sobre a questão do Barnabé colocaram a seguinte característica: que ele é humilde e boa gente, aí depois colocar uma vírgula cortando o texto e colocaram que toma conta do sítio que sabe de tudo. Qualidade que falaram dele é que ele é humilde e boa gente, a única (Estudante, segundo círculo, 11/2024).

Fanon (2022) assevera sobre o colonizado, enquanto dominado e não domesticado, assim representado pelo personagem Tio Barnabé, como apontou a estudante ao colocarem ele como uma pessoa humilde, mas aquele que está inferiorizado, sempre envolvido com os cuidados, o “sabe tudo”. A dominação do ser que não tem consciência de sua inferioridade.

Outra discussão apontada neste encontro foram as palavras utilizadas como normais. Os estudantes entendem que não pode ser brincadeira, uma fala racista que deprecia pessoas por causa da cor de sua pele.

Tem muita gente que fala algo racista e acha que não é racista ele diz que só está comentando. E acha que não tem problema algum. É igual ontem ontem eu fui à Lagoa do Siri E aí onde eu estava assim do lado tinha muito negro E aí uma senhora que estava passando com o marido dela disse “IH! Esses daí pegaram sol demais! (Estudante, segundo círculo, 11/2024).

A estudante compartilhou a narrativa em tom desconfortável, incomodada em reproduzir o que tinha presenciado na praia e assim foi falando bem baixinho, quase que apenas eu ouvia. Para hooks (2017) as narrativas confessionais estabelecem um compromisso com o aprendizado na medida em que se compartilha uma opinião, um ponto de vista. O círculo de cultura considera que cada sujeito tem o seu ponto de vista admitindo a ideia que cada um é diferente.

Ainda sobre as diferenças que a mídia traz como reforço negativo sobre a população negra, os estudantes fizeram os seguintes compartilhamentos a respeito da personagem Tia Anastácia:

Espaço de empregada doméstica.
Nessa história aqui apenas os brancos têm nome e sobrenome, os três trabalhadores pretos não têm sobrenome.
Parecem que são escravos.
É figurante.
Sempre vai ser apresentado assim: o preto o dono da boca, tipo assim.

Essas narrativas descrevem a luta pelos direitos das mulheres.hooks(2017) defende que o feminismo precisa lutar contra todas as formas de injustiça, seja ele manifestado por meio do racismo e a desigualdade social. A autora destaca que as mulheres negras têm sabedoria, força e histórias importantes para contar, com isso, o papel que representam, muitas vezes, não dão a visibilidade que merecem.

Ainda neste momento, muitas falas foram compartilhadas a respeito da figura feminina negra na mídia, sobre os estereótipos negativos por ela reforçados, como podemos perceber por meio das seguintes contribuições:

A negra é a dona da barraquinha que trabalha na feira e é pobre, mora perto da favela do morro .
Na novela sempre passa na favela, na periferia, no morro, nunca em condomínio igual aos brancos.
Professora, outra coisa que a gente também não percebeu é que os personagens estão com aquelas roupas mais simplesinhas e acabadinha até mesmo nas novelas. Gente aquela novela que acabou esses dias, lembra, aquela novela que tá passando de novo, que é antiga, a Renascer. Seu Egídio fazendeiro que tem uma empregada negra sempre com cabelo preso com uma roupa diferente, uma roupa mais simples, eles estão todos mais elegantes, mais arrumados e ela sempre estava com roupinha mais simples. Tem uma coisa diferente nisso, as pessoas racistas que colocaram na cabeça que isso é normal e não percebe isso, não percebe essa diferença.
Professora, me fez lembrar de um filme que eu assisti Histórias Cruzadas. Uma mulher escreveu no Diário a história de outras mulheres pretas, muito bom o fim, eu gostei muito. Trata de mulheres brancas que têm empregadas negras e essas empregadas ganham um salário muito pequeno.Só que depois a mulher branca ajudou escrevendo a história delas.

A narrativa da estudante, acima, nos fez refletir como as personagens negras são representadas na mídia. hooks(2017,p.49) “[...] Quando criamos esse espaço feminino onde poderemos valorizar a diferença e a complexidade, a irmandade feminina baseada na solidariedade política vai passar a existir”. É necessário repensar sobre a valorização da voz das mulheres negras, de suas vivências e de sua luta por respeito e por dignidade.

5.4.3 Terceiro encontro: Políticas e ações – Linha do tempo

Neste terceiro círculo de cultura, o tema foi “Políticas e Ações- linha do tempo” iniciado ao som da música Negro Drama, Racionais, enquanto os participantes realizaram a leitura dos textos (Apêndice C), simultaneamente, disponibilizamos um alfabeto antirracista organizado em cima da mesa. Os estudantes tiveram um tempo para folhear as figuras e o único alfabeto que eles identificaram foi do jogador Pelé, os outros eram desconhecidos. A imagem seguida foi montada por uma aluna, que fez o seguinte relato: “Professora, só conheço o Pelé” (Estudante, terceiro círculo, 11/2024).

A abertura da estudante em admitir que conhece apenas o jogador Pelé foi possível sentindo a abertura de falar sem julgamento proposta por Freire (1996). Mas vamos refletir sobre a visibilidade limitada, quando se há uma riqueza de contribuições de outras pessoas negras em diversas áreas, como ciência, arte, política e ativismo.

A imagem a seguir, apresenta os estudantes lendo o alfabeto e interagindo com colegas ao passo que apresentamos cada personagem do alfabeto incluindo suas contribuições históricas e as lutas de resistência(Figura 13). A promoção da valorização da identidade cultural e étnica para compreensão de uma luta antirracista de forma prática utilizando o alfabeto foi uma forma prática de apresentação de outras figuras importantes na sociedade brasileira para a promoção do respeito às diversidades e o reconhecimento de narrativas histórica e cultural.

Figura 13 – Estudantes folheando o alfabeto antirracista e tirando foto enquanto outros estavam lendo os textos propostos



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A imagem acima evidencia a realização da leitura (Apêndice C) dos gêneros textuais: conto, minibiografia, poema, manchete, com o tema políticas e ações. Realizamos a leitura dos textos e discutimos sobre a valorização da diversidade brasileira e a pluralidade de figuras negras importantes, ampliando a referência em diversos gêneros literários.

Na imagem a seguir, apresentamos a linha do tempo para os estudantes como resgate históricos referentes aos marcos temporais de conquistas da população negra ao longo da história do Brasil (Figura 14). A leitura da linha do tempo trouxe reflexões sobre os avanços que a população negra teve com a resistência. Os estudantes compreenderam que houve um avanço significativo de conquistas, mas também, apontaram que muito ainda há para se avançar na questão de direitos e de igualdade para todos.

Figura 14 – Estudante realizando a leitura da linha do tempo enquanto outros continuaram folheando o alfabeto móvel e interagindo com seus colegas



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Essa leitura se fez necessária para ampliação e aprofundamento das lutas e conquistas do movimento negro. Após a leitura, os estudantes realizaram significativos questionamentos sobre a abordagem policial, o abuso de poder que eles exercem sobre a comunidade, bem como o desconhecimento de leis. Freire (1996) reforça sobre o exercício do bom senso, isto é, quanto mais os estudantes apresentaram suas inquietações sobre os comportamentos dos policiais, mais provocamos as curiosidades deles envolvendo na discussão de que algo precisa ser compreendido no comportamento dos policiais.

O policial não sabe da Lei, não conhece a lei, e mesmo assim é racista. Tem que ter muita força de vontade porque não é uma coisa rápida, por exemplo. se um policial faz isso, você vai denunciá-lo é um policial. Então é assim a maioria dos policiais daqui gostam de vingar. e as pessoas ficam com medo

de denunciar e fica com medo porque é policial e aí não denuncia não corre atrás e ainda tem a vergonha (Estudante, terceiro círculo, 11/2024).

As inquietações foram continuando:

Bem, como é, como alguém disse, os policiais sabem da lei, mas só que eles não seguem isso, porque parece que quando eles colocam a farda deles, eles pensam que eles são autoridade máxima, que eles podem fazer o que eles querem, e acham que tudo aquilo que ele faz é o certo, o poder sobe à cabeça. Sabe aquele ditado: que o dinheiro sobe a cabeça é o poder. Não adianta quase nada, se a pessoa tem mais poder que o outro. A pessoa vem com uma autoridade maior sobre a outra, a outra vítima, a outra não pode fazer nada (Estudante, terceiro círculo, 11/2024).

Essas narrativas foram sendo apresentadas com ênfase nas manifestações racistas de alguns policiais considerados. A respeito disso, Freire (1996) acrescenta ainda sobre o exercício do bom senso, isso evidencia a questão da farda apontada na narrativa acima, em que o estudante realiza a leitura de mudança de comportamento do policial quando está fardado.

Professora, voltando ao assunto do policial a questão da gente olhar para uma situação e não fazer às vezes nada a policial a situação do policial e o negro é uma situação igual aconteceu com uma pessoa conhecida minha dentro da capoeira. na capoeira nós temos o sistema de graduação, Ah tá eu sou aluno e tenho meu professor que é o meu mestre assim vai eu aqui com o aluno que estou aqui embaixo Professor tá aqui e o mestre lá em cima assim aqui tá o policial e em cima está o delegado acima do policial e aqui embaixo está o cidadão um negro ou aluno. Aí é assim, nós estamos na roda de capoeira e acontece com alguém e o professor a gente que é aluno a gente não tem voz contra o professor ou mestre isso acontecer tipo o professor te barrou na roda porque aconteceu alguma coisa talvez que supostamente foi errado é como se fosse o cidadão, assim. Só pelo fato de você ser negro não tem um poder lá em cima superior você não vai ter voz contra ele é tipo isso, é meu ponto de vista, você não tem voz contra o policial. Acontece a situação da capoeira porque na capoeira é a mesma coisa você não tem voz contra o professor, não tem voz (Estudante, terceiro círculo, 11/2024).

Nesta narrativa o estudante compartilhando suas vivências faz uma analogia com a autoridade do policial e isso denuncia o silenciamento de outras vozes e representações. Freire (1996) explica sobre o papel do educador em não subestimar o educando. A partilha do estudante sobre o que vivencia em outros espaços, traz a compreensão que ele tem do racismo estrutural evidenciando o privilégio de narrativa dominante.

5.4.4 Quarto encontro: Direitos humanos

Neste encontro, colocamos as literaturas afro-brasileiras disponíveis na biblioteca da escola no centro do círculo e iniciamos com a música “Dandara”, sugerida por um participante da pesquisa no encontro anterior.

Seguidamente, na imagem a seguir, registramos a exibição de uma videorreportagem sobre a receita culinária de Dona Elza, moradora da comunidade quilombola Graúna, vencedora da “Receita da minha terra” -3ª edição do Incaper (Apêndice D), conforme ilustra a Figura 15.

Figura 15 – Participantes assistindo ao documentário sobre a receita de Dona Elza, moradora da comunidade quilombola Graúna



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

O vídeo apresentou um pouco da história da cultura da comunidade quilombola Graúna, onde Dona Elza aprendeu a receita “Galinha ao molho pardo” com seus ancestrais. Consideramos a importância de trabalhar os conhecimentos presentes na comunidade e o compartilhamento da história oral para os mais novos, valorizando os saberes ancestrais e apresentando a culinária afro-brasileira.

Tivemos grandes apontamentos, os sujeitos compartilharam as suas percepções sobre os direitos humanos de forma incisiva e contundente. As leituras de diferentes gêneros textuais proporcionaram maior reflexão sobre a palavra geradora desse encontro. Notícias com o assunto “Direitos Humanos” e trechos da Declaração Universal de Direitos Humanos reconstruíram memórias a partir da infância de uma estudante, enquanto acompanhava sua mãe em uma defesa à uma mulher que estava sendo agredida por um policial.

Não só pelo dinheiro mas pelo respeito. Tem que mostrar que o homem branco que assaltou merece a punição pelo que ele fez. E não adianta bater, não vai resolver, quem apanha não esquece, você pode bater, hoje mas, quem apanha não esquece. Eu nunca esqueci as agressões da minha mãe, nem do meu pai os puxões de cabelo, nunca esqueci. Nunca esqueci uma agressão que minha mãe sofreu pelo policial, que ela quis defender uma mulher cujo marido estava sendo preso e minha mãe era Negra (Estudante, quarto círculo, 11/2024).

Essa narrativa vem carregada de significado, em seu discurso contundente, a estudante expressa a violência de leituras estereotipadas normalizando a população negra perfazendo a realidade de muitas comunidades. A impunidade de muitos policiais reforçando as agressões que muitas vezes são reproduzidas em casa. Freire (1996) sobre a responsabilidade do professor, no círculo, vimos o respeito dado à dignidade do participante diminuindo “a distância entre o que fazemos e o que dizemos”. O professor mediador pensa como o educando, auxiliando a busca inquieta para a superação de desafios.

Professora, eu queria falar sobre o texto cinco também igual ela falou: A respeito de vítima de violência policial que tem direito a recebimento de indenização por danos morais, Mas se a pessoa sofre violência e... talvez... vamos supor que... Igual aquele caso que teve nos Estados Unidos que a pessoa sofreu violência e morreu por falta de ar, como ele vai ser indenizado? para que ele vai receber indenização? Porque a família não vai querer ser indenizada, ela quer Justiça, eu vou querer ser indenizada pela morte de... vamos supor do meu marido para quê? Eu não quero isso, eu quero Justiça que seja presa a pessoa que fez isso, então assim por esse lado é meio sem sentido de ter indenização, mas se a pessoa sofrer indenização e conseguir sair viva né... Aí já é outra história (Estudante, quarto círculo, 11/2024).

Essas vozes que ouvimos no círculo evidenciam de forma crítica e bem participativa as percepções dos estudantes sobre os direitos e o enfrentamento em situações que não minimizem as dores vividas pela população negra. Esse momento dialógico em circularidade revela a conscientização do discente a respeito da

inconclusão do ser humano, quando temos a consciência de que somos seres inacabados, como afirma Freire (1996).

Figura 16 – Último encontro com a apresentação de obras da literatura afro-brasileira



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Trouxemos a imagem acima, porque queremos apresentar a organização das obras de autores afro-brasileiros facilitando o manuseio dos estudantes, eles pegaram algumas obras e olharam, mas é apenas uma identificou o livro “Quando me descobri negra”, Bianca Santana, que foi trabalhado pela professora de Sociologia.

Esse livro “Quando me descobri negra” é o livro que a Grazi passou para a gente. Nesse livro tem alguns contos que são bem profundos também e quando eu li Fiquei emocionada sabe o que é você sentir que a pessoa sentiu? você vai lendo você vai se aprofundando você consegue ver e sentir mesmo o que aquela pessoa passou. você vai lendo parece que você tá junto com ela naquele momento sabe... você vai começando a sentir as coisas então... eu gostei daquele livro por causa disso porque me identifiquei bastante com as coisas que estão ali com certos contos (Estudante, quarto círculo, 11/2024).

Essa reflexão da estudante sobre o conto trabalhado em sala de aula, vem ressaltando o apontamento de Gomes (2017) considerando a afirmação do jovem estudante no espaço escolar, construindo uma política da estética e da beleza negra como forma de expressão, transmitindo sua ancestralidade e ressignificando o lugar. E continuou a sua reflexão sobre o conto.

Tem um conto ali que fala justamente sobre cabelo, eu lembrei da minha amiga porque... basicamente, é a mesma história da minha amiga, porque ela não se sentia bem por ter sofrido muito bullying por conta do cabelo dela- crespo, ela não conseguia sair de cabelo solto de jeito nenhum, ela sempre prendia o cabelo. Todos os santos dias, nem um dia com o cabelo solto e ela só conseguiu vencer isso por conta do namoro. O namorado dela ajudou muito com isso, mas hoje eles não estão juntos, mas ele ajudou muito ela e hoje ela só usa o cabelo dela solto (Estudante, quarto círculo, 11/2024).

Essa narrativa confessional evidencia a intimidade da estudante, revelando as tensões sofridas por alguns estudantes negros nas escolas. Fanon (2020) argumenta sobre a consciência de si, quando a estudante aceita seu cabelo crespo, reconhecendo a sua própria identidade valorizando suas características afro descendentes como forma de resistência cultural e buscando o desenvolvimento social.

Desenvolvi tudo aquilo vivido.(Estudante, quarto círculo, 11/2024).

Essa narrativa do estudante foi apontada quando finalizamos nosso encontro com a aplicação de uma autoavaliação-rubrica (Figura 17). O *feedback* acima escrito pelo estudante na ficha de autoavaliação, afirmando que tudo o que aprendeu no círculo foi possível para ser colocado em prática evidenciando o papel da escola na formação dos sujeitos. A conscientização de uma educação antirracista e sua contribuição para uma educação mais justa e igualitária respeitando as diversidades no ambiente escolar precisa ser um ato contínuo.

Figura 17 – Autoavaliação utilizada após aplicação do último círculo-rubrica¹²

AVALIAÇÃO- CÍRCULO DE CULTURA
 Como você se avalia nesses 4 Círculos de Cultura realizados?
 Use a rubrica abaixo:

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO	DESEMPENHO EXCELENTE	DESEMPENHO MUITO BOM <input checked="" type="checkbox"/>	DESEMPENHO BOM	DESEMPENHO INSUFICIENTE
COLABORAÇÃO	Estabeleci conexão com os colegas durante o tempo todo.	Estabeleci conexão com os colegas durante a maior parte do tempo.	Estabeleci conexão com os colegas mas não durante todo o tempo. <input checked="" type="checkbox"/>	Não estabeleci conexão com os colegas.
COERÊNCIA	Refleti bastante a partir da leitura dos textos e outras fontes.	Elaborei algumas reflexões a partir da leitura dos textos. <input checked="" type="checkbox"/>	Fiz poucas reflexões a partir da leitura dos textos.	Não refleti a partir da leitura dos textos.

JUSTIFIQUE: Resumidamente tudo aquilo sentido.

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A imagem acima é o registro de uma autoavaliação que se faz necessário para avaliar o envolvimento dos participantes nos encontros. Freire (2008) considera o diálogo como interação entre dois sujeitos ou mais, avaliar é, portanto, exigir o senso de responsabilidade, tornando o diálogo com proposta de educação. Dando continuidade ao encerramento dos encontros, os estudantes após uma tempestade de ideias, sugeriram o nome do *podcast* “Transformação social”. Os debates sobre políticas públicas, legislação e iniciativas aprimoraram os conhecimentos adquiridos nos encontros entendendo que o compartilhamento dessa prática pedagógica e narrativas confessionais fossem propulsoras para o engajamento na sociedade.

Com as transcrições em mãos, um fervilhar de ideias foi-nos trazendo questionamentos: O que fazer com tantas evidências? Como apresentar essa prática para outros profissionais da educação? O que deixar para consulta e até ampliação dessa metodologia? Foi quando a sugestão de uma sequência didática nos sobreveio. Tudo já estava preparado, cada texto utilizado nos encontros, música e vídeo, a proposta já estava montada.

¹² Instrumento avaliativo utilizado no último encontro. Esse tipo de instrumento foi utilizado na formação continuada de Língua Portuguesa: aumentando nossa proficiência, CEFOPE/SEDU, em 2024, do qual participei.

Figura 18 – Capa da sequência didática e QR Code de acesso ao Podcast



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A sequência didática do podcast “Transformação social”(Figura 18) é um produto educacional apresentando o círculo de cultura como uma prática pedagógica antirracista. Uma metodologia que fomenta a discussão de temáticas diversas partindo da realidade do educando e o compartilhamento de narrativas confessionais reforçando o envolvimento dos estudantes.

A sequência didática vem apresentando a possibilidade de trabalhar a educação escolar quilombola apropriando dos conhecimentos tradicionais e contribuindo para o reconhecimento e valorização das comunidades, compartilhando histórias comuns valorizando a trajetória histórica percorrida utilizando a variedade de gêneros textuais.

6 (IN) CONCLUSÕES

Sabemos que o objetivo geral de nossa pesquisa foi analisar o círculo de cultura como metodologia antirracista em uma escola que recebe jovens estudantes

da Comunidade Quilombola Graúna. A questão norteadora de nossa pesquisa foi: Como o círculo de cultura pode ser um instrumento articulador para a promoção de práticas pedagógicas antirracistas no ensino médio com enfoque na disciplina de Língua Portuguesa?

Observamos que por meio desta pesquisa, obtivemos resultados significativos explorando e registrando as narrativas confessionais dos estudantes da EEEFM Domingos José Martins, município de Marataízes. Além do mais, criamos uma sequência didática dos círculos de cultura no formato digital e também, *um Podcast* com as narrativas compartilhadas sobre o círculo de cultura.

É importante destacar que na sequência didática no formato digital utilizamos o passo a passo desenvolvido nos encontros, cada texto utilizado e como foram desenvolvidos os encontros, podendo ser reproduzido em outras disciplinas realizando as adaptações necessárias de acordo com o contexto.

As narrativas confessionais nos levaram a compreender a necessidade de valorização da cultura e a efetividade da educação étnico-racial. Os desafios foram significativos e enfrentados pelos estudantes ao acesso a uma educação que reconheça e respeite suas particularidades.

A inclusão desses estudantes na escola pesquisada apontou fragilidades que ainda precisam ser consideradas. Revelando a necessidade de uma formação continuada em educação das relações étnico-raciais percebendo o estudante enquanto sujeito diverso e respeitando a sua identidade cultural.

O círculo de cultura, fundamentado nos princípios de Paulo Freire, se apresenta como uma abordagem facilitando a troca de saberes e a valorização da cultura quilombola ajudando a promover um ambiente escolar mais inclusivo, onde as experiências e vivências dos estudantes quilombolas e não quilombolas sejam respeitadas e integradas ao currículo.

A pesquisa revela a eficácia do círculo de cultura na promoção da identidade quilombola e não quilombola na redução de preconceitos raciais entre os alunos. A valorização dos saberes locais enriquece o processo educativo, contribuindo para um ambiente mais justo e equitativo.

Evidenciamos a importância de práticas pedagógicas da Educação Escolar Quilombola que respeitem e valorizem a diversidade cultural presente no Município

de Marataízes. A estruturação do círculo de cultura para a construção de uma educação antirracista e inclusiva, promovendo a dignidade e a identidade plural.

A escola tem muito a ganhar utilizando o círculo de cultura como uma ferramenta poderosa para combater o racismo, pois promove a escuta ativa, o reconhecimento das lutas históricas das populações negras através das narrativas confessionais e a formação de uma consciência coletiva capaz de transformar estruturas discriminatórias.

Considerando as ideias de Santos (2023), essa pesquisa é o começo e o meio. O começo da aplicação do círculo de cultura em diferentes disciplinas para o fortalecimento do compromisso com a igualdade racial e a justiça social, principalmente, em escolas de ensino médio que ainda não contemplam em seu currículo escolar a Educação Escolar Quilombola.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. L. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ALVES, P. A. **Quilombolas e trajetórias de escolarização**: um estudo a partir de Retiro, Santa Leopoldina-ES. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.
- ARAÚJO, N. S. M. **Entrelaçando saberes e narrativas**: formação de professores e lideranças quilombolas em Conceição da Barra-ES. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade Federal Espírito Santo, Vitória. 2020.
- BELOTI, M. A. S. **Tecendo rede antirracista para o ensino de história e culturas africana e afro-brasileira na educação básica do município da Serra (ES)**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.
- BERTH, J. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro, Jandaíra, 2023.
- BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.
- BRANDÃO, C.R; BORGES, M. C. **A pesquisa participante**: um momento da educação popular. Revista Educação popular, Uberlândia, v.6, p.51-62, jan/dez, 2007.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília: MEC, 2004.
- BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm#:~:text=LEI%20No%2010.639%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202003.&text=Altera%20a%20Lei%20no,%22%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs. Acesso em: 12 out. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais** Brasília: SECAD, 2006.
- BRASIL. **Parecer CNE/CEB nº 16/2012**. Brasília: Conselho Nacional de Educação, 2012. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman%20&%20view=download%20&%20alias=11091-pceb016-12%20&%20category_slug=junho-2012-pdf%20&%20

emid=30192. Acesso em: 20 dez. 2023.

CAVALLEIRO, E. S. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

ESPÍRITO SANTO. **Atlas do Folclore Capixaba**. Espírito Santo: SEBRAE, 2009a.

ESPÍRITO SANTO. **Currículo Básico Escola Estadual**. Vitória: SEDU, 2009b.

ESPÍRITO SANTO. **Decreto nº 5389-R, de 09 de maio de 2023**. Institui o Programa de Educação das Relações Étnico-Raciais - ProERER no âmbito da rede escolar pública estadual. Vitória: Diário Oficial, 2023. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbnmnnibpcajpcglclefindmkaj/https://sedu.es.gov.br/Media/sedu/pdf%20e%20Arquivos/Decreto%20ProERER.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2024.

ESPÍRITO SANTO. **Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural – INCAPER**. Vitória: 2022.

FANON, F. **Os condenados da terra**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FESTA das Canoas completa 115 anos em 2025. **Diocese Cachoeiro**, 2025. Disponível em: <https://diocesecachoeiro.org.br/festa-das-canoas-completa-115-anos-em-2025/>. Acesso em: 21 mar. 2025.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, N. L. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

GUIMARÃES, A. A. OLIVEIRA, O. M. **Jongos e Caxambus**: culturas afro-brasileiras no Espírito Santo. 1. ed. Vitória: UFES, 2017.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

hooks, b. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

MULHERES são maioria na docência e gestão da educação básica. **Gov.br**, 27 jul. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2023/marco/dia-da-mulher-mulheres-sao-maioria-na-docencia-e-gestao-da-educacao-basica>. Acesso em: 18 set. 2024.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

OLIVEIRA, O. M. **O projeto político do território negro de retiro e suas lutas pela titulação das terras.** 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

OLIVEIRA, T. S. **Relações étnico-raciais e educação: políticas antirracistas no município de Cariacica.** 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia.** São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1996.

PEREIRA, A. G.; SILVA, V. S.; ANGELO, V. A. **Caderno orientador para a educação das relações étnico-raciais no Espírito Santo.** Vitória: SEDU, 2023.

PEREIRA, M. A. **Interseccionalidades, mulheres quilombolas e possibilidades que emergem da participação solidária.** 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Espírito Santo, Vitória, 2021.

RUFINO, P. G. **A educação no quilombo e os saberes do quilombo na escola.** Curitiba: Appris, 2018.

RUFINO, P. G. **Olhares sobre jongos e caxambus: processos educativos nas práticas religiosas afro-brasileiras.** 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Espírito Santo, Vitória, 2013.

RUFINO, P. G. **A educação do negro na comunidade de Monte Alegre/ES em suas práticas de desinvisibilização da cultura popular negra.** 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007.

SANTOS, A. B. **A terra dá, a terra quer.** 1. ed. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI.** 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SANTOS, M. **O dinheiro e o território.** Universidade de São Paulo. Disponível em: [.file:///C:/Users/Sayonara/Desktop/defesa14_04_25/13360-Texto%20do%20Artigo-52708-1-10-20090902.pdf](file:///C:/Users/Sayonara/Desktop/defesa14_04_25/13360-Texto%20do%20Artigo-52708-1-10-20090902.pdf). Acesso:28/05/202.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

XAVIER, F. A. **Processos educativos na comunidade jongueira de Anchieta: práticas de enfrentamento ao racismo na educação de jovens e adultos**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A – INFOGRÁFICO UTILIZADO NA APRESENTAÇÃO DA PESQUISA



DINÂMICA SENSIBILIZADORA- O PESO DO PRECONCEITO

Objetivo: sensibilizar os estudantes sobre os impactos do racismo e a importância da postura antirracista.

Materiais: duas folhas de ofício em branco. Uma ficha com diferentes situações de discriminação racial (exemplo: “ser seguido dentro de uma loja porque suspeitam que irá roubar algo”, “ter seu cabelo ridicularizado na escola”, “ser ridicularizado por morar em um bairro de menos privilégios” e outras situações).

Passo a passo:

- 1- Em cada uma das mãos segure uma folha de ofício em branco representando um estudante branco e outra estudante preto;
- 2- Balançar as duas folhas, chamando a atenção para a autoestima dos estudantes quando chegam à escola. Destacar para o fato de que as folhas estão fazendo barulho ao serem sacudidas;
- 3- Um por um, leia em voz alta a ficha de diferentes situações de racismo e, a cada leitura, vai amassando a folha que representa o estudante preto. Conforme for falando as expressões que diferenciam, inferiorizam e hierarquizam esse estudante ao longo de sua trajetória na escola, vai formando uma bola de papel;
- 4- No final, abrir a bola de papel, pegar a outra folha deixada sobre a mesa, que representa o estudante branco e balançar novamente as duas folhas. Nesse momento, percebendo que a folha amassada não faz nenhum som, evidenciando que a autoestima do estudante negro foi destruída, revelando o peso do preconceito e a baixa expectativa em relação ao presente e ao futuro, enquanto a folha, que representa o estudante branco, continua intacta e com barulho ao ser balançada;
- 5- Explique que o impacto do preconceito na autoestima do estudante preto representa o peso emocional e social do racismo no dia a dia das pessoas negras;
- 6- Abra para um debate:
 - *Como podemos aliviar esse peso?
 - *O que significa ser antirracista?
 - *Como cada um pode agir contra o racismo no cotidiano?

APÊNDICE B – TEXTO DESCRITIVO DOS PERSONAGENS DO SÍTIO DO PICA PAU AMARELO

Personagens principais

Emília: É a melhor amiga de Narizinho. Boneca falante é a irreverência em pessoa. Está sempre tendo ideias, é crítica, tagarela e mandona, com um gênio para lá de forte que causa as maiores confusões.

Pedrinho: primo de Narizinho e neto de Dona Benta, vive na cidade. É corajoso, esperto, sempre tem espírito de líder e sempre valente! Gosta de passar suas férias no Sítio e sempre fica triste quando elas chegam ao fim. Seu nome completo é Pedro Encerrabodes de Oliveira.

Narizinho: prima de Pedrinho e neta de Dona Benta. É muito bondosa e não gosta de que maltratam os animais, é chamada de Narizinho por causa do seu nariz arrebitado. Seu nome completo é Lúcia Encerrabodes de Oliveira.

Visconde de Sabugosa: um sabugo de milho é o cientista super sábio do Sítio. Erudito e atrapalhado, vive na biblioteca entre os livros, pesquisando e estudando sobre vários assuntos ou então fica em seu laboratório, localizado no porão da casa de Dona Benta, onde dá margem à sua criatividade para construir invenções.

Dona Benta: avó de Pedrinho e Narizinho, é dona do Sítio do Pica-pau Amarelo. Contando histórias e estimulando a criatividade e imaginação das crianças, Dona Benta alimenta a curiosidade de seus netos e da boneca Emília.

Tia Nastácia: cozinheira de mão cheia, muito simpática e sempre assustada. Além de alimentar a turma do Sítio com suas gostosuras, ela gosta do Tio Barnabé.

Cuca: má, perversa e ruim. É uma bruxa com cara e corpo de jacaré. Cuca vive em sua caverna, criando poções e planejando como invadir o Sítio. Faz questão de ser a criatura mais maléfica das redondezas e não aceita que outros(as) bruxos(as) se aproximem de seu território.

Personagens secundários

Zé Carneiro: o caipira era empregado do Coronel Teodorico, mas passou a trabalhar no Sítio do Pica-pau Amarelo, como faz-tudo. É atrapalhado, medroso e às vezes adora fazer corpo mole no serviço. Dorme no celeiro. Está sempre de prosa com Tio Barnabé e Malasartes/Garnizé, seus melhores amigos.

Malasartes ou Garnizé: um dos empregados de Dona Benta. Divide o celeiro com Zé Carneiro, seu melhor amigo com quem está sempre brigando. Gosta de se achar mais esperto que Zé Carneiro, mas no fundo é tão atrapalhado quanto ele. Sabe tocar viola e o seu sonho era achar bom um negócio, que o tornasse rico.

Marquês de Rabicó: comilão de marca maior. Rabicó é o animal de estimação da Narizinho. Leitão guloso e covarde, ele está sempre atrás de comida, mas morre de medo da Tia Nastácia, que não vê a hora de colocá-lo na panela.

Conselheiro ou Burro Falante: de burro não tem nada. Por estar sempre dando bons conselhos, recebeu de Emília o nome de "Conselheiro". Extremamente educado e inteligente, gosta de ficar no quintal conversando com Quindim. Vive as aventuras ao lado de Pedrinho, Emília e Narizinho. Na versão de 2001, ele apareceu pela primeira vez no episódio "Viagem ao País das Fábulas", embora tenha aparecido na abertura do primeiro episódio "Reino das Águas Claras", até o episódio "Reinações de Narizinho".

Quindim: é um rinoceronte que fugiu do circo onde trabalhava e acabou indo parar no Sítio. Muito simpático, como o próprio nome diz, é um doce de criatura e foi eleito por Emília para ser "tomador de conta do Sítio", por causa de seu enorme tamanho. Na versão de 2001, ele apareceu pela primeira vez no terceiro episódio "Caçadas de Pedrinho". Apesar de ele ter somente aparecido na abertura nos dois primeiros episódios "Reino das Águas Claras" e "O Saci".

Coronel Teodorico: é o coronel do Arraial dos Tucanos, e compadre de Dona Benta. Ele tem dois netos que adora: Angico e Zequinha. Vive fugindo da Dona Joaquina, que é loucamente apaixonada por ele.

Candoca: é a filha mais nova do Coronel Teodorico. Egocêntrica e patricinha, ela gosta sempre de brigar com o pai. Mora na capital e odeia roça.

Elias Turco: dono da venda do Arraial dos Tucanos. Costumava sempre aumentar o preço de suas mercadorias, o que fazia a Tia Nastácia sempre se irritar com ele. Está sempre envolvido em confusões, principalmente depois que pegou gosto pela política. Adora irritar o Coronel Teodorico.

Iara: é a mãe d'água, uma espécie de sereia protetora do riacho. Muito vaidosa, não aceita que ninguém de beleza superior ronde seu território. Tem mania de transformar homens em pedra, para enfeitar seu habitat.

Pesadelo: um monstro corcunda e com os dentes para fora e unhas grandes, ele é o ajudante (ou seja, "atrapalhante") da Cuca. Ele apareceu em 2002, e se juntou a ela em 2003 e, desde então, ele sempre acompanha a bruxa em suas maldades, mas acaba quase sempre pondo tudo a perder. Em 2005 a Cuca o demitiu e o expulsou de sua caverna, sem lugar para onde morar, ele chegou até a ficar amigo do pessoal do Sítio e pedi-los para deixarem ele morar lá, eles deixaram e ele ficou morando dentro do poço d'água do Sítio, mas depois quando a Cuca o aceitou de volta (porque ela precisava de alguém para coçar suas costas), ele voltou a ser inimigo do pessoal do Sítio.

Príncipe Escamado: o príncipe do Reino das Águas Claras, ele é um peixe e quase se casou com Narizinho mas, no meio da cerimônia, Rabicó comeu a rosquinha que lhe serviria de coroa.

Doutor Caramujo: o médico do Reino das Águas Claras, ele é um caramujo. Tem várias pílulas em sua valise de médico que curam qualquer doença. Foi ele quem fez Emília falar, dando a ela a Pílula Falante.

Major Agarra e Não Larga Mais: um sapão rajado que toma conta do portão do Reino das Águas Claras, mas sempre acaba dormindo em serviço.

Dona Aranha: a costureira do Reino das Águas Claras, ela é uma aranha. Foi ela quem fez o vestido de casamento de Narizinho e que também fez os vestidos para o casamento de algumas princesas dos contos de fadas. Em 2005, ela fez os novos vestidos da Emília, que ela o havia encomendado. Ela foi amaldiçoada para não mudar de profissão.

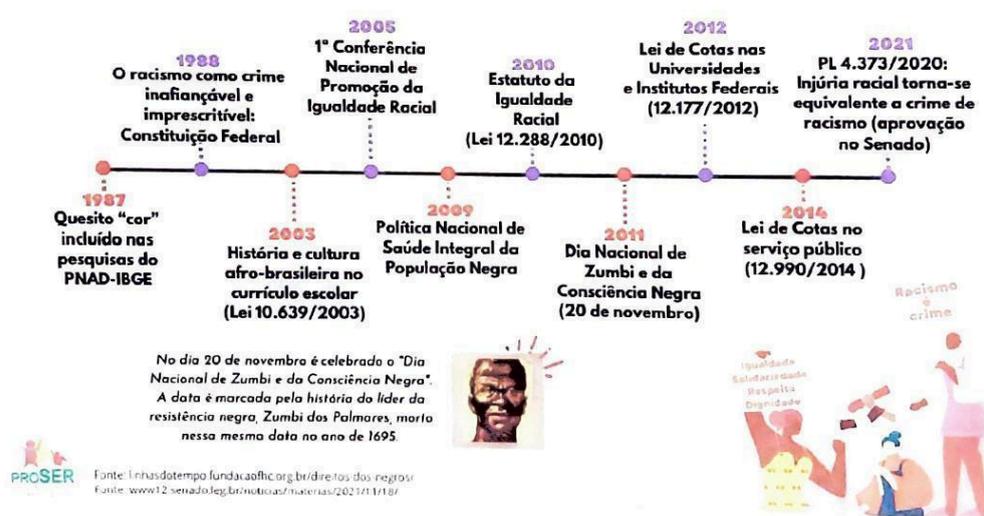
Saci: é uma das figuras mais famosas do folclore brasileiro. Tem uma perna só e pita um cachimbo de barro. Ele usa um gorro vermelho e vive azucrinando a vida de todos no Sítio. Ficou amigo de Pedrinho quando o mesmo o libertou de uma garrafa na floresta da Cuca.

Tio Barnabé: humilde e boa gente, toma conta do Sítio. É um velho que sabe de todos os mistérios do mato. Cuida das galinhas e da Vaca Mocha. Está sempre fumando um cachimbo, que o Saci adora esconder. Tem uma queda secreta pela Tia Nastácia.

APÊNDICE C – TERCEIRO ENCONTRO: POLÍTICAS E AÇÕES

POLÍTICAS E AÇÕES PARA POPULAÇÃO NEGRA NO BRASIL: RESGATE HISTÓRICO ATRAVÉS DA LINHA DO TEMPO

A linha do tempo tem como objetivo apresentar alguns marcos históricos de conquistas para a população negra ao longo da história do Brasil. Apesar dos avanços garantidos por lei, ainda é necessário manter sempre em pauta as discussões para buscar melhores condições econômicas, sociais e de inserção de políticas públicas.



1-CONTO "Quando a vida imita a piada"

Numa blitz, o policial manda parar um humorista negro do Casseta & Planeta que prefere manter seu anonimato. Ele obedece. De longe, o guarda:

— Ô negão, não acha que tá muito preto pra dirigir esse carrão?
Não teve tempo de trocar de carro. Nem de cor.

Ao entregar os documentos, a autoridade o reconhece.

— Peraí, você é aquele cara do Casseta? Sou teu fã.

— É, tô vendo...

— Inclusive, desculpe ter insinuado que você é preto.

— Mas eu sou preto!

— Não é não.
 — Por que não?
 — Pô, você é da Globo... tá liberado.
 Assim é a vida, se você é da Globo, nem preto é...

Helio de La Peña

MINI BIOGRAFIA

Hélio de la Peña, nome artístico de Helio Antonio do Couto Filho, é um ator, redator, escritor, roteirista, engenheiro, apresentador e humorista brasileiro. É membro do grupo humorístico Casseta & Planeta. **Nascimento:** 18 de junho de 1959 (idade 65 anos), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro

2-POEMA- SOLANO TRINDADE

Eita negro!
 quem foi que disse
 que a gente não é gente?
 quem foi esse demente,
 se tem olhos não vê...

- Que foi que fizeste mano
 pra tanto falar assim?
 - Plantei os canaviais do nordeste

- E tu, mano, o que fizeste?
 Eu plantei algodão
 nos campos do sul
 pros homens de sangue azul
 que pagavam o meu trabalho
 com surra de cipó-pau

MINI BIOGRAFIA

O ator, poeta e pintor Solano Trindade nasceu em Recife, em 1908. Era filho do sapateiro Manuel Abílio e da quituteira Merença (Emerenciana). Estudou no Liceu de Artes e Ofícios e nos anos 30 começou a escrever seus primeiros

poemas. Em 1934 participa do 1º e 2º Congressos Afro-Brasileiros, em Recife e Salvador. Em 1936, funda a Frente Negra Pernambucana e o Centro de Cultura Afro-Brasileiro.

3-MANCHETES

Brasil precisa de política nacional para regular polícias, diz ONU

15/10/2024 por Catarina Duarte

Delegação internacional visitou o país e identificou uso excessivo da força e encarceramento desproporcional da população negra — situação descrita pela entidade como de “racismo sistêmico” na polícia e no sistema de justiça.

Artigo | Vidas que não atraem cliques

15/10/2024 por Jessica Santos

A Ponte trabalha para visibilizar casos como os do zelador Ailton Rodrigues — preso com base num reconhecimento ilegal e fora dos procedimentos —, que a imprensa hegemônica não vê como relevantes.

Disponível em: <https://ponte.org/categoria/raca/>. Acesso em;30/10/2024.

A **Ponte Jornalismo** é uma organização sem fins lucrativos criada para ampliar o debate sobre os direitos humanos por meio do jornalismo. Tem como objetivo aumentar o alcance das vozes marginalizadas pelas opressões de classe, raça e gênero, permitindo a aproximação entre diferentes atores das áreas de segurança pública e justiça, colaborando, assim, na sobrevivência da democracia brasileira.

APÊNDICE D – QUARTO ENCONTRO: DIREITOS HUMANOS

Letra da música “Dandara”, de Mestre Barrão

Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/mestre-barrao/dandara/>. Acesso em 26/02/2025

Ê Dandara
 Ê Dandara ê ê
 Dandara ê
 (Ê Dandara ê ê)
 Ê Dandara
 Ê Dandara ê ê
 Oi Dandara ê
 (Ê Dandara ê ê)

Ô Dandara foi mulher guerreira
 No quilombo se refugiou
 Conheceu Zumbi dos Palmares
 E logo se apaixonou, Dandara
 Dandara ê
 (Ê Dandara ê ê)

Ô Com Zumbi ela teve três filhos
 No quilombo ela foi a rainha
 Sua história ficou esquecida
 Por muito tempo e ninguém não sabia, Dandara
 Ê Dandara ê
 (Ê Dandara ê ê)

Domingo Jorge velho
 Junto com seu bando
 Os mocambos queimou
 Atacando o povo quilombola
 E Dandara lutando ele a capturou, Dandara
 Ê Dandara ê
 (Ê Dandara ê ê)

Ô mil seiscentos e noventa e quatro
 Dandara se suicidou
 Se jogando de uma pedreira
 Mas a escravidão ela não se entregou, Dandara
 Oi Dandara ê
 (Ê Dandara ê ê)

Ô Mil seiscentos e noventa e cinco
 Foi a vez do grande rei Zumbi
 Depois de morto em um paraíso encontrou com Dandara
 E eles foram felizes, Dandara

Ê Dandara ê
(Ê Dandara ê ê)
Ê Dandara
Ê Dandara ê ê
Ê Dandara
Ê Dandara ê ê

Carolina Soares muito obrigado por ter aceito o meu convite
Por estar aqui na minha cidade de Recife
Participando desse meu novo trabalho e cantando essa canção maravilhosa
Dandara
Obrigada mestre, que prazer
Dandara é mais uma música dos muito presentes que o senhor me deu
Em toda minha carreira da capoeira



Reportagem sobre galinha ao molho pardo: receita vencedora da 3ª edição receita da minha terra, Maria Elza - Quilombola de Itapemirim

TEXTO 1

Denúncia de racismo em abordagem da PM no Rio: jovens evitam sair às ruas com medo de encontrar novamente viatura. **Narrativa foi feita por quatro vítimas ao serem ouvidas por membros da Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Alerj.**

Os quatro adolescentes, com idades entre 13 e 14 anos, que teriam sido vítimas de racismo ao serem abordados de forma truculenta pela Polícia Militar, em Ipanema, na Zona Sul do Rio, na última quarta-feira, estão traumatizados e com medo de sair às ruas com a possibilidade de voltar a encontrar uma viatura da PM. É o que diz um trecho de um ofício assinado pela deputada Dani Monteiro, presidente

da Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania (CDDHC) da Assembleia Legislativa do Rio (Alerj), endereçado ao comando da tropa. O documento cobra, entre outras coisas, a abertura de procedimento disciplinar e o motivo da abordagem. A correspondência também informa que os meninos disseram, ao serem ouvidos por membros da comissão, nesta sexta-feira, terem sido ameaçados de passar por um episódio ainda mais violento.

TEXTO 2

Direitos Humanos - conhecendo os seus direitos

Você sabia que....

- Toda pessoa tem o direito de ir e vir, sem ser molestada.
- Toda pessoa tem o direito de ser tratada pelos agentes do Estado com respeito e dignidade.
- Toda pessoa tem o direito de ser acusada dentro de um processo legal, sem torturas e maus tratos.
- Toda pessoa tem o direito de exigir o cumprimento da lei.
- Toda pessoa tem o direito de ter acesso ao Poder Judiciário e ao Ministério Público.
- Toda pessoa tem o direito de ser, pensar, crer e manifestar-se ou amar, sem ser alvo de humilhação ou discriminação.
- Toda pessoa tem o direito de ter acesso à escola.
- Toda pessoa tem o direito de ter acesso à saúde.
- Toda pessoa tem o direito de praticar a religião que escolher.
- Toda pessoa tem o direito de ter acesso ao trabalho, sem discriminação por doença, deficiência, sexo, cor, religião.
- Toda pessoa tem o direito de obter certidão de nascimento e certidão de óbito, gratuitamente.
- Toda pessoa tem o direito à ampla defesa.
- Toda pessoa tem o direito de não ser torturada.
- Toda pessoa tem o direito de não sofrer discriminação.
- Toda pessoa tem o direito de ter preservada a sua integridade física e mental.
- Toda pessoa tem o direito a ter acesso ao lazer.
- Toda pessoa tem o direito à previdência social.
- Toda pessoa tem direito ao amparo à maternidade e à infância.
- Toda pessoa tem o direito de ser tratada com igualdade, perante a lei.
- Toda pessoa tem o direito de ser tratada como inocente, a menos que seja condenada judicialmente.
- Toda pessoa tem o direito à propriedade.
- Toda pessoa tem o direito de fazer reuniões, desde que sejam pacíficas.
- Toda pessoa tem o direito de ter segurança.

“Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade” (artigo I, Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamados pela Resolução nº217 (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas, 10 de dezembro de 1948).

TEXTO 3

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS Algumas das características mais importantes dos direitos humanos são:

- Os direitos humanos são fundados sobre o respeito pela dignidade e o valor de cada pessoa;
- Os direitos humanos são universais, o que quer dizer que são aplicados de forma igual e sem discriminação a todas as pessoas;
- Os direitos humanos são inalienáveis, e ninguém pode ser privado de seus direitos humanos; eles podem ser limitados em situações específicas. Por exemplo, o direito à liberdade pode ser restringido se uma pessoa é considerada culpada de um crime diante de um tribunal e com o devido processo legal;
- Os direitos humanos são indivisíveis, inter-relacionados e interdependentes, já que é insuficiente respeitar alguns direitos humanos e outros não. Na prática, a violação de um direito vai afetar o respeito por muitos outros;
- Todos os direitos humanos devem, portanto, ser vistos como de igual importância, sendo igualmente essencial respeitar a dignidade e o valor de cada pessoa.

Fonte: <http://www.dudh.org.br>

TEXTO 4

Implantação do uso de câmeras por policiais reduziu em 63,7% a letalidade em dois anos

A partir do Programa de Olho Vivo na Polícia, incorporado em 2020 pela Polícia Militar do Estado de São Paulo (PMESP), alguns batalhões militares passaram a utilizar as Câmeras Operacionais Portáteis, também conhecidas como COPs, acopladas às fardas dos agentes de segurança pública com o objetivo de reduzir os níveis de letalidade e vitimização policial. Segundo relatório realizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), o projeto foi responsável pela redução, entre 2021 e 2022, de 63,7% da letalidade policial geral, sendo 33,3% da letalidade nos batalhões que não aderiram ao sistema e 76,2% da letalidade nos batalhões que passaram a utilizar as câmeras. <https://jornal.usp.br/radio-usp/implantacao-do-uso-de-cameras-por-policiais-reduziu-em-637-a-letalidade-em-dois-anos/>

TEXTO 5

As vítimas de violência policial têm direito ao recebimento de indenização por danos morais. Diante disso, o primeiro passo é denunciar por um dos seguintes canais:

Disque Direitos Humanos (telefone 100): avalia a dimensão da violência contra os direitos humanos e o sistema de proteção;

Ouvidoria de Polícia (carta, e-mail ou telefone): recebe e faz apuração das denúncias contra policiais militares e civis. A denúncia pode ser feita anonimamente, por meio de carta e-mail ou telefone;

Corregedoria da Polícia Civil e da Polícia Militar: apura desvio de conduta policial;

Ministério Público: processa infratores e fiscaliza ações de órgãos públicos envolvidos em investigação criminal;

Defesa (Plataforma desenvolvida pela organização Nossas): desenvolvida em 2016 visando a visibilidade da defesa dos direitos humanos e da segurança pública.

<https://www.jusbrasil.com.br/noticias/foi-vitima-de-violencia-policia-saiba-com-o-denunciar-e-ser-indenizado/1223486568>

TEXTO 6

O QUE É ÉTICA?

É um conjunto de valores morais e princípios que regem a conduta humana na sociedade. A ética serve para que haja o equilíbrio e o bom funcionamento social, visando uma sociedade igualitária, produtiva e mais saudável. Ela norteia ainda as relações entre o Estado e a população. Neste sentido, a ética está relacionada com o sentimento de justiça social.

Fonte: <https://crops.org.br/etica/#:~:text=%C3%89%20um%20conjunto%20de%20valores,o%20Estado%20e%20a%20popula%C3%A7%C3%A3o.>

APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DE NARRATIVAS COMPARTILHADAS NO
PRIMEIRO CÍRCULO DE CULTURA

**CÍRCULO DE CULTURA: COLETANDO AS PALAVRAS GERADORAS APÓS A
SENSIBILIZAÇÃO COM A DINÂMICA AUTOESTIMA, INICIAMOS A GRAVAÇÃO**

Estudante (E): Brincadeira bobá, depois acha normal e não sabe como é que tá o psicólogo da pessoa hoje e continua fazendo.

E: Outra é ver também os parentes fazendo uma piada, tipo avô falando alguma coisa assim, e a criança também repetindo.

E: Tipo assim, a pessoa acha que é normal, porque começa na família.

E: Aí a gente leva pra outro lugar e também acha normal, sabe como é?

E: Acaba trazendo pra escola e...

E: Acontece muita violência, né?

E: Porque...

E: Acaba conquistando a vida da criança, né?

E: Sou neutra.

Pesquisadora (P): Por que você é neutra nesse assunto?

E: A influência do racismo vem dentro de casa. Se é criança é racista é porque a mãe e o pai é. A mãe e o pai ensinam. Ah eu sou branco meu filho é branco. Ah você não pode encostar no coleguinha que é preto porque você vai pegar doença. A influência de mãe e pai.

E: Às vezes também não é nem os pais, às vezes a criança começa a perguntar na escola e conviver com outras pessoas que são assim e os pais não corrigem e a criança acaba crescendo.

E: Assim.

E: E não pensa nem no próximo, né?

E: Porque a criança, na maioria das vezes, pode ser que isso aconteça muito.

E: Eu já vi, assim, amigas minhas que são negras e outras pessoas fazerem brincadeira, até minha família mesmo, porque na família do meu pai tudo é assim.

E: E aí, fazerem brincadeira, enviem e tal, mas aí a pessoa ri na hora, mas por dentro a gente não sabe como que a pessoa tá levando isso.

E: Às vezes a pessoa sorri pra não ficar constrangida na frente dos outros.

E: Ou talvez a pessoa é assim e em casa é de outra forma.

E: Porque muita, muita gente é assim.

E: Eu sou assim.

E: Só que em questão de brincadeiras assim, dessa parte, eu não tenho muitas, não. Mas já brinquei, com certeza, não minto. Eu sou negro e tenho amigos negros. E já brinquei assim de forma ilegal, né? Porque não é uma forma legal de brincar.

P: Forma preconceituosa.

E: Sim, uma forma super preconceituosa. Inclusive, esses dias...Esses dias não, mas mês passado eu tava com um amigo e brinquei assim com ele. Ele pode realmente ter ficado muito constrangido. Ainda mais que não foi só eu. Foi os meus outros amigos também que brincaram assim. Ele parece ser uma pessoa super boa, mas como precisa ser isso? A gente nunca sabe o que a pessoa precisa.

E: Que nem o brinco dele. Ele fica, ah, fala gordinho, pá, não brinca. Fala, fala, fala, eu brinco também, olha esse gatinho. Ele brinca também. De repente, pode estar rindo aqui. Mas, tipo, leva com o coração a causa. Porque, tipo. Nós não estamos na vida do outro pra saber o que ele está passando, sabe? Você só vê ele, tipo, ah, ele riu aqui, mas será que dá a porta pra fora e ele vai encarar de outra forma? Tipo, meu amigo me chamou disso e tal. E tipo, muitas das vezes a pessoa não argumenta também. Sabe? Tipo, leva num modo tipo... Ah, tô rindo porque ele é meu amigo, mas eu não quero corrigir o amigo.

E: Fica com medo.

E: É, você tá falando isso de mim, caralho.

E: É muito ruim quando você brinca com a pessoa e depois você para pra refletir e você fica com a consciência muito pesada.

E: Será que a pessoa se incomodou? É muito assim, eu acho que também a gente deve pensar.

E: A consciência pesa de uma forma surpreendente.

E: Só que hoje em dia a lei é tão suja que até se você fazer revidar alguma coisa assim, você sai com o errado.

E: Porque hoje em dia o dinheiro resolve tudo. Você pode matar, roubar, você pode estuprar. Hoje em dia você pode fazer qualquer coisa se você tiver dinheiro. A lei hoje em dia não ajuda ninguém não. Se você fizer por conta própria, você ainda sai com o errado.

E: Muitas vezes também em caso de uma pessoa por causa da cor da pele ser discriminada por uma coisa que nem fez, Só porque é negro você fez. Tal, e é assim.

E: Às vezes nem foi uma pessoa preta mesmo, mas eles não estão preocupados com isso.

E: E a pessoa negra não pode nem tentar lutar pelo direito dela, porque pela lei ela tem direito a quase algum. Igual para todo mundo mas na prática não.

E: Exatamente.

E: Você é negro, te acusaram por algo que você não fez, mas não me interessa. Você vai preso e eu não vou nem aí.

E: Não tô nem aí.

E: Sim, principalmente para indígenas.

E: -Às vezes o jovem tá só caminhando na beira da praia, caminhando normal de manhã. Há um policial que é branco e é racista, que decide parar, prender o jovem e acusar de que está com droga.

E: Por uma coisa que nem fez.

E: Opinião do negro é tipo Inválida

E: É tipo 70% de acreditar no branco do que no negro. É tipo isso.

E: Principalmente quanto policial é branco.

E: Sim

E: É ridículo quando tem um policial negro. Às vezes para até para abordar O pior é quando o policial é negro e ele faz racismo com a raça dele. Simplesmente ele se acha no direito de fazer o preconceito, assim ele se acha Pardo. Não sei se existem pardos de verdade porque para mim pardo não é cor.

Professora: Eu sou parda !

E(risos): Mas aí então tá estava na certidão do meu nascimento que eu sou pardo (nesse momento aponta para o seu braço). Tá mas olha a minha cor para a sua. Quando é criança não tem como distinguir direito sobre essa questão a cor

parda. Mas tipo como eu falei o policial é da minha cor mais escuro que eu vejo e me trata mal. Por que ele está fazendo isso só porque ele é policial tem um cargo bom e eu sou estudante, eu estou na rua?

E: Aí mesmo que tem que ter respeito

E: Às vezes o preconceito sai até da própria raça! até da própria raça! E muito negro que faz preconceito com a sua própria raça ao invés de estar defendendo lutando por si. Assim quando ele sofre não ele não sofre por ser policial. Mas assim se alguém fizer com ele depois ele vai sentir. Ele vai sentir de verdade.

E: É a lei do retorno ela sempre volta.

E: Realmente é a lei do retorno(risos) ela sempre volta.

E: Como diz o ditado né pimenta no olho do outro é frescos.

RISOS

P: Excelentes contribuições.

E: Igual a senhora citou sobre o caso do Vini jogador Vinícius. Nossa, quando ele estava jogando. Ele se sentiu super mal no jogo. Começaram a imitar...(não falou a palavra) Nossa chamaram ele só pela cor, eu fico pensando. Se eu estivesse no lugar dele, eu não iria conseguir jogar e eu iria sair daquele Campo. E não iria querer voltar mais. E foi tão feio e tão ridículo que não foi uma pessoa só, foi o estádio inteiro completamente eu não iria conseguir ficar ali Tem que ser uma pessoa muito estabilizada.

P: Interessante é a pessoa ser consciente de quem eu sou

E: Eu sou negro sim e me respeita e ele trouxe essa afirmativa.

ESTUDANTES BALANÇAM A CABEÇA EM CONCORDÂNCIA. UM SIM UNÍSSONO

Professora: Que fizeram com Daniel Alves sim ele comeu a banana.

TODOS REPETEM: Sim

E: Ele mostrou que aquilo não afeta ele

E: Assim ele não rebateu mas a pessoa fica mal

E: Sim sim a pessoa fica mal. Igual eu vou dar o exemplo de mim .Exemplo eu sou negro eu tenho cabelo afro e todo dia é um dia de luta para mim, é um dia de luta .Eu saio de casa e a mesma trajetória que eu faço todo dia .Eu saio de casa, eu passo naquela rua ali no centro onde o ônibus passa, eu passo ali todo dia. Um carro passa uma moto quase quebra o pescoço me olha eu passo ali e me olha. Aí cara você fica assim pensando....Por que será que ficam me olhando? Por que eu sou negro? Por que eu tenho cabelo afro? Por que será ? Passa na rua e não tem a segurança Nunca sei se eu estou seguro de passar na rua nunca sei. Aí eu fico sem segurança.

E: Não estamos seguros nem com policial imagina então nessa situação como que vai fazer.

E: Infelizmente a gente não pode contar com esses policiais de hoje em dia.

E: Tem policial que consegue ainda ser bom

E: Tem uns que....

E: Tem uma amiga minha ela é negra ela já até morreu ela levava uma katana e ela E ela colocava para fora como forma de se proteger mas eu tinha muito medo nossa cara é muito grande uma katana assim(mostra a medida com as duas mãos afastadas uns dez centímetros) eu tinha até medo;

P: Mas era o quê uma mulher negra. Como forma de se proteger? Ah, sim.

E: Sim.

E: Forma de se proteger igual assim nós estamos falando dessa maneira de olhar .Teve muita gente que já sofreu violência assim sabe...

E: Do agressor

E: Agindo de violência então.

P: Vocês falaram a nível Brasil a nível municipal e a nível escola polivalente? Qual é essa realidade?

E: Nível Polivalente Hoje eu cheguei na escola, sentei para segunda aula e começaram a rir de mim. Só cheguei e sentei e começaram a rir de mim, só cheguei e sentei. Quando apontei no portão eu vi que eles estavam sentados conversando, quando eu cheguei sentei eles começaram a rir de mim. Não entendi o porquê?

E: Aqui o *bullying* é?

P: Todos somos diferentes. É *bullying* ou é racismo?

E: Eu acho que foi uma questão de *bullying*, eu acho que foi *bullying*.

P: é *bullying* ou é racismo ?São diferentes

E: Eu acho assim que é *bullying*, e racismo, racismo mesmo, Eu nunca vi assim no caso de vocês ficarem brincando com Vinícius.

E: *Bullying* é o que mais tem.

P: Que é *bullying* o que que é racismo ?

E: Tipo assim o que encaixa que é racismo é a cor da pele é o cabelo Isso tudo é racismo boca nariz A brincadeira com isso aí isso É racismo mas assim querendo ou não as pessoas brancas As pessoas brancas tem narigão querendo não é *bullying*.

Outros repetem: é *bullying* é *bullying*

E: O racismo é pela cor da pele.

E: Tá, eu sei, mas o racismo é tipo. Seu zuar o nariz do branco é *bullying* e se eu usar o nariz do negro É racismo ?

E: Eu entendi o que ele quis dizer

E: Eu posso falar o meu ponto de vista para mim se você compara o nariz do branco, Ah tipo assim vou pegar aqui um exemplo Eric Digamos que eu falo assim o nariz do X é achatado como o tio negro Isto É racismo. É racismo por mim porque tipo ele fez uma comparação com o negro. Agora se ele fala assim ah o nariz do Eric é enorme Isso é *bullying*. Entendeu?

E: É *bullying*.

P: Dá exemplo da sua brincadeira Com o X Como que você fala?

E: ele sempre fala assim fala preto.

P: Qual o fenótipo de Vinícius se ele é preto ele é branco.

E: Não, ele é preto mais preto que X cabelo enroladinho, magro, não tem nariz grande não.

P: Qual o tipo de brincadeira que você faz com ele como você se refere a ele?

E: Fala preto que a gente se bate cumprimenta.

P: com seu outro colega Branco você fala como com ele ?Você fala branco?

E: Fala gigante.

P: Você tá entendendo X, com meu colega Preto: fala preto. Com meu colega Branco: fala gigante.

E: Qual a diferença?

P: Chamar pelo nome X, ele tem nome, mas o meu colega é preto: fala preto. Quer dizer que o branco é gigante o que é preto fala Preto é X eu devo chamar pelo nome X você está entendendo? A cor da nossa pele chega primeiro segundo Fanon a epidermização de inferioridade. Sempre olham para a cor da nossa pele como

inferior. Como vocês trataram aqui do policial, quando passo pela rua quando sento aqui tu já vê esse olhar de inferioridade. Quero ouvir muito vocês hoje porque para a próxima aula vou trazer um conhecimento mais aprofundado. Porque a nossa aula é uma aula de língua portuguesa. E o círculo de cultura é para trazer justamente essas palavras que vão gerar os próximos encontros. O que vocês percebem mais na escola. Que mais vocês percebem, nas brincadeiras né que um dia que você fala negro e o branco você fala gigante. Então anotei que as palavras geradoras são brincadeira não bule ou racismo Rio para não ficar Rio para não ficar sem graça fico em silêncio mas o silêncio muito diz.

E: Com certeza silêncio muito disso.

P: Por quê?

E: Porque fala mais do que diz.

E: Brinquei com você, se você ficar sério eu vou sentir. Aí falei vou pensar falei que não deveria ter falado errado e aí a gente vai perceber que falei alguma coisa que a pessoa não gostou. Já vai reconhecer também né.

E: Algumas pessoas dizem assim: ah! ignora.

E: Porque se você rir a gente já pensa assim Ah então não é brincadeira.

E: Uns dizem assim: ah! ignora. mas se você ignorar as pessoas vão continuar fazendo. Aquilo vai virar um, não vai ser um combustível nem vai apagar. Simplesmente a pessoa vai continuar e se você ignorar ela vai continuar fazendo isso com você. Vou fazer pior com os outros então tipo você pode debater. Pô você tá falando isso aí e tal tipo assim você vai dar uma lição de moral.

P: Estamos falando sobre equidade racial então nós podemos falar sobre piada do lugar onde vivo e sobre de onde venho? sobre a minha religião que vocês observam aqui na escola?

E: Eu nasci na Alemanha e lá tem muitos brancos assim eu não sou preta mas também não sou branca Eu sentia vergonha porque esse carro assim nosso você é muito diferente e eu era pequena. Falava do meu cabelo porque lá eles tem o cabelo liso. E eles são muito preconceituosos com quem não é do seu país Eles são muito assim lá E eu era muito diferente então eles são muito preconceituosos (ESTUDANTE QUE SE IDENTIFICA COMO PARDA, QUE HAVIA ACABADO DE CHEGAR AO BRASIL, NASCEU NA ALEMANHA)

P: X na Alemanha eles são racistas mesmo assim como nos Estados Unidos é bem explícito mas aqui no Brasil o racismo é Sutil às vezes Letícia a gente ouve assim aqui nós não somos racista para X. Pode ficar à vontade mas a gente observa de uma forma bem sutil os olhares algumas palavras. Hoje eu vim bem intencional com meu cabelo solto bem volumoso Eu amo meu cabelo como ele está mas eu vim intencional E aí tem com esse cabelo mas para eu chegar nesse ponto de aceitar o meu cabelo como ele é eu tive foi um trabalho muito grande com a minha identidade que muita gente não aceita não.

E: Muita gente mesmo não aceita o cabelo vai lá e faz uma progressiva.

E: Minha tia é sim ela relaxa o cabelo direto minha avó também eu acho cabelo direto Elas odeiam o volume. A minha avó no início quando eu deixei meu cabelo crescer ela falava assim corta isso esse cabelo é ruim Que isso não vai crescer que é feio. Mas hoje em dia ela prefere que eu tenha cabelo aqui corte ele Ela aprende mais comigo do que sozinha Eu ensinei tudo que ela praticamente sabe hoje.

P: Acredito que você empoderou sua avó, você trouxe a consciência para ela.

E: Por exemplo, sábado agora eu não estava com ela, não passei o sábado com a minha avó. Ela me mandou mensagem no Instagram e perguntou X Você está onde eu falei onde eu estava. Aí no final da conversa ela falou assim aqui eu quero que você corta o meu cabelo Aí eu falei tá bom vó mas você tem certeza e ela me respondeu sim Aí ela falou assim Ah porque eu gostei muito daquela vez que você cortou o meu cabelo aí eu falei tá bom ela reconheceu Que foi melhor para mim. E desde criancinha, eu sempre quis deixar meu cabelo crescer. E ela não deixava de jeito nenhum. E só falava isso que meu cabelo era ruim só falava isso.

P: E como isso marca.

E: Marca muito.

P: Falar sobre o nosso cabelo marca muito a gente.

E: É tipo isso Serviu de aprendizado para mim .Porque eu acho que se eu não tivesse sofrido isso dentro de casa com ela Eu não seria se a pessoa que eu sou hoje vamos dizer assim se a pessoa é tão forte como sou Porque isso foi mudando a pessoa que eu sou hoje em dia me mudou de verdade Mesmo ela fazendo eu sofrer me fez me fortaleceu me preparou. Minha avó é incrível.

E: É aí olha que interessante como que a gente aprende com os nossos ancestrais é perfeito.

P: Algum outro assunto que vocês querem que eu traga para o próximo encontro tem muita coisa aqui.

E: Demoramos falar mas também quando a gente começou.

APÊNDICE F – SEGUNDO ENCONTRO: APLICAÇÃO DA PALAVRA GERADORA
“ESTEREÓTIPOS”

P: Monteiro Lobato, ele é considerado pela academia como um escritor racista. Ele vem reforçando os estereótipos em seus textos. Porque quando a gente fala de TV do Enem, quando se fala de valorização da cultura africana, a gente fala de apresentar o quê? Todas as contribuições. Tem contribuição na linguagem, tem contribuição na ciência, tem contribuição na escrita. E aí por que a gente vai ficar só reforçando estereótipos? Então é o que Monteiro Lobato veio trazendo, ele vem reforçando estereótipos no Sítio do pica pau Amarelo. E aí vocês leram aí sobre esses personagens. E o que vocês pensam sobre esses personagens?

E: Pelo que eu percebi, os três empregados da casa são negros.

P: Aí a dona Benta, ela é quem nessa história?

E: A dona Beto é a dona do sítio.

P: E quem é essa dona do sítio?

E: Uma mulher branca, não é?

P: Quem é essa tia Anastácia? Vocês estão vendo que é o próprio termo. Dona Benta, Tia, Anastácia. E aí? E aí, vamos lá? Quero ouvir vocês. Vocês estão vendo como vão reforçar os estereótipos. Quem é o Saci Pererê? O que ele faz? Olha, o menino preto vem trazendo folclore brasileiro, né? O que é preto, que faz travessura, que possui deficiência, que está abandonado. Pode falar. Você vai falar o que? Aqui todos tem vez. No círculo todos contribuem. Essa é a proposta. Vamos ouvir todos. Todos têm muito para compartilhar. E aí, quem é Pedrinho?

E: A outra vez nós falamos muito agora vejo quem não falou falar.

P: Quem é o Pedrinho? Vocês viram aí na descrição? Pedrinho Narizinho tem nome, tem sobrenome Olha como que apresenta a Cuca, quem é essa Cuca? Como que apresenta a Tia Nastácia? Ela tem nome, a Tia Anastácia? O que a Tia Nastácia faz dentro desse personagem? Gente, a literatura, ela tá apresentando aí um período da história. Então quem é essa mulher preta que está sendo representada no sítio do pica pau amarelo? EF Uma mulher preta cozinheira sedentária que só fica na cozinha agora.

P: Isso. Aí a gente tem a tia Anastácia, essa figura da mulher preta, que até hoje, observaram, ocupa mais esse espaço de cuidado, mais esse espaço de... Vamos lá.

E: Espaço de empregada doméstica.

E: Nessa história aqui apenas os brancos têm nome sobrenome, os três trabalhadores pretos não tem sobrenome.

P: Aí, o que é isso? São inferências. O que a gente extrai disso aí? Que mensagem que está escondida nesse aí?

E: Parece que são escravos.

P: O nome é identidade, né? O nome é identidade. Em momento algum aparece. E aí a gente vê a exploração também. A ausência da identidade. Quem é essa pessoa? Que valor tem essa pessoa?

E: É figurante.

P: Eles são importantes dentro dessa história, o Monteiro Lobato traz. E aí, nos faz refletir um pouco sobre essa sociedade. Que sociedade é essa? Que sociedade é essa? Pode falar. Vamos fazer então para as novelas como estão

representando essa pessoa Negra qual personagem que está recaindo sobre a pessoa negra Não é que não possa representar qualquer tipo de personagem mas se você parar para observar Você vai observar que ao longo da história tem sido o mesmo estereótipo o mesmo tipo de personagem.

E: Sempre vai ser apresentado assim o preto o dono da boca tipo assim.

P: Às vezes tem outros personagens aparecer outro dia como advogado mas era um advogado corrupto .E a mulher como ela é apresentada? E aí que mulher é essa que figura é essa porque quando a gente fala de Equidade racial É propostas de desconstruir esse estereótipo existem outros papéis porque sempre esses papéis existem outros papéis E aí que que vocês acham isso é uma forma de evidenciar o racismo que ainda existe no Brasil ? E sim, eu acho que é a forma como eles mostram Não deveria existir essa diferença.

P: O que vocês acham que as pessoas têm dificuldade de assumir que elas são racistas ?

MUITOS RESPONDEM: Sim, Sim.

P: Por que vocês acham?

E: Tem muita gente que fala algo racista e acha que não é racista ele diz que só está comentando E acha que não tem problema algum É igual ontem eu fui à Lagoa do Siri E aí onde eu estava assim do lado tinha muito negro E aí uma senhora que estava passando com o marido dela disse “IH! Esses daí pegaram sol demais!”.

P: Desnecessário né.

E: E às vezes a pessoa acha que isso não é um ato de racismo. E que na verdade é.

P: Sim Silvio Almeida ele fala sobre isso sobre o racismo estrutural. A pessoa solta assim. Por isso vocês têm ouvido falar tanto sobre a idade racial de falar de outros personagens fora desses estereótipos De outros que lutaram tanto igual quando eu falei aqui Essa luta não está vindo de hoje ela não é uma luta de agora Uma luta que muitos outros já tem movimentado como negativa)e o que vocês pensam sobre isso? Essa questão do que é apresentado para vocês?

E: Que as pessoas Não Contam a história real a história outra história sobre o negro

P: Colocaram aí o Monteiro Lobato como salvador e o que que vocês acharam? Que vocês pensam sobre esse personagens que Monteiro Lobato traz na história? População negra está bem representada?

E: Não, pelo contrário é sempre o branco que é o dono que é o bom.

P: Como se o negro nunca pudesse ter nada. Aluísio de Azevedo trouxe o livro O Cortiço. O livro tinha uma personagem chamada Negra Bertoleza que trabalhou sua vida inteira para ter a carta de alforria. E a cozinha e o espaço dela, onde ela se encontrava. Já repararam que a gente se sente muito bem nesse espaço .Está no nosso Imaginário o tempo inteiro. A novela aí que tem retratando negros empregados. Assim vejo uns trechinhos e vou fazendo uma crítica. Os empregados negros são os treteiros que querem dar o golpe, tem uma mulher Branca tem, uma. Os outros três negros são os que querem dar o golpe. Três personagens negros contra uma branca que é treteira. Vocês estão entendendo que isso é muito desigual ? Por exemplo, quando eu falei com a mitra E aí Vem, então fica no Imaginário social porque a criança vai vendo um programa Desse E aí é criança coloca como ?

E: Normal.

P: Coloca como natural e aí quando encontra com uma pessoa tá a dona da loja Não não é dona da loja nunca vê como a dona da loja. E aí a gente pensa só vê como aquele papel que é representado então que papéis são esses da sociedade?

E: Tem criança que cresce até com medo de tentar outra coisa.

E: Ah, você só pode ser isso aqui.

P: Deve-se falar sobre equidade racial é justamente sobre isso para que eu encontro criança negra me veja representada em um lugar de valor na sociedade. Mas o que a gente vai vendo ao longo dos anos é que a escola é o lugar onde mais tenciona o racismo, o preconceito. E aí a gente pensa que representações sociais nós temos na escola. Quem é esse negro que está sendo representado e apresentado para essa criança ? Eu quero ser igual? eu tenho medo? Por que toda mulher negra é barraqueira? Por que todo homem negro é opressor é violento? Que papéis são esses? O que vocês pensam sobre isso? Estamos aqui para a mudança, eu sou mediadora. Quero ouvir vocês. Quero colher de vocês, quero que vocês tenham letramento racial. Tem outros papéis e aí foram apresentados a essa criança? Foi apresentado para vocês o outro papel da pessoa negra? Foi apresentado?

E: Eu acho que não.

P: Eu vou ter medo eu não quero quem eu vou buscar como semelhante?

E: Me inspirar

P: Quem é esse outro que vai me inspirar? Luiz Gama Para estudar mas não conseguiu por conta da cor da pele mas não desistiu se tornou um dos maiores abolicionistas foi autodidata conversava com juízes E libertou mais de 400 pessoas escravizadas Um homem negro vocês já ouviram falar dele Luiz Gama?

Uns acenaram com a cabeça que sim, outros não.

P: Aqualtune, avó de Zumbi dos Palmares, lutou para a sua libertação. Zacimba Gaba, aqui do Espírito Santo, ela foi uma rainha que ficou presa dentro da casa grande, pois o fazendeiro viu que ela tinha uma grande influência sobre os outros negros escravizados. O fazendeiro prendeu ela, mas ela foi criando uma situação. E os outros negros escravizados invadiram a casa grande e tomaram o poder. Vocês já ouviram falar sobre essas histórias (Muitos meneiam com a cabeça negando). Na turma do noturno sobre a Semana da Arte Moderna, eu apresentei Mário de Andrade, Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade, mas também, apresentei Luiz Gama. Então disse para os alunos enquanto eles estavam preocupados com uma literatura que representasse a sociedade brasileira Luiz Gama abolicionista estava preocupado com a questão da escravidão e libertou mais de 400 pessoas escravizadas no Brasil. Contaram isso na semana da arte moderna não .E por que não contaram ?

E: Era negro e não tinha valor.

P: Vocês estão entendendo que é contra isso que precisamos lutar contra isso, que o negro não tem valor, não tem importância. Nós negros não somos uma somos a maioria mais de 56% da população brasileira mas que está invisibilizada, Desqualificada mas a gente estava avançando, por isso essa questão sobre reparação social. Por isso a questão da cota. Por isso estamos discutindo. Por isso quero ouvir vocês.

E: Sobre a questão do Barnabé colocaram a seguinte característica dele que ele é humilde e boa gente, aí depois colocar uma vírgula, Cortaram colocaram que toma conta do sítio que sabe de tudo. Qualidade que falaram dele é que ele é humilde e boa gente a única.

P: Humilde gente boa porque ele fica quieto porque ele não questiona Porque ele não bate de frente e aí a Sayonara que vai questionar E aí por aí e aí por quê

E: Sou eu.

P: A Sayonara é barraqueira encrenqueira aquela questiona aquela pergunta

E: UHM UHM...

P: Dá para eu ser humilde boa gente tem que ficar quietinho?

E: Não pode debater, não pode procurar o seu próprio direito.

E: Querendo ou não acaba trazendo problema psicológico para qualquer pessoa. Que você vai aguentando crítica vai aguentando negação aí você psicológico fica abalado .

P: Aí a pessoa tá sofrendo uma violência seja por gênero gordofobia seja qual for. Isso é crime não é bullying. Mas aí quando ele reage a gente vê muito isso. E aí a pessoa reage, sai desse lugar de vítima e coloca ela como agressora.

E: Às vezes a pessoa faz isso para se defender e ela acaba sendo presa e as pessoas não entendem que ela estava sofrendo.

P: Vocês pensam sobre essa questão de Monteiro Lobato ser considerado um escritor racista ?

CONCORDO- RESPONDERAM TODOS

P: Já tinham ouvido falar sobre esse outro olhar da história ?

TODOS Não

P: Para fazer essa crítica sobre os personagens nas novelas?

E: Nega é o dono da barraquinha que trabalha na feira e é pobre perto da favela do morro .

E: Na novela sempre passa na favela na periferia, no morro nunca em condomínio igual aos brancos.

E: Professora é outra coisa que a gente também não percebeu que os personagens estão com aquelas roupas mais simplesinhas mas acabadinha até mesmo nas novelas. Gente aquela novela que acabou esses dias, lembra, aquela novela que tá passando de novo, que é antiga, ah Renascer. Teu Egídio fazendeiro que tem uma empregada uma negra sempre com cabelo preso com uma roupa diferente uma roupa mais simples eles estão todos nós elegantes mas arrumados e ela sempre estava roupinha mais simples. Tem uma coisa diferente nisso as pessoas racistas que colocaram a cabeça que isso é normal e não percebi isso não percebe essa diferença.

P: É o que está no imaginário da sociedade. É uma novela que tinha o boi bumbá? É isso, lembro. Assistir os dias pensando de forma crítica e essa empregada que tinha uma guia no pescoço. E aí a música de abertura da religião matriz africana. E aí a gente entende que essa religião quando chegou ao Brasil foi demonizada. Assim como demonizam a maconha. E aí a gente pensa quem que sustenta o tráfico ?São os brancos, são os políticos. Mas quem está na linha de frente? São os que moram lá na favela e quem são eles ?A maioria é quem Negra parda é isso que encontramos lá ?Nessa novela apresentou a religião de matriz africana, apresentou a cultura, quando ele usa o cachimbo. Mas aí falar da cultura, é da cultura Negra, não, por quê? Porque precisa ser aceito pela sociedade, se falar que é da cultura Negra, quem vai assistir esse programa? Tem que colocar assim as pessoas negras numa situação privilegiada fora da realidade da época eles não iriam assistir a esse programa.

APÊNDICE G – TERCEIRO ENCONTRO: POLÍTICAS E AÇÕES

Iniciamos ouvindo a música Negro Drama do Racionais como sensibilizadora. Após leitura do conto do humorista Hélio de la Pena, o poema de Solano Trindade e duas manchetes.

Quais são as percepções sobre os textos lidos vamos refletir e comentar o que vocês acham sobre?

E: Por ele ter um carrão ser negro já foram logo criticando, mas pelo fato dele ser famoso e ser reconhecido por todo mundo querendo ou não policiais tiveram medo se dá ruim para ele. O policial tipo assim disse: “não” pode ficar com medo de dar ruim para ele. Mas se fosse outro? Você achou que isso vai se roubando é ridícula a pessoa pensar isso porque a motorista é negro tá roubando o carro.

E: Fala gente toda vez sou eu falo.

P: É bom às vezes as pessoas terem vergonha de comentar. Que bom que vocês comentam.

Nesse momento os estudantes ficaram todos alvoroçados pedindo que um falasse ou que o outro falasse, que sempre que fala até que um se manifestou novamente.

E: Fala sobre o quê.

E: Sobre o racismo aí.

E: O que que na Globo só tem branco? Não tipo assim só porque a gente está na Globo ele tem dinheiro ele tem condição de ele tem condição de comprar um carro e o policial para ele como se ele tivesse feito alguma coisa de errado porque ele é preso tava dirigindo um carro bom por causa disso que o policial parou ele. Entendeu?

E: Ah, entendi agora.

P: Entendeu o título do poema quando a vida imita piada?

E: Ah agora eu entendi.

E: Se fosse branco ele não teria parado. Branco poderia estar dirigindo uma Ferrari e o policial não teria parado

E: Você é uma pessoa branca tudo certo né você é uma pessoa negra.

P: E o que vocês pensam sobre isso?

E: Não dá para confiar no policial né professora a gente não tem ninguém confiar a gente não tem essa segurança. Pensar que a pessoa é se olhar para o outro por causa da pele totalmente errada. Não tem que identificar só por causa do status dela. Isso aí.

E: A pessoa que fica ouvindo isso a pessoa fica triste porque a pessoa pensa assim Ah tipo assim isso não é o meu patrão a minha raça é minha raça tipo a minha raça é ruim. Ah tipo assim a pessoa costuma quando ela nunca vai poder ter, ela nunca vai ser aquilo. Ah tipo assim a minha raiva sempre vai ser o quê bandido. Muitas pessoas dessa. não sei explicar (AQUI O ESTUDANTE NÃO ENCONTROU PALAVRAS PARA EXPRESSAR O TERMO NEGRO SEM QUE ESTIVESSE PENSANDO COMO OFENSIVO). Ah Seria tipo assim eu tenho meu próprio modo de você se o motor do branco é diferente de mim entendeu? ele vai pensar assim a minha vida é tipo (UMA ESTUDANTE COMPLETA FUI DESTINADO A SER ASSIM) é tipo isso aí é isso aí por causa da cor da minha pele. mas vai pensar assim... Isso tem que mudar, a gente precisa mudar isso. a gente tem pessoa que pensa assim, mas que tem que mudar.

E: Antigamente a pessoa pensava que eu não tinha nada e que até hoje ela não pode ter. A pessoa tem que dar o valor. Mas isso tem que acabar, não pode continuar.

P: Muito bem colocado isso mesmo, isso aconteceu lá não teve essa comunicação E isso não pode continuar. isso já era para ter acabado há muito tempo. E por que não acabou então? acho que é por causa da criação eu falo que é por causa da criação convivência.

P VOLTA PARA A LEITURA DO SEGUNDO TEXTO- POLÍTICAS DE AÇÕES NO BRASIL - REALIZOU A LEITURA E FOMENTOU A DISCUSSÃO

P: Vamos ver outro texto acompanhe comigo políticas de ações no Brasil Resgate histórico através da Linha do Tempo. peguei uma linha do tempo a partir da data de 1987. vamos dizer que foi 100 anos após assinatura da Lei Áurea mas muito antes disso outros já estavam nessa luta a Dandara de Palmares Teresa de Benguela Zumbi dos Palmares inclusive na quarta-feira dia 20 de novembro celebra-se a morte de Zumbi dos Palmares. uma história de luta muitos outros resistiram já iniciaram essa luta contra o racismo E por que que ainda continuamos essa luta não podemos parar. a proposta é sermos antirracista por exemplo Digamos que ela ouço uma expressão racista sobre mim e fica em silêncio mas por causa disso não ela não ficaria então vocês estão entendendo é essa prática que tem que ser é ser antirracista. aí alguém disse ah mas eu não sou racista não mata não ser racista tem que ser antirracista é uma fala de uma fala de Angela Davis. Alguém aqui assistiu o filme A mulher Rei, nele nós temos a questão de uma luta de uma resistência, muito forte, que precisamos entender que quando falamos de Quilombo falamos de um lugar de resistência. Nesse momento nós utilizamos uma expressão quilombamento, porque nós estamos aqui Resistindo. é uma ação que você deveria ter oh, resolvido, mas é como uma colega falou que essa luta vem de longe.

E: Tem uma música na capoeira que fala sobre resistência.

P: Ótimo pode trazer na próxima semana para gente.

LOGO EM SEGUIDA, fiz a leitura de cada data que estava descrita na linha do tempo. 1987 quesito cor incluído na pesquisa do IBGE; 1988 racismo como crime inafiançável e imprescritível, está na nossa Constituição Federal talvez vocês não saibam disso, ou seja, imprescritível significa que esse crime não vence, pode ter acontecido assim do 10 15 20 anos, e assim como o estupro é imprescritível; inclusão da história da cultura afro no currículo escolar lei 10.639 que tornou obrigatório, é obrigatório. E aí fica reflexão o que ouvimos falar sobre a cultura; 2005 primeira conferência nacional da Igualdade racial; 2009 política nacional da Saúde integral da população negra, temos algumas peculiaridades a nossa saúde justamente por conta da falta de nutrientes período a gente tinha uma alimentação não equilibrada uma saudável o que causou deficiência no nosso corpo por exemplo: pela égua por exemplo era o alimento das pessoas que eram escravizadas que na verdade era o milho moído cozido colocado no lombo de uma égua cujo animal subia um morro para levar o alimento até as pessoas escravizadas que estava nas lavouras porque os fazendeiros achavam que seria perda de tempo levá-los até um refeitório para uma alimentação de digna, conforme o animal fosse subindo aquele morro o alimento caía no lombo da erva e por estar quente pelava pelo queimando por isso o termo para ela.

E: Nossa!!!!

P: Existem muitas expressões que precisamos tirar as nossas vocabulário são as pessoas racistas. bem assim entendemos que esse alimenta que ela é o que que

tinha de nutrientes mas como era feito naquela época botar uns para leitura. Estatuto da Igualdade racial lei 12.288 de 2010 2011 Dia Nacional 20 de novembro 2012 é a lei de cotas e a título de informação algumas universidades não usam além de cotas; em 2014 lei de cotas no serviço público; 2021 Injúria racial torna-se equivalente ao crime de racismo. Aprovada no senado. que é injúria racial, quando fala com uma pessoa sobre a sua cor da pele, seu cabelo, enquanto coletivo é racismo, mas agora, não tem isso mais, independente se foi comigo ou com outro e até no coletivo, a penalidade vai ser a mesma. Trouxe um exemplo de um professor, o qual me disse sobre essa diferença, mas o informei a respeito dessa lei. Enfim o projeto de lei de 2021 que torna racismo injúria racial. acabamos de ler a linha do tempo que vem apresentando o Marco histórico de uma conquista. nesse momento foi apresentando o alfabeto de pornografia negra que estava sobre a mesa o qual os alunos puderam olhar fazer leitura mas em casa e foi falando mostrando cada um a imagem sobre um Trindade que foi o autor do poema que nós lemos enfim nós temos conquistas e porque ainda acontece o racismo é nesse momento que eu proponho você que sejam antirracistas Vamos ser antirracistas. Vamos refletir o que vocês pensam sobre essas políticas sobre essas ações? Qual a opinião de vocês? racismo é crime.

E: Você tá falando baixinho, fala, fala.... Não vou falar com nenhum policial contra a lei do racismo. Nem policial comprei a lei do racismo só para o negro porque é negro.

E: Negro nunca foi respeitado.

P: Ou será que nós não conhecemos as leis e não lutamos por nossos direitos? O conhecimento é libertador.

E: Policial não sabe da lei, não conhece a lei, e mesmo assim é racista. Tem que ter muita força de vontade porque não é uma coisa rápida, por exemplo. se um policial faz isso, você vai denunciar ele é um policial. Então é assim a maioria dos policiais daqui gostam de vingar. e as pessoas ficam com medo de denunciar, e fica com medo porque é policial e aí não denuncia não corre atrás e ainda tem vergonha.

P: E se essa pessoa que sofreu o racismo fizer o disque denúncia? o que vocês acham?

E: Eu acho assim que tem que lutar para o seu direito eu super apoio.

P: Mas você acha que só eu deveria correr atrás de te denunciar se você não poderia estar comigo?

E: Não, eu acho que sim, todos juntos entende eu acho assim que um apoiando o outro um apoiando o outro que dá força.

E: Sim, isso aí a união faz a força.

P: É um movimento coletivo, um movimento nosso. Como foi lido no poema de Solano Trindade que fala assim negro na primeira estrofe quem foi que disse que a gente não é gente/ quem foi que disse que negro não é gente/ plantei Canaviais no nordeste/ plantei algodão no campo do Sul. É isso que precisamos entender, somos gente, somos pessoas quantas coisas foram feitas.

Nesse momento mais uma vez estudantes começaram a provocar os outros a falarem que falam o dia inteiro na sala o tempo todo e agora não fala e provocaram o outro Fala aí fala aí.

E: Bem foi como é como qualquer disse os policiais sabem da lei mas só que eles não seguem isso porque parece que quando eles colocam a farda dele eles pensam que eles são autoridade máxima que eles podem fazer o que eles querem e acham que tudo aquilo que ele faz é o certo o poder sobe à cabeça (nesse momento

é horrroso todos os estudantes falavam ao mesmo tempo todos Foi um momento de tensão todos concordando um com o outro sobre essa fala).

E: Sabe aquele ditado que o dinheiro sobe a cabeça o poder.

E: Não adianta quase de nada se a pessoa tem mais poder que o outro. a pessoa vem com uma autoridade maior sobre a outra a outra vítima a outra não pode fazer nada(novamente nesse momento foi extensão todos estudantes falando ao mesmo tempo que tomou difícil a captura de algumas falas que todos estavam concordando o quanto era difícil porque o policial autoridade e o outro com medo vai ficar quieto vai aceitar)

Nesse momento uma estudante está gelada sobre o seu pai que era policial Ela disse o seguinte: meu pai quando era policial estava normal no começo mas depois começou a fazer um monte de besteira quase matou um alguém Pelo que eu entendi parece que quando ele colocava farda ele ficava assim eu sou autoridade isso que eu faço aqui é o certo não importa se está errado.

Mais uma vez os estudantes começam a falar ao mesmo tempo.

E: O dinheiro sobe a cabeça autoridade é igual o dinheiro sobe a cabeça quando você tem muito deixa eu ver como eu vou dizer você tem dinheiro você tem aquilo você tem poder. Vamos lembrar no caso porque o policial já anda armado vamos começar por aí tem influência se influencia.

P: Nesse momento eu falei de uma matéria que é um concurso público no judiciário publicado no site do CEERT, para justamente dar mais oportunidade para pessoas negras. A fim de que haja mais Equidade no judiciário, que pessoas negras tem o lugar de fala que conheça a realidade, que reflita sobre o reconhecimento facial de que nem todo preto é igual que nem todo preto que mora na favela na periferia é malandro. nesse momento fiz a leitura das manchetes duas manchetes uma delas é a manchete vidas que não atrai cliques e fiz a leitura da Manchete essa é uma ação muito importante porque pessoas racistas falam que todo preto é igual isso não é verdade eu sou diferente da corretora pedagógica sou diferente da professora e filosofia nós somos diferentes.

E: Assim como os brancos são diferentes.

P: Justamente está entendendo que temos que desconstruir isso que somos diferentes.

E: Professora nós estamos aqui pegando muito no pé dos policiais o que acontece muito mas tipo a população em si por exemplo eu sou policial para o negro estou abordando negro e tipo assim eu não tô sabendo porque está sendo abordado a maioria da população Poderia ajudar porque é inútil lutar sozinho então tipo eu acho que é muita falta de senso de cidadão porque muitas vezes você passa você olha o negro sendo espancado sendo violentada e tal .E não procura saber o que aconteceu o que que ele fez que está sendo espancado sendo violentado aí pensa assim ah o problema é dele muitas vezes pensa assim e não faz nada então é meio chato ver isso na população.(Lázaro, nesse momento, após sua fala ele abaixa a cabeça)

P: Muito interessante a sua fala, você apresentou um egoísmo e precisamos pensar de uma forma coletiva somos todos nós responsáveis para diminuir se caso de violência contra a população negra quer que mais morre. existe relato de pesquisadores que adolescência a população negra são as que mais morrem têm menos chances de chegar aos 30 anos de idade.

Nesse momento, um estudante preto cochichou com o colega ao lado e disse: estou ferrado.

P: É contra essa realidade que precisamos lutar, quantas mulheres negras que morrem durante o parto, A violências não tem muito de saúde e outras situações, perante racista é pensar no coletivo ser todos nós responsáveis. exemplo aconteceu um caso na escola Ah foi só com a Sayonara deixa ela se virar é isso que temos que fazer? E então é sobre isso é procurar saber o que está acontecendo Às vezes pode ser até automático a criação que tem em casa e aí ela repete na escola aí vou ficar quieto não vou dar um toque vou falar com ela .

E: Professora, voltando ao assunto do policial a questão da gente olhar para uma situação e não fazer às vezes nada a policial a situação do policial e o negro é uma situação igual aconteceu com uma pessoa conhecida minha dentro da capoeira. na capoeira nós temos o sistema de graduação. Ah tá eu sou aluno e tenho meu professor que é o meu mestre assim vai eu aqui com o aluno que estou aqui embaixo Professor tá aqui e o mestre lá em cima assim aqui tá o policial e em cima está o delegado acima do policial e aqui embaixo está o cidadão um negro ou aluno. aí é assim nós estamos na roda de capoeira e acontece com alguém e o professor a gente que é aluno a gente não tem voz contra o professor ou mestre isso acontecer tipo o professor te barrou na roda porque aconteceu alguma coisa talvez que supostamente foi errado é como se fosse o cidadão assim Só pelo fato de você ser negro não tem um poder lá em cima superior você não vai ter voz contra ele é tipo isso é meu ponto de vista você não tem voz contra o policial. acontece a situação da capoeira porque na capoeira é a mesma coisa você não tem voz contra o professor não tem voz.

P: Mas nós sabemos que existem leis. E aí eu falei que no próximo ser eu vou trazer sobre o cantor que ele foi preso foi abordado por um policial por ser negro por causa do seu cabelo seu modo de vestir ele respeitou atitude do policial foi até a delegacia quando chegou lá ele se apresentou e o policial ficou sem graça ,Na delegacia que foi questionar sobre atitude da prisão qual foi o motivo porque por causa do cabelo por causa da cor da pele por causa da roupa que eu estava cantando não havia motivo. vocês entendem que não podemos reagir porque nossa vida que está ali mas que precisamos saber dos nossos direitos nossos leis deixa policial fazer ficar fazendo seu papel tudo bem. Você reagir não sei ele vai nos matar. Então vamos deixar ele fazer papel dele e depois uns questionar essa ação por exemplo conheço duas pessoas e chegaram a uma cidade de madrugada foram abordados pelos policiais bruscamente colocaram o carro em cima da calçada barrando essas duas pessoas outras pessoas não reagiram os policiais que te ajudou documento e quando uma delas entregou o documento disse ela falou assim. Ah por que você não falou que você era sargento? Por esse momento que o Sargento logo falou com o policial o senhor precisar fazer cumprir a sua função mas há algum problema e o policial pediu desculpa que era para ele poderia ter sido identificado antes ele liberou os dois. Aí vem... não é para ter tomado essa atitude. Por isso que precisamos ter uma diversidade dos espaços no judiciário para que essas atitudes não aconteçam tendo esse outro olhar sobre a pessoa negra.

E: Meu tio, PRETO, é policial e o dinheiro estava numa abordagem e ele foi abordar dois jovens brancos e tinha um moreno sentado na calçada em frente e ele foi fazer o papel botando esses meninos aí ele contou que tinha uma mulher olhando e o menino que estava sentado lá do outro lado sentiu ofendido e saiu dali E aí meu tio vai ficar meio os dois meninos brancos para delegacia aí a mulher pegou e falou assim aquele ali que era para ser preso e o senhor não levou preso aí na hora que

APÊNDICE H – QUARTO ENCONTRO: DIREITOS HUMANOS

P: Pode comentar qualquer texto que fala qual texto que vai comentar de 1 ao 6 só que chamou atenção aqui por que vocês acham que é importante conhecer os direitos conhecer esses canais.

E: O texto 4 eu acho que nem com as câmeras mudou muita coisa porque não é todo estado não todo o Brasil que tem principalmente lá fora eu acho que não tem não sei não vitimiza também porque recebe denúncia policial faz no bando faz graça na rua a câmera na camisa do policial não traz segurança podem dizer que desligou acabou a bateria não muda nada mesmo. A ética também não muda porque não tem pode ser regra pode ser uma punição mas não muda porque as pessoas não querem saber. A mulher negra policial preto são tão saciados a polícia a violência que não querem saber só porque virou bandido não teve oportunidade de emprego virou Marginal um molestador também não tem vítima.

P: Excelente contribuição sobre a falta de ética muito do ser humano não ter a ética alguns.

E: Parece que quando entra na polícia deixa de ter imunidade alguns.

P: Machado de Assis escreveu um conto O espelho que fala sobre a farda quando a pessoa coloca a farda ela muda é interessante também que não seja de guerra de Cachoeiro tem uma frase no muro que diz o seguinte: a farda não abafa o cidadão que tem dentro do peito. Mas sabemos que abafa e muito porque parece que quando coloca a farda Como diz no conto de Machado de Assis a pessoa parece que esquece que é um cidadão.

E: Esquece que tem filhos que tem sobrinha avó que tem mãe, ele esquece o policial esquece.

P: Mesmo que o número seja tão significativo desse texto sobre o uso das câmeras, os policiais em São Paulo, como você disse, significam 63%, mas é só uma amostra e o restante do país?

E: Acho que nem precisaria disso né dessa câmera se a pessoa tivesse um pouquinho um pingo de senso. E a hora que o país está fazendo para acabar com isso (RACISMO) estou investindo para acabar com uma coisa que seria simples se você simplesmente respeitasse tipo...

P: Tivesse a ética.

E: É a ética não tem necessidade que a pessoa tipo... ah é claro tem necessidade que o país em vez de tal... o certo é certo. mas tem que colocar gravador e policiais do próprio ser por ele falar é tão mal... a gente tem que ser vigiado entendeu?... Por um lado é certo sim mas não precisava por causa dele se fosse mais ético, que você fala.

E: Eu queria abordar o texto cinco aqui no texto fala “vítimas de violência policial tem direito a recebimento de indenização por danos morais diante disso o primeiro passo a denunciar por um dos seguintes canais” tem que ter mais sentido eu não vejo isso passar em jornais não passa em novelas Vendo a novela de época que está passando patroas das pretas, acho que é isso né pessoalmente a novela de época tem a Beatriz que sofre racismo, por uma coisa que ela nem fez . Mas não tem isso em casa não tem esses direitos de fazer denúncia para esses canais a por exemplo uma pessoa apanhou de um policial hoje aí todo mundo vai falar ah mereceu desrespeitou Ah assim vai lá denúncia Ah mas você vai denunciar não você está se defendendo e estão gostando das outras pessoas que podem fazer o mesmo tipo alguém foi roubado um cara Branco roubou uma cara negro aí vai lá vai

na polícia a polícia vai fazer o quê será que isso aconteceu mesmo? É verdade? foi que dia? precisa ter sentido Não só pelo dinheiro mas pelo respeito. Tem que mostrar que o homem branco que assaltou merece a punição pelo que ele fez. E não adianta bater não vai resolver quem apanha não esquece você pode bater hoje mas quem apanha não esquece eu nunca esqueci as agressões da minha mãe nem do meu pai os puxões de cabelo nunca esqueci. Nunca esqueci uma agressão que minha mãe sofreu pelo policial que quis defender uma mulher cujo marido estava sendo preso e minha mãe era negra.

P: Assim sabemos que a violência o racismo marca muito no psicológico de quem sofre da vítima e isso demora para ser curado né como uma ferida no braço psicológico demora muito tempo precisa de acompanhamento de cuidado.

E: Professora eu queria falar sobre o texto cinco também qual ela falou: A respeito de violência policial tem direito a recebimento de indenização por danos morais, mas se a pessoa sofre violência e... talvez... vamos supor que... Igual aquele caso que teve nos Estados Unidos que a pessoa sofreu violência e morreu por falta de ar como ele vai ser indenizado? para que ele vai receber indenização? Porque a família não vai querer ser indenizada ela quer justiça eu vou querer ser indenizada pela morte de... vamos supor do meu marido para quê? Eu não quero isso, eu quero Justiça que seja presa a pessoa que fez isso então assim por esse lado é meio sem sentido de ter indenização, mas se a pessoa sofrer indenização e conseguir sair viva né.... Aí já é outra história.

P: É muito importante também ter a divulgação desses canais não é divulgado no torna público mas também não é essa a intenção a gente vê uma relação de poder muito grande mesmo. Quem tem o poder tem a caneta na mão tenho conhecimento o conhecimento é libertador (QUANDO APONTO PARA AS OBRAS EXPOSTAS NO CENTRO DO CÍRCULO) Todos esses autores que chegaram daí publicação de seu livro tiveram suas enfrentamentos, não foi fácil mas foram resistentes por exemplo Machado de Assis escritor brasileiro, as suas pinturas sempre foram com a sua pele em tom mais claro porque se fosse apresentado como negro não seria aceito na sua época século 19. E compartilhe com vocês a potência de escritor representante da nossa literatura brasileira, fundador da Academia Brasileira de Letras. E tantos outros também, por exemplo Carolina Maria de Jesus e teve a sua obra sendo reconhecida tempos depois O quarto de despejo, que foi usado no Enem do ano passado desse ano com questões utilizados tema da internet sobre cuidados. Frantz Fanon que é um psiquiatra. O estigma da cor, cuja autora é evangélica. Kabengele Munanga, professor da USP e tantos outros Nilma Lino Gomes, “o ódio que você semeia” que virou filme. Milton Santos que fala sobre geografia é um geógrafo que fala sobre o território e o racismo ambiental. Quem quiser comentar pode ficar à vontade e pode pegar o livro para vocês folhearem.

E: Esse livro “quando me descobri negra” é o livro que a Grazi passou para a gente. Nesse livro tem alguns contos que são bem profundos também e quando eu li Fiquei emocionada sabe o que é você sentir que a pessoa sentiu? você vai lendo você vai se aprofundando você consegue ver e sentir mesmo o que aquela pessoa passou. você vai lendo parece que você tá junto com ela naquele momento sabe... você vai começando a sentir as coisas então... eu gostei daquele livro por causa disso porque me identifiquei bastante com as coisas que estão ali com certos contos.